

Samuel MATTOS & Apolônio BRITO

APOLÔNIO, o multiplicador

2ª edição revista e ampliada



Apolônio,
o multiplicador



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETOR DA EDITUS

JORGE MORENO

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente

Evandro Sena Freire

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Dorival de Freitas

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Marcelo Schramm Mielke

Maria Laura Oliveira Gomes

Marileide Santos Oliveira

Lourival Pereira Júnior

Raimunda Alves Moreira de Assis

Ricardo Matos Santana

Samuel Mattos &
Apolônio Brito

Apolônio, o multiplicador

2ª edição revista e ampliada

Ilhéus - Bahia



2012

©2012 by SAMUEL MATTOS & APOLÔNIO BRITO

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

1ª edição 2011
2ª edição revista e ampliada 2012

PROJETO GRÁFICO E CAPA
George Pellegrini

FOTOGRAFIA DA CAPA:
Adobe house 1 - Iran Araujo

REVISÃO
Aline Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M435 Mattos, Samuel.
Apolônio, o multiplicador / Samuel Mattos, Apolônio Brito. – 2. ed. rev. ampl. - Ilhéus, BA : UESC, 2012.
207 p. : Il.

ISBN 978-85-7455-287-3

1. Brito, Apolônio, 1919-. 2. Biografia como forma literária. 3. Autobiografia. I. Brito, Apolônio, 1919-. II. Título.

CDD 809.93592

Dedicatória

Samuel Mattos

Para Ana Cândida, filha, cuja vida complexa e simples me veio trazer amadurecimento, mais compreensão do mundo e de mim próprio;

para Isis, esposa, pela parceria graciosa que muito me alegra e complementa:

para Damares, mãe, que por mim tudo fez, a quem devo o fôlego de vida e um grande investimento de amor:

para Guilherme (*in memorian*), pai, pelo humano e amigo exemplo de profissionalismo;

para Ivana e Rebeca, irmãs, pela útil e agradável amizade com que sempre contei, estando perto ou longe;

para todos que fazem parte, de forma prazerosa, da minha vida finita.

Dedicatória

Apolônio Brito

Para Isabel Teodoro Brito, *in memoriam*,
diamante que me chegou polido;

para meus seis filhos, minhas joias: Adel, Iris, Isis,
Adiel, Aziel e Isabela;

para meus netos, da linda geração: Ruth, Sarah,
Kiri-Una, Wynne,

Emyr Apolônio, Aécio Segundo,
Eliel, Luisa e Isabel;

para meus bisnetos, os novos encantos de minha
vida: Gabriela e Gabriel;

para as pessoas que me reconheceram como amigo,
do Maranhão à Bahia.

Agradecimentos

À Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

A todos os que contribuíram para a realização
deste trabalho.

Minha história

(João do Vale)

Seu moço, quer saber, eu vou cantar num baião
Minha história pra o senhor, seu moço, preste atenção
Eu vendia pirulito, arroz doce, mungunzá
Enquanto eu ia vender doce, meus colegas iam estudar
A minha mãe, tão pobrezinha, não podia me educar
A minha mãe, tão pobrezinha, não podia me educar
E quando era de noitinha, ameninada ia brincar
Vixe, como eu tinha inveja, de ver o Zezinho contar:
- O professor raiou comigo, porque eu não quis estudar
- O professor raiou comigo, porque eu não quis estudar
Hoje todos são "doutô", eu continuo João ninguém
Mas quem nasce pra pataca, nunca pode ser vintém
Ver meus amigos "doutô", basta pra me sentir bem
Ver meus amigos "doutô", basta pra me sentir bem
Mas todos eles quando ouvem, um baiãozinho que eu fiz,
Ficam tudo satisfeito, batem palmas e pedem bis
E dizem: - João foi meu colega, como eu me sinto feliz
E dizem: - João foi meu colega, como eu me sinto feliz
Mas o negócio não é bem eu, é Mané, Pedro e Romão,
Que também foram meus colegas, e continuam no sertão
Não puderam estudar, e nem sabem fazer baião

Sumário

13	Nota do autor
19	Seca, migração e assentamento
22	Escambo
22	Suor e festa
25	Açúcar e rapadura
26	Cachaça e fumo
27	Infância e brincadeiras
29	Crecência Marques dos Santos, mãe
30	Hilário Pereira de Brito, pai
31	Chefe de senzala
32	Escravo por um ano
34	Educação pelos pés
36	Caminhos e garimpos
38	Largo do Sol
40	Jacundá e cati
42	Dezesseis quilates
46	O bom filho à casa torna
47	Barra do Garças
48	Barbosa
49	Chapada e planalto
51	Jalapão e Pedra da Baliza
57	Corrente e Instituto Batista Industrial
64	Aprovado
65	Rotina e boas notas
69	Epidemia
70	Moeda própria
71	Pecado e cisão
75	O bom filho à casa torna, pela segunda vez
77	Pensão e sobrevivência
78	Dr. Robert Elton Johnson
82	Isabel Teodoro Silva e internato feminino
86	Férias e pregações
95	Santas Missões

- 97 Recife
- 105 Rotina escolar
- 107 Crecência Marques dos Santos (... - 1950)
- 107 De volta a Corrente-PI
- 109 Rio de Janeiro
- 111 Tijuca
- 114 Vendo o Invisível
- 116 Namoro à distância
- 118 Taquara e casamento
- 122 Ilhéus, Itabuna e Igreja Batista Teosópolis
- 126 Construção e incompatibilidades, início
- 130 Pastores e padres
- 131 Bicicleta e evangelização
- 134 Batismo
- 135 Isa Brito (1959 - 1964)
- 138 Filosofia
- 140 Rede Municipal de Ensino
- 142 Administração financeira e dízimo
- 145 Negociação e saída
- 148 Escassez e fé
- 150 Una e roça
- 154 Retorno a Itabuna
- 155 Igreja Batista Missionária
- 162 Educandário Isa Brito
- 168 Sobe até em pau
- 172 O bom filho à casa torna, pela terceira vez
- 175 Impacto
- 177 Câncer e cura
- 178 Retorno à Corrente
- 181 Isabel Teodoro Brito (1927 - 2007)
- 182 CEIFAS
- 182 AMBEC
- 183 Aposentadoria compulsória
- 186 Teologia, filosofia e vida
- 194 Curiosidades sobre Apolônio Brito

Nota do autor

Aos nove anos de idade, tive o privilégio de conhecer Apolônio Brito e sua família. Para mim, ele era não só o pastor da Igreja Batista Missionária, no bairro do Banco Raso, e respeitado educador na cidade de Itabuna, no Sul da Bahia. Era alguém carismático e bondoso, de quem muito me aproximei, tornando-me, inclusive, amigo dos seus filhos. Aliás, grande parte daquela infância nos anos de 1970 foi vivida no seu sítio em Una-BA, onde pescávamos tucunaré, comíamos pitu, jaca e tomávamos banho de rio.

Trinta e três anos depois, vi-me compungido por mim próprio a escrever sobre aquele homem que conheço desde a infância. Entendo, pois, que sua extraordinária trajetória de vida tem sido um exemplo de determinação, coragem e esperança para minha geração e certamente o será para as próximas.

Do sertão do Maranhão ao Rio de Janeiro, e de lá para o Sul da Bahia, Apolônio fundou igrejas e escolas, conheceu riqueza e pobreza, recebeu críticas e honras, estudou teologia (no Rio), filosofia (na Bahia) e

sabedoria na escola da vida, cuja primeira professora foi sua mãe, Crecência, que fora proibida de estudar. Assim, oriundo do reino da rusticidade e da injustiça, Apolônio se tornou um ilustre mensageiro do Reino da Justiça e do Amor, sua marca maior.

Em *Apolônio, o multiplicador*, tento reproduzir (conforme ele mesmo me contou) a história desse personagem (e dessa personalidade) em suas andanças num Brasil marcado por garimpos, jagunços, ignorância, religião e desmandos nas terras do Maranhão, Pará, Goiás e Piauí, como se percebe nos primeiros capítulos do livro. Nos capítulos subsequentes, acerca do Rio de Janeiro, observa-se sua experiência com o “progresso” proveniente da industrialização, somado à presunção da “civilização do cacau”, no Sul da Bahia. Como pano de fundo, as disputas de poder entre católicos e protestantes, os conflitos entre religiosidade e liberdade, ostentação e sabedoria, fartura e miséria, as diferentes formas de luta pela vida e pelo respeito ao que se é.

No que tange à formatação deste livro, por muito fiquei em dúvida acerca de como desenvolvê-lo. Além da minha não grande familiaridade com trabalhos em prosa, percebi que as palavras do personagem eram vivas demais para que eu as alterasse significativamente ou tentasse torná-las minhas. São, pois, originalmente simples e trazem consigo o cheiro do campo, do mato, jeito de ser de um povo. A propósito, na condição de

supostamente urbano, rendi-me à singularidade das expressões idiomáticas, dos provérbios populares, do sotaque rural que Apolônio preserva como forma inconfundivelmente identitária. Portanto, creio que meu labor aqui tenha sido mais o de um organizador de textos, numa reescrita, um burilador de joias ou talvez um descobridor de tesouros.

Nessa lida, lembrei-me do grande escritor Jorge Amado, que foi um contador de histórias. Fazia questão de escrever da forma como o povo falava e assim levou a cultura popular às elites intelectuais. Poderia ainda mencionar o cineasta Miguel Faria Junior, que expressou ter tido dificuldades ao produzir o filme *Vinícius* (2005). A princípio, seria uma obra de ficção, mas terminou sendo um documentário emocionado. O personagem Vinícius de Moraes (1913-1980) tinha, pois, tanta força e estava ainda tão vivo no imaginário das pessoas que seria inaceitável representá-lo através de um ator. Assim, o cineasta carioca optou por mostrar nas telas o próprio Vinicius, somado a depoimentos de artistas que com ele conviveram. Outro caso afim talvez seja o do livro que li em Los Angeles, em 1993, e que muito me marcou: *Autobiografia de Malcom X*. A obra, escrita na primeira pessoa, é assinada por Alex Haley, que organizou, sistematizou e reproduziu as histórias que ouvira do próprio Malcom. O grande líder afroamericano estava marcado para morrer e tinha pressa em contar o que vivera.

Dessa forma, decidi trilhar pelo mesmo caminho, o da primeira pessoa. Entendo que assim se valoriza mais o personagem, sua linguagem e sua história. A presente obra, portanto, é um conjunto de histórias que ouvi do próprio Apolônio Brito e de pessoas que com ele conviveram. Os fatos e casos são, por vezes, acompanhados dos elementos que sempre foram indissociáveis à sua vida: textos bíblicos, hinos e cânticos protestantes. As fotografias, do seu acervo pessoal, e os mapas extraídos do Google Maps (com trajetos e distâncias em quilômetros percorridos a pé), servem também para ilustrar e elucidar informações. Por sua vez, as notas de rodapé, em caráter de glossário, de cunho teológico, eclesiástico ou técnico, no caso dos jargões relacionados ao garimpo e à cultura popular sertaneja, originam-se de explicações e esclarecimentos fornecidos pelo próprio Apolônio. Em alguns casos, as informações foram ampliadas com auxílio do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, edição *online*. Ademais, para maior contextualização, somando-se aos depoimentos, escolhi letras de música de dois compositores nordestinos cujas trajetórias muito se assemelham à do nosso personagem: o pernambucano Luiz Gonzaga e o maranhense João do Vale. As histórias cantadas pelos dois artistas tratam de lugares, costumes e questões sociais que se irmanam com as narrações de Apolônio. Vale ainda ressaltar que, como o personagem deste livro,

ambos os compositores saíram de suas respectivas terras para ganhar a vida longe de casa, visto que ali as condições não lhes eram favoráveis.

Quanto à linguagem, tentou-se mantê-la quase que na íntegra, ora formal, ora popular, de modo a expressar os dois mundos do Apolônio: o sertanejo e o acadêmico. Então, tem-se aqui um relato do homem que tem vivido a duras penas. Um homem que tinha tudo para ser mais um, mas se transformou em único. Daí a ideia do multiplicador, pelo fato de, do nada, criar algo, com pouco, fazer-se muito.

Nesta segunda edição, além das correções feitas, foram inseridos depoimentos dos seis filhos de Apolônio Brito. Os textos simultaneamente ratificam e engrandecem a imagem do Apolônio pai e, consequentemente, contrastam com a problemática relação pais e filhos no contexto da disfunção familiar do século XXI.

Apolônio, o multiplicador

Seca, migração e assentamento

Nasci no dia 07 de janeiro de 1919, num lugar chamado Pé da Ladeira, próximo a Loreto, que também era perto de São Raimundo das Mangabeiras, no Maranhão. Essa data foi estimada pelo tabelião da cidade de Corrente-PI, quando lá cheguei em 1944 e precisei de uma certidão de nascimento. Eu realmente não tinha documento nenhum e nem sabia a minha idade. Do lugar de onde venho, as pessoas não se preocupa-

vam muito com isso. Ninguém tinha documento.

- “Quando o senhor nasceu, não registraram o seu nome?... É um papel com seu nome, feito no cartório... Como é que pode? Tem que ter certidão... O senhor se lembra de algum acontecimento importante quando era pequeno?... Quando foi essa seca no Maranhão? E na enchente, o senhor tinha quantos anos?... O senhor já ouviu falar da Revolução de 1930? Getúlio Vargas?... Olhe, vamos considerar que o senhor nasceu em 1919, e pronto. E o dia... foi 07 de janeiro”.

Quadro 1 - Cronologia comparativa – 1919

A Rádio Clube de Pernambuco realiza a primeira transmissão radiofônica do Brasil.	Na França, é assinado o Tratado de Versalhes, que põe fim à Primeira Guerra Mundial.
-----------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

Meus avós chegaram ao Maranhão vindos do Ceará e se alojaram na margem de um brejo de nome Macaxeira, também chamado Itacuruzinho. Uns se alojando ali, outros lá adiante, algum reduto crescia mais do que outro... o dos Passarinho, por exemplo, cresceu muito. Era muita casa, uma atrás da outra, tudo na beira do brejo. A família era grande. Começou pequena, mas foi rendendo. Lá casava tudo no meio da família. Não podia casar fora, não. Só não casava irmão com irmã, mas primo com prima podia. Acho que era pra não ter gente estranha na família e nem desperisar recurso. Tudo que a gente ganhava ficava no meio de uma família só. Os casamentos eram abençoados

pelos mais velhos... e bastava isso. A bênção era dada na fogueira de São João. Ali ficavam os compadres, comadres, afilhados... tinha batismo, tudo era na fogueira. Saía com par dado braço rodeando a fogueira. Tinha jura pra São Pedro, São Paulo, todos os santos: “Juro por todos os santos que fulana de tal é minha esposa. Juro por todos os santos que fulano de tal é meu marido”... e assim por diante. Aí o chefe da família abençoava e ficava abençoado. A gente construía casa ali mesmo. Era casinha de palha, tapada de barro, casa de sopapo, e assim a família ia aumentando.

Os primeiros desse povo se mudaram pro Maranhão e Goiás por causa da seca. O lugar onde a gente morava era meio de caminho pra quem ia pro Goiás. Talvez por isso o nome também fosse Pé da Ladeira.

Ali cultivaram os brejos, plantando arroz, cana, mandioca e algodão. Meus avós já conheciam cana e mandioca no Ceará. A gente fiava o algodão pra fazer roupa, fiava no pente do tear. Tinha muita caça e pesca também. Nasci nessa cultura... tava sempre plantando cana, produzindo farinha, açúcar, rapadura, cachaça. Todo mundo bebia cachaça, até as crianças. Tinha cachaça de adulto e cachaça de criança, que era mais fraca. Acho que aquele foi o primeiro foro tirador de cana, cachaça, mandioca naquela região. A gente vivia disso. E tudo era feito lá. Era tudo à mão e todo instrumento era de pau: descaroçador, bolandeira movida a boi, tear chamado pente, tudo de pau. A gente produ-

zia um pouco para vender, mas a maior parte era pro consumo.

Minha mãe servia nossa comida numa gamela de pau. Todo menino comia junto, com as mãos... era feijão, arroz, milho, galinha, tudo misturado.

Escambo

A cidade mais próxima era umas cinquenta léguas de distância, mas ainda assim vendia alguma coisa lá. Os lugares eram São Félix, Uruçuí, Floriano e mais adiante Teresina, capital do Piauí. Era tudo beirando o Rio Balsas. Nessas cidades, o que se vendia mais era farinha. Com o dinheiro, a gente comprava sal e quando sobrava comprava alguma coisinha... algum pano. Pano riscado era pra homem e chita era pra mulher. Mas dinheiro mesmo era pouco, quase não se via. Na maioria das vezes, a gente trocava mercadoria uma pela outra. Trocava produtos por prego, enxada, sal. O sal era pra dar pros bichos. A gente criava porco e galinha. Comida boa pra porco era buriti. Buriti servia pra alimentar os bichos, pra fazer sabão, servia pra tudo. A gente também comia buriti. É bom.

Suor e festa

A gente trabalhava muito, mas se divertia também, geralmente no final de semana. Nas festas, a gente botava um varão pro povo se sentar, rodeando a casa. Tinha muita cantiga, muita roda de música. A gente

cantava a noite toda, batia cabaça de cuia, tirado o miolo. Ficava só o casco pra dar som. A gente também tocava bandolim de talo de buriti e corda de rabo de cavalo. De vez em quando, vinha um de fora pra tocar viola de pau com corda de arame. Tinha um tocador de viola de nome Zé Brejo que era famoso. Uma vez ou outra é que aparecia um sanfoneiro. Sanfona naquela época já era uma coisa sofisticada. Todo mundo ficava impressionado com aquilo, aquele som bonito...

Nessas festas, o povo bebia cachaça de todo tipo: cachaça com gengibre, cachaça com mel, cachaça-bananinha... e era homem, mulher e menino, todo mundo bebendo. A gente bebia, cantava, dançava noite a dentro. Era festa de casamento, novena, coisa assim. Às vezes, tinha briga também, por causa de mulher, por causa de marido ciumento, cabra valente demais...

Forró de Mané Vito

(Luiz Gonzaga / Zé Dantas)

Seu delegado, digo a vossa senhoria
Eu sou fio de uma família
Que não gosta de fuá
Mas tresantontem
No forró de Mané Vito
Tive que fazer bonito
A razão vou lhe explicar
Bitola no Ganzá
Preá no reco-reco
Na sanfona Zé Marreco
Se danaram pra tocar
Praqui, prali, pra lá
Dançava com Rosinha

Quando o Zeca de Sianinha
Me proibiu de dançar
Seu delegado, sem encrenca
eu não brigo
Se ninguém bulir comigo
Num sou homem pra brigar
Mas nessa festa
Seu dotô, perdi a carma
Tive que pegá nas arma
Pois num gosto de apanhar
Pra Zeca se assombrar
Mandei parar o fole
Mas o cabra num é mole
Quis partir pra me pegar
Puxei do meu punhá
Soprei o candieiro
Botei tudo pro terreiro
Fiz o samba se acabar.

Tinha dança que segurava no braço do cavalheiro, mas era de longe... tinha outras que já era junto, acochado. Tinha baião que era rodado, parecendo peru quando tá rodeando a perua. Tinha dança que era sapateando, as mulheres assim corrompiando no meio e os homens por fora... e a cachaça comendo. Eu sei que fazia isso a noite toda e não me cansava. Uma das cantigas que eu me lembro era assim:

Vou atrás da abelha mestra que fugiu do meu cortiço
Ainda ontem à tardezinha trabalhou no meu serviço
Panhô barro no meu barreiro e bebeu no meu lagardiço
Foi meu canário embora, foi meu canário embora...

Um dia, bem no meio da festa, apareceram lá uns

jagunços e aí parou tudo. Mandaram todo mundo ir embora, disseram que iam dormir lá e que queriam água e comida. Ficaram lá em casa por uns três dias e a gente servindo eles de tudo. O chefe deles olhou prum porco gordo e perguntou: “De quem é aquele porco?” Aí meu irmão falou: “É meu”. E o homem disse: “Era seu”. Daqui a pouco esse homem puxou o rifle e atirou no porco. “Agora pode preparar... e quero bem assado”.

Açúcar e rapadura

Tínhamos lá um engenho de moer cana, todo feito de pau. Eram três moendas de madeira, de modo que uma fazia a outra girar. No meio ficava a manjarra, que era ligada a uma bolandeira. Isso tudo era movido a animal, um boi. O boi andava em círculo, puxando aquilo, enquanto meu irmão enfiava as canas na moenda. Meu trabalho principal era tanger o boi com uma taca, pra ele não parar. Comecei naquele trabalho quando eu tinha uns oito anos de idade. Para que eu não caísse se sentisse sono, minha mãe me amarrava com um lençol no varão da manjarra. De vez em quando, eu cochilava, o lençol esticava e eu acordava pra tanger o boi. Aí gritava “êeeeeeeee, boi”. Quase a produção toda de açúcar e rapadura era tarefa das crianças. A gente lavava a cana, moía, coava, fervia o caldo, esperava secar e guardava já na forma de açúcar ou rapadura. Eu e meus irmãos trabalhávamos nisso.

Cachaça e fumo

A cachaça era fabricada num panelão de barro, com chaminé. Era uma coisa bem rústica. Era uma espécie de alambique todo de barro. Um dia até apareceu por lá um galego vendedor, chamado Italiano. Ele vendia coisas de alumínio e cobre. Aí compramos uma caldeira de cobre, com serpentina. Assim facilitou bastante a fabricação de cachaça. Fazer cachaça não é difícil, não... aquela primeira cabeça que sai é o álcool forte, álcool puro, que a gente jogava pro alto e não caía uma gota no chão, evaporava tudo. Essa não presta pra beber, quem beber morre. Depois que já começava a cair no chão é que era a cachaça boa. De vez em quando a gente bebia pra experimentar. Aí um perguntava: “Tá ficando fraco?” E outro respondia: “Tá, tá boa”. Nesse processo, a gente fazia três categorias de cachaça: álcool puro (que era jogado fora), cachaça (que era para os adultos) e caxixi, que era para as crianças. Caxixi também era o tipo bom pra pegar raposa. É só botar lá que ela vem atraída pelo cheiro da cachaça. De vez em quando, a gente encontrava raposa caída, embriagada. Ai era só matar e comer. Tinha raposa chupa-cana, raposa-guaxinim, que era chamada cachorro-do-mato.

A gente também cultivava fumo pau ronca, aquele bem forte, puro. É fácil fazer... quebra a folha, corta o talo, bota pra curtir e enrola. Serve pra mascar ou fumar mesmo, pra fazer cigarro, charuto, qualquer coisa. A gente fazia só pro consumo... mas o certo é fumar

no cachimbo, pra não engolir aquela fuligem chamada sarro. O sarro que fica no canudo do cachimbo é veneno puro. Aquilo serve até pra matar cobra. Se a cobra sentir aquele cheiro, cai dura na hora. Eu mesmo, menino, já fumava, cheirava rapé, todo mundo fumava uma coisinha.

Infância e brincadeiras

Eu e a meninada toda trabalhávamos muito. Era trabalho o dia todo, todos os dias trabalhando com os pais. Lá não tinha esse negócio de criança não trabalhar, não. Era trabalho e muito. Brinquedo de menino era trabalho. E também não tinha merenda. Eram somente as refeições servidas por minha mãe, e pronto. Às vezes, a gente chegava perto de casa e pedia café ou alguma coisa de comer. Aí meu avô dizia: “Merenda pra menino é taca”. E a gente corria de novo, pra brincar. No domingo é que a gente brincava o dia todo, sem precisar trabalhar. A gente saía pra brincar com os vizinhos de Nossa Senhora do Macaxeira, Pé da Ladeira e outros povoados por perto. A turma fazia flecha de pau pra matar calango, galinha. A gente brincava de cavalo, montado num cavalo de pau. Botava as rédeas, brincava de vaqueiro, de tanger boi. Na verdade, quase não tinha boi por lá. O que tinha muito era porco. Então a gente corria pra lá e pra cá tangendo porco... mas não tinha cercado nem chiqueiro. Era tudo criado solto. Era

galinha, porco, menino, tudo junto. A gente gostava também de tomar banho na presa, no riacho. Lá não tinha banheiro. Todo mundo tomava banho em riacho, presa, rio, mas era separado homem de mulher. Tinha a fonte dos homens e a fonte das mulheres. E tinha também aqueles indivíduos de má conduta que ficavam escondidos pra ver mulher tomando banho. Naquele tempo, todo mundo usava roupa lá embaixo. Pra ver mulher nua era difícil, só escondido na moita perto da fonte. De vez em quando, chegava uma irmã minha gritando: “Apolônio, Sebastião, lá perto da fonte tem uns muleque escondido pra ver a gente”. Aí outra falava “É Pedro, Luís, Evaristo e Sulino”. Um dia, nós fomos atrás deles, eu e Sebastião, até encontrar. Eles já tavam avisados que se ficassem na moita de novo iam apanhar. Naquele dia, foi uma guerra lá na beira do córrego. Foi briga de tapa, tapa de chapéu de couro na cara, foi uma desgraceira.

Outra coisa que a gente fazia, quando juntava a meninada, era ver revista. De vez em quando, alguém arranjava uma revista e levava pra lá. A gente olhava as figuras e imaginava as coisas. Bicicleta mesmo eu só conhecia da revista. A gente via a figura dela e se perguntava: “Mas como é que se munta nisso? Não cai, não?” A gente achava que aquilo era coisa de revista, que não existia. A primeira vez que eu vi uma bicicleta de verdade foi no Piauí, quando eu fui estudar.

Crecência Marques dos Santos, mãe

Do povo de lá, minha mãe era das mais respeitadas, pela criação que tinha. Muito trabalhadora, uma pessoa honesta. Era filha de um dos proprietários dali. Nasceu e se criou ali. Casou-se com um das famílias que chegaram, gente dos Passarinho, que foi uma das que mais sobressaiu no lugar. Moravam meu avô, meu pai e um filho dessa família chamado Ceará, que era o Manoel Canário.

Minha mãe era muito ativa, inteligente, mas não teve oportunidade de estudar porque o pai dela não permitia que mulher aprendesse a ler. Ele sempre dizia: “Pra que mulher quer aprender a ler e escrever? Pra mandar bilhete pra homem”? Nessas horas, minha mãe retrucava pelos cantos: “É melhor mandar bilhete do que mandar recado”. Eu também me lembro que ela dizia: “Apolônio, dinheiro de papel, a traça come. Moeda, a ferrugem estraga, e gado é saco de capim. Só o conhecimento é que morre com seu dono, e enquanto ele viver, carrega pra onde for”.

Um dia chegou lá um cidadão, um professor, que abriu uma escolinha pra alfabetizar o povo. Minha mãe teve muita vontade de aprender, mas meu avô não permitiu. Só as crianças é que aprenderam a fazer o nome. Cada um tinha uma pena de pavão ou de peru pra escrever. A gente fazia tinta de casca de aroeira ou de pau de rati. A gente lava e corta o pau de rati pra largar aquela tinta. Depois apura até ficar grossa

e aí já serve pra escrever o abczinho. Quando a gente ia numa cidade comprar alguma coisa, trazia papel de embrulho e daquele fazia um caderno. Mas de um modo geral, ali não tinha ninguém que soubesse ler. Todo negócio era feito de recado.

Outra vez, passou por lá um sujeito que sabia ler, mas ninguém acreditava. A gente pensava que era mentira, que ele inventava as coisas que estavam no papel. O povo ria daquilo.

Hilário Pereira de Brito, pai

Meu pai era cearense, mas por parte dos avôs. Ele nasceu dentro da seca grande, uma seca muito rigorosa que mudou várias famílias do Ceará pra outros cantos. O povo saiu procurando recuo, onde chovesse e tivesse mato pra trabalhar. Meu avô já chegou lá com esse menino. Ele nasceu no Ceará ou foi no caminho... não sei bem, mas foi criado nesse lugar ruim no Pé da Ladeira. O fato foi que eu não tive o privilégio de lembrar muito de meu pai. Ele morreu quando eu era bem pequeno, na faixa de uns dois ou três anos. Não tenho lembrança dele de jeito nenhum... mas era muito trabalhador. Por isso é que eu nasci com essa coragem pro trabalho. Aí meu avô tomou conta de mim e dos meus quatro irmãos. Depois é que minha mãe se casou outra vez e gerou mais seis filhos com o segundo marido, que também morreu cedo, antes de criar os meninos. Foi nesse momento que eu assumi a

direção da casa. Eu tinha na faixa de nove pra dez anos quando assumi a casa e criei meus irmãos. Eu é que buscava água, buscava lenha, pisava arroz, ia atrás de menino, fazia de tudo.

Chefe de senzala

Antes de vir pra Macaxeira, meu bisavô foi chefe de senzala lá no litoral. Era escravo dos mais respeitados. Todo mundo tinha medo dele. Chamava-se Zé Bonfim. A palavra dele todo mundo parava pra ouvir e pra pedir a bênção a gente tinha que ajoelhar. Ainda lembro do meu bisavô... tenho o retrato dele na cabeça. Era escuro, do cabelo agarradinho no casco, parecia abelha, e os olhos gatiados, nem pretos nem azuis. O povo dizia que isso era coisa de nego manhoso, nego do zoio gatiado.

Eu ouvia muita história da escravatura que meu avô contava. A gente ia pra casa dele de noite, fazia fogueira... enchia de gente sentada na esteira. E ele contava as histórias... conhecia tudo. Eu não alcancei esse tempo da escravidão, mas vi muita gente que foi escrava, gente marcada com ferro, gente queimada, isso na minha família mesmo.

Um dia cheguei na casa dele, assim de longe, e falei: “Bença, vô”. E ele me disse: “Eu sô onça, seu muleque”? Por quê cê num vem cá perto”? Aí eu tive que me aproximar e dizer de novo: “Bença, vô”. E ele disse “Deus te abençoe”. Isso foi na frente de todo mundo.

Fiquei envergonhado diante do povo.

Esse era meu bisavô... agora avô mesmo era de nome Francisco Raimundo Passarinho, de pai, e o materno era Francisco dos Santos.

Lembro que eles andavam sempre descalços. O povo tinha muito esse costume de andar descalço, com o pé no chão. O primeiro calçado que eu tive na minha vida foi feito de couro de anta. A gente chamava percata. Depois as mulheres usaram um tamanco feito de pau.

Escravo por um ano

Minha irmã Margarida queria se casar com um indivíduo chamado Félix Pubeiro. Ele fazia farinha de puba, daí o nome “pubeiro”. Aí minha mãe fez um acordo com um coronel fazendeiro chamado Antonio Nena, casado com Dona Silvana Muchiba. O acordo foi o seguinte: ele pagava o enxoval e eu trabalhava pra ele por um ano. Como eu era um dos mais velhos e melhor para o trabalho, fui escolhido para ir embora com o homem. Por causa de um enxoval de cem mil réis, trabalhei 360 dias na fazenda dele. Eu tinha uns onze ou doze anos nessa época.

Lá eu não tinha direito a nada, só trabalho o dia todo. Eu acordava às 04h da manhã para buscar água para os animais. Dava umas quarenta viagens carregando água no lombo. Era pote, lata, cabaça d'água... subia serra e descia serra carregando água. Até por

volta das 8h da manhã, carregava água pra abastecer os animais e a casa do patrão. Quando terminava, tomava café com coalhada, servido pela Dona Silvana. Depois de umas nove horas da manhã, começava a pisar arroz e grosar couro até o final do dia. Eu raspava o couro com faca até retirar a carne e ficar só o couro puro. Depois do couro raspado e secado, meu patrão fazia cela pra animal, gibão pra vaqueiro, fazia de um tudo com o couro. Vinha muita gente da cidade comprar as coisas que ele fazia.

Depois que terminava o trabalho do dia, eu comia arroz e me deitava na rede. Minha comida era arroz, farinha de milho, e pronto. O patrão comia queijo, que era feito lá dentro da casa, pela Dona Silvana, mas eu só comia o que era oferecido. O que não era oferecido eu nem olhava pra não sentir vontade de comer.

A festa do casamento de minha irmã foi de muita fartura. Arroz, galinha, carne, cachaça com gengibre e muita dança a noite toda. Depois foram morar lá nos brejos, numa casa de palha. E eu continuava trabalhando para o coronel Antonio Nena. Não via a hora de sair daquela fazenda e voltar pra casa, mas tinha que cumprir o acordo de 360 dias. Eu marcava os dias na árvore, fazendo um traço com a faca. Todo dia, eu fazia um risco na árvore e contava de dez em dez. Quando se completaram os 360 dias, eu já amanheci com a rede enrolada, doido pra ir embora. Na hora

que falei que ia embora, foi um chororô na casa. Dona Silvana disse pra eu ficar, disse que deixava eu comer queijo, etc., mas eu só pensava em ir embora. Falei ao patrão que ali eu não ficava mais porque já tinha cumprido o acordo. Ele não gostou, ficou de cara-feia, mas fui-me embora pra casa. A única coisa boa desse ano de trabalho foi um par de sapatos de couro que meu patrão fez pra mim. Pela primeira vez na vida, calcei sapato, de cadarço. Era bom pra andar com aquilo. Eu me acostumei tanto com esse sapato que depois adquiri uma percata de couro. Foi com ela que comecei minha caminhada.

Educação pelos pés

A vontade que eu tive de estudar nasceu quando passou por lá um missionário americano que falava diferente. Chamava-se Crouch. Foi um dos primeiros missionários protestantes, batista, a evangelizar pelo sertão. Ele e o lacrau¹, que era brasileiro, chegaram de burro. Aquele homem falou muita coisa de Jesus Cristo pra o povo lá. Eu sei que aceitei aquilo e aí me converti ao evangelho. Acho que eu tinha uns quinze anos de idade. Meu avô também ouviu a pregação, aceitou o evangelho, mas nunca se entregou porque era muito católico e era do catimbó, que é o mesmo carimbó².

1 Ajudante, auxiliar. É também um tipo de escorpião.

2 Danças e crenças indígenas acerca da natureza, sincretizadas com tradições afro-brasileiras.

Inclusive, eu tinha sido escolhido para ser o aprendiz das coisas antigas do catimbó, ensinadas pelo vô. Ele me ensinou várias rezas. Uma delas era assim: “do Rio Jordão vem o nome de Deus e de São João. Se o inimigo vier não me virão... se tiverem olhos, não me verão...” Era uma coisa assim. Lembro também que a gente evocava Santa Luzia pra curar um dordolho. Tinha que pegar folha nova e passar no olho do doente pra ele ficar curado. Só curava se a folha murchasse. Se não murchasse, não curava.

Carimbó do Mato

(Aurino Quirino Gonçalves, Pinduca)

Eu fui no mato, morena
Fui tirar cipó
Muito longe ouvi um batuque
Parecido um carimbó
Eu vou de banda, de banda, de banda
Eu vou de lado, de lado de lá
Eu fiquei só
Dançando no mato o carimbó

O missionário também falou de um colégio batista que havia no Sul do Piauí, que lá eu podia estudar sem recurso, que podia pagar os estudos com trabalho. Aí eu falei pra ele que sabia plantar arroz, mandioca, fazer rapadura, cachaça, que fazia qualquer coisa.

Quando esse missionário foi embora, eu só pensava em estudar. Sentia uma vontade grande de aprender a ler... de estudar por meus pés. Queria estudar no

colégio que ele falou, e queria ser pastor, pregador do evangelho, igual a ele. Foi assim que começou minha jornada. Saí pra estudar e ganhei o mundo. Porém, eu não queria ir sem recursos, queria primeiro trabalhar e ganhar dinheiro. Foi quando me disseram que havia muito diamante por aí e que a pessoa ficava rica se achasse uma pedra grande.

Quadro 2 - Cronologia comparativa – 1939

Em Salvador-Ba, no bairro do Lobato, é descoberto o primeiro poço de petróleo do Brasil.	Inicia-se a II Guerra Mundial.
------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

Caminhos e garimpos

Eu já tinha uns dezoito pra dezenove anos quando saí. Já na porta da casa, disse a minha mãe: “Caso eu morra no caminho, com certeza minha cabeça estará voltada pra direção de uma escola”. E fui-me embora. Da primeira saída, fui bater em Jacundá, que fica no Pará. Saí de São Raimundo das Mangabeiras, no Maranhão, e caminhei até chegar numa fazenda de nome Riachão, onde me deram pouso. Chorei a noite toda com saudade de meus irmãos e de minha mãe. Eu não entendia porque eu queria tanto ir, mas queria ir.

No dia seguinte, arrumei o saco, botei nas costas e fui pra Carolina, que já é na margem do Rio Tocantins. Era um saco grande, amarrado de corda de tucum³.

3 Planta da família das palmeiras, de cuja casca se faz corda.

Nos cantos eu marrava a corda, botava um pedaço de sabugo no outro, marrava esse canto de lá, marrava esse canto de cima e fazia a mesma coisa do outro lado. Depois botava aquela correia no meio e pronto. Era um matolão mais arrumado, uma espécie de mochila daquela época. Eu tenho até um sinal aqui nas costas de tanto andar com aquilo. Ali dentro tinha de um tudo: rede, rapadura, carne seca, banana, tudo. Água não precisava porque havia muito riacho, córrego, rio, tinha muita água pelo caminho.

Pau de Arara

(Luiz Gonzaga / Guio de Moraes)

Quando eu vim do sertão seu moço
Do meu bodocó
Meu malote era um saco
E o cadeado era o nó
Só trazia a coragem e a cara
Viajando num pau de arara
Eu penei, mas aqui cheguei (bis)
Trouxe o triângulo
No matulão
Trouxe o gonguê
No matulão
Trouxe o zabumba
Dentro do matulão
Xote, maracatu e baião
Tudo isso eu trouxe no meu matulão

Carolina era uma cidade pequena, mas já um pouco desenvolvida. Fica numa região que tem a tal de Chapada das Mesas. É um bocado de morro no meio da chapada que, de longe, parece uma mesa.

guinha seca, ligeira e perigosa na condição que ela entra rápido em tudo quanto é lugar. Esse trabalho me foi dado porque eu pedi emprego ao prefeito. Ele me disse logo: “Emprego não tem. Só tem esse largo aqui pra você roçar. É coisa ruim, já aviso. Tem formiga, tem espinho, viu? E quem empreitar pra roçar e não der conta, eu dou uma surra e ainda boto na cadeia”.

O prefeito se chamava Marco Jagunção. Usava um parabelo⁴ e estava sempre acompanhado de dois jagunços. Todo mundo tinha medo dele. Era tempo da jagunçada. Naquela época se batia em gente com facilidade, matava, enterrava e ficava por isso mesmo, e quem fosse se meter morria também.

Quando os comerciantes souberam que eu tinha aceitado a empreitada, vieram me dizer: “Olhe, rapaz, aquele homem é gente ruim. Se ele disse que vai lhe bater e botar na cadeia é porque vai mesmo. Você aceitou a empreitada agora vai ter que dar conta”. Um deles me falou: “Esse trabalho aí vale oitenta mil réis. Vamos fazer uma vaquinha pra lhe ajudar com mais quarenta porque nós também temos interesse nisso”. Eu fiquei até amigo deles... me davam merenda todo dia. Davam água, banana, rapadura, carne assada, coisa assim. Eu só sei que estava confiante em mim e sabia que com fé em Deus eu daria conta do trabalho. E dei mesmo. Roci aquele mato todo e deixei tudo limpo. Joguei o mato dentro do rio. Foram não sei

4 Arma de fogo de tamanho intermediário, entre uma pistola e um rifle.

quantos feixes de mato, tudo jogado no rio. Naquele tempo, não tinha esse negócio de natureza, ecologia, não. O povo jogava tudo no rio, era mato, lixo, carcaça de animal, tudo.

Recebi os quarenta mil réis do prefeito e quarenta e cinco dos comerciantes. Acho que ficaram com pena de mim e botaram mais cinco no bolo. Então peguei o dinheiro e fui-me despedir do missionário Campelo. Eu até me lembro que ele me disse: “Meu filho, você vai pro garimpo mesmo? Lá é muito perigoso. Só tem gente ruim, tem cachaça, mulher fácil e coisa que não presta, mas se você quer ir...”. Eu disse a ele: “Eu vou, com fé em Deus”. E fui. Mas, antes de sair, ele me disse que quando eu estivesse em dificuldade que lembrasse do hino nº 62, do hinário que ele me deu. Era um livrinho chamado Cantor Cristão e o hino se chamava *Nome Precioso*. Uma parte da letra diz assim: “Leva tu contigo o nome de Jesus, o salvador / este nome dá consolo, seja no lugar que for”. O problema é que eu não sabia ler nada, apenas gaguejava alguma coisa. Assim mesmo, resolvi levar o cantorzinho de lembrança do missionário. E esse hino até hoje me fala muito, principalmente nas dificuldades. Foi uma mensagem que ficou em mim.

Jacundá e cati

De lá, passei pelo Tocantins e depois no baixo do Rio Araguaia. Os dois rios se cruzam um pouco abaixo de

Imperatriz. Fui por dentro, por Carolina e Imperatriz. Depois segui de canoa e saí lá no Jacundá, no Pará. Naquele tempo, muita gente morria de febre no Jacundá. O povo até fazia uma brincadeira com isso. Era assim:

De manhã, Jacundá
De tarde, já com febre
De noite, já com Deus.

De lá do vilarejo, fui pro garimpo à procura de diamante. Não sei como Deus me livrou de tanto perigo... até uma cati⁵ quase fechou comigo dentro. Foi por pouco. No que eu cavava, já bastante locado, já na lama, começou a cair terra em cima de mim. Eu estava numa profundidade de uns noventa palmos. A catre tinha mais de seis metros de boca, mas já tava tão funda que de lá de baixo eu via a boca como se fosse do tamanho de um pires. Aí eu ligeiro balancei a corda do sarilho e gritei de lá, pra eles me puxarem. Deus me ajudou que eles puxaram a corda depressa. Eu só fiz pisar na ribanceira, em cima, e de repente o buraco fechou com tudo, com o material dentro. Foi um milagre eu ter escapado. Foi chegando gente de todo o garimpo e todo mundo ficou impressionado: “Mas rapaz, você tem sorte”. Acontecia muito de o buraco fechar com garimpeiro dentro... nem conto as vezes que isso aconteceu por lá.

5 Buraco cavado pelo garimpeiro; forma popular para catre.

Dezesseis quilates

Pouco tempo depois, em outro buraco, achei um diamante. Eu tava com o sarrafo quebrando as pedrinhas quando aquela coisa suspendeu de lá e aquele brilho encheu minhas vistas de tanta beleza. Era um diamante que parecia ter sido colocado ali pra mim. Era uma coisa impressionante de bonita. Corri, peguei, segurei na mão e tive medo de ele fugir. O povo dizia que diamante fugia da mão da gente porque ele é liso e pesa, desaparece na lama e vai embora. Eu também ouvia falar que ele encantava a gente e quando pensava que não, ele sumia na lama. Eu só sei que peguei aquela coisa à unha seca. Enrolei o diamante numa folha e botei dentro de um mocó.

Pois bem, levei o diamante pro barraco. Quando eu ia chegando, era mais ou menos umas 10h da manhã, um fulano de lá disse assim: “Lá vem o cural⁶ e tá muito alegre”. Aí logo me perguntaram “Que foi, rapaz? Achou alguma coisa”? E eu disse: “Achei uma coisa aqui, num sei o que é”. O dono do barraco me viu e perguntou: “num quis trabalhar mais não?” E eu disse: “não, porque eu achei um negócio. Vim aqui lhe mostrar”. Aí eu tirei a pedra de dentro do mocó,⁷ fui desenrolando as folhas... ele disse “E tem alguma coisa aí”? Eu disse “Tem”. Aí desenrolei, desenrolei, tirei folha e quando destampou a pedra clareou os olhos de todo mundo.

6 Novato, calouro.

7 Saco de pano usado a tiracolo.

Era um dos maiores já encontrados ali. Era um tobó⁸. Deu dezesseis quilates. Aí foi uma festa. Só se via cabra puxar arma e dar tiro pra cima. Foi tanto tiro que até tive medo. E todo mundo dizia: “Esse cabra tem sorte”, “Esse rapaz é de sorte”, “Ele achou a mancha⁹, achô a mancha”. “O curau bamburrou¹⁰... achou a mancha”.

Depois chegou o capangueiro¹¹, que era um galego alto, forte. Disse que aquilo era diamante de pedra grande, diamante de bronze, que tinha dezesseis peões, dezesseis faces, e outras coisas que eu não entendia... mas disse que não era do tipo bom. Que se fosse de água de querosene, valia mais. O gringo pegava o diamante, olhava por um óculo pequeno, dizia que tinha rede de urubu dentro e coisa e tal. Aí falava assim “Olha aqui pelo aparelho”, mas ninguém via nada pelo vidro. Aí falava de novo que se fosse água de querosene eu estaria rico... mas que não é, etc. No final das contas, ele pagou Rs800.000 (oitocentos mil Réis) pelo diamante e foi logo saindo. Foi embora pro avião. O gringo tinha um aviãozinho... a gente tinha até medo dele. Era alto, olhos azuis... era ele e o piloto, que era brasileiro. Só sei que Rs800.000 era dinheiro grande. Eu nunca tinha visto tanto dinheiro em minha vida. Como o trabalho era de meia, ficou Rs400.000

8 Diamante grande e raro.

9 Faixa de terra rica em minerais, veio, filão.

10 Do verbo bamburrar: encontrar grande quantidade de ouro ou algo valioso.

11 Indivíduo que carrega uma capanga; aquele que compra pedras da mão de um revendedor.

pra mim e Rs400.000 pro dono do barraco. Hoje eu imagino que aquela pedra valia muito mais...

O dono do barraco se animou e me disse “Agora é o seguinte: vamos aplicar esse dinheiro, viu? Botar gente pra explorar aqui. Nós somos os donos do mancão. Vamos marcar logo a mancha”. Ele mandou roçar ao redor mais ou menos umas vinte braças. Roçou aqui-lo tudo, botou o pessoal, uns vinte garimpeiros. “Nós somos os patrões, viu”? Diante disso, eu me animei, o orgulho subiu à cabeça, cobicei o mundo, riqueza, tudo. Nessa noite, eu não resisti à tentação de dançar lá na zona com uma pipira¹². Inclusive, lá tinha um rapaz do Maranhão que tocou em meu ombro e me censurou: “Apolônio, até você ê por aqui”?

Na asa do vento

(João do Vale/Luiz Vieira)

Deu meia noite, a lua faz um claro
Eu assubo nos aro, vou brincar no vento leste
A aranha tece puxando o fio da teia
A ciência da abeia, da aranha e a minha
Muita gente desconhece
Muita gente desconhece, olará, viu?
Muita gente desconhece
Muita gente desconhece, olará, tá?
Muita gente desconhece
A lua é clara, o sol tem rastro vermelho
É o lago um grande espelho onde os dois vão se mirar
Rosa amarela quando murcha perde o cheiro
O amor é bandoleiro, pode inté custar dinheiro
É fulô que não tem cheiro e todo mundo quer cheirar

12 Pássaro do sertão; mulher que frequenta os garimpos.

Todo mundo quer cheirar, olará, viu?
Todo mundo quer cheirar
Todo mundo quer cheirar, olará, tá?
Todo mundo quer cheirar

Nos dias seguintes, tivemos muito gasto. Eram vinte homens pra dar de comer, beber, era material, ferramenta, tudo. Aí compramos logo um boi, mandamos matar pra dar comida à turma toda. Garimpeiro come que não é brincadeira... Era todo mundo trabalhando, trabalhando, trabalhando e nada de aparecer diamante. No final das contas, ninguém achou mais nada ali, nem olho de mosquito¹³.

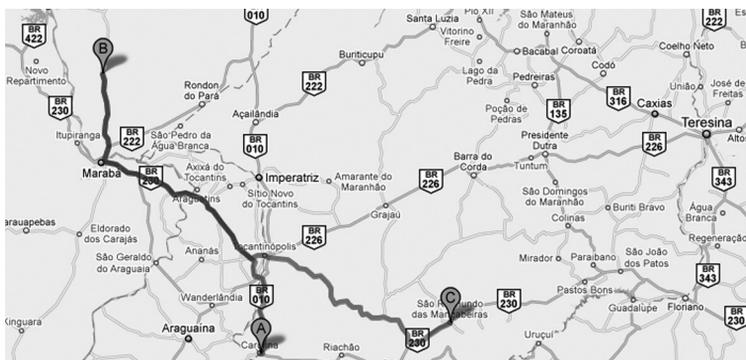
Acabou o dinheiro dele, acabou o dinheiro meu, acabou tudo. Ficamos sozinhos, sem nada. Foi então que eu peguei uma febre desgraçada. Fiquei doente vários dias. Tremia todo de frio, todo mundo achava que eu ia morrer. Essa febre era impaludismo, malária, que dava muito por lá. E naquelas bandas não tinha remédio nenhum. Quem era mais esclarecido, e tinha mais recurso, tomava uma pílula azul e uma preta, mas era só paliativo. De vez em quando, passava lá um farmacêutico vendendo essas coisas, mas morria gente mais do que escapava. Aquele garimpo foi até desativado por causa de tanta febre. E eu mesmo com febre, fraco, resolvi sair dali de qualquer jeito, antes que eu morresse. Nessa hora eu só pensava em voltar pra casa e ver minha mãe.

13 Diamante muito pequeno, também chamado de xibiu.

O bom filho à casa torna

No caminho de volta pra casa, contei com a ajuda de um amigo, que saía do garimpo também. Sem ele, acho que eu não aguentaria caminhar. Ele levava meu saco, arranjava pouso, remédio. Eu sei que eu tremia o tempo todo, tanto que chegava a bater os ossos, quase morri. Demorei uns três meses pra chegar de volta à Mangabeira, no Maranhão.

Minha mãe foi logo dizendo: “Eu não falei, Apolônio, pra você não ir? Isso foi castigo de Deus. Pensa que eu já não soube que você estava lá com uma pipira”? Não sei como a notícia da pipira chegou, mas já tinha chegado. Depois da bronca, minha mãe cuidou de mim. Passei lá uns vinte dias pra me recuperar por completo. Quando estava bom, botei o saco nas costas de novo. Disseram que havia um garimpo melhor lá pro lado do Goiás.



Fonte: Google - Dados cartográficos ©2010 Europa Technologies.

Figura 02 – Trajetória de Apolônio, a pé, de Carolina - MA (A) a Jacundá – PA (485 km) e de Jacundá a São Raimundo das Mangabeiras – MA (C): 594 km.

Barra do Garças

Viajamos, eu e mais dois companheiros, mas eles só foram comigo até Barra do Garças, na divisa de Goiás com Mato Grosso. Chegando lá se desanimaram, ficaram com medo de morrer e regressaram pro Maranhão. Eu toquei pra frente. Barra do Garças fica perto da Ilha de Bananal, que é a maior ilha fluvial do mundo. É uma mistura de cerrado com pantanal. Ficava em Goiás, mas agora é Tocantins. Por lá passa o Rio Araguaia, que é tão largo que a gente não vê o outro lado. Tem não sei quantos quilômetros de largura. Lá tinha índio javaés, carajás e xavante. Índio xavante tem quase um metro de um ombro pra outro, é tudo homem grande. O povo falava que eles pegavam a gente e botavam debaixo do braço, mas disseram também que lá tinha muito ouro no rio.

Cheguei e fui logo trabalhar de mergulhador. Eu mergulhava com aquele equipamento que cobre a cabeça da gente e tem uma mangueira pra entrada de ar. Eu mergulhava e o outro ficava lá fora bombeando pra jogar o ar pra mim. Se ele parasse de bombear, já era. Tinha também uma corda amarrada na cintura. Quando eu desse o sinal com a corda, era pra puxar pra fora d'água. Eu descia, descia, procurando aqui e ali. Eu via tudo pelo vidro do aparelho... a mão tinha que estar livre pra poder pegar pedra, cascalho, etc. e botar na sacola. Quando enchia o saco eu balançava a corda e eles me puxavam pra fora. E lá fora é que

se apurava o cascalho. Nesse lugar, eu num consegui quase nada, peguei muito pouco, só um ourozinho.

Quadro 3 - Cronologia comparativa – 1941

No Brasil, é criada a Justiça do Trabalho, no dia 1º de maio	O Japão ataca a base naval estadunidense, Pearl Harbor (no Havaí), e os Estados Unidos declaram guerra aos países do Eixo.
--------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

Barbosa

De lá, fui para um novo garimpo que tinha surgido na mata. O lugar se chamava Barbosa. Nesse lugar, tinha um cearense jogador de caipira. Era um jogo que tinha umas bolinhas... pra você adivinhar o que é que tem ali embaixo. Se for número um, você ganhou, se não for, então não ganhou... era uma coisa assim. Eu tava lá assistindo o povo jogar. Aí o cearense perguntou se eu queria dar uma jogadinha. E eu disse logo que não tinha dinheiro. Nessa hora, eu aproveitei e falei assim: “o que eu quero atrás do senhor é outra coisa”. E ele perguntou: “O que você quer?” Eu disse: “Eu quero trabalhar, num tenho onde dormir, num tenho nada, mas quero trabalhar”. E ele disse: “Olha, eu tenho um barracãozinho ali. Eu durmo lá. Cabe mais uma pessoa. Eu também não sou daqui, não. Sou cearense e tô aqui vivendo desse joguinho. Vou lhe dar lugar no barraco e comida, mas o que você achar tem de dividir comigo. É meio a meio. Tome suas tralha e vá trabalhar. Quem sabe você tem sorte... Se você

num ganhá nada, azar é seu, azar é meu. Você perde o serviço e eu perco a comida. E se faltar comida? Você é capaz de passar uns dias sem comer”? E eu disse: “Se o senhor passar, eu passo. Eu aceito a empreita”.

Nesse garimpo também deu muita febre. Morria gente como se fosse carrapato na lama. Dava febre até em macaco. Fiquei lá pouco tempo porque não tava bom. Não peguei nada.

Chapada e planalto

Depois fui para um lugar de nome Chapada. Era um garimpo de cristal. Ficava lá na direção do Goiás. A cidade mais perto tinha o nome de Cobertão. Naquele tempo, as terras não eram de ninguém. Quem chegasse, arranchasse, ficava dono. Só tinha que enfrentar mosquito, onça, cobra, índio. Era assim.

Passei de noite por onde atualmente é Brasília, no Distrito Federal. Até hoje nunca fui lá de dia, mas tenho vontade de ir. Passei com saco nas costas, rumo a esse garimpo. E o povo todo falava “Olhe os garimpeiros, olhe os garimpeiros”.

Lá tinha cristal na cati e cristal rolado, que dá em cima de pedra. A gente pega a pedra em cima da terra sem saber se é ou não cristal. Tem que andar sempre com um martelozinho, quebrando. Às vezes, a pedra é preta, suja, feia, mas pode ser uma pedra de cristal rolado. Tinha gente que trabalhava só com rolado e outros cavavam o chão. Quando aparece o cristal, ilu-

mina tudo. É bonito.

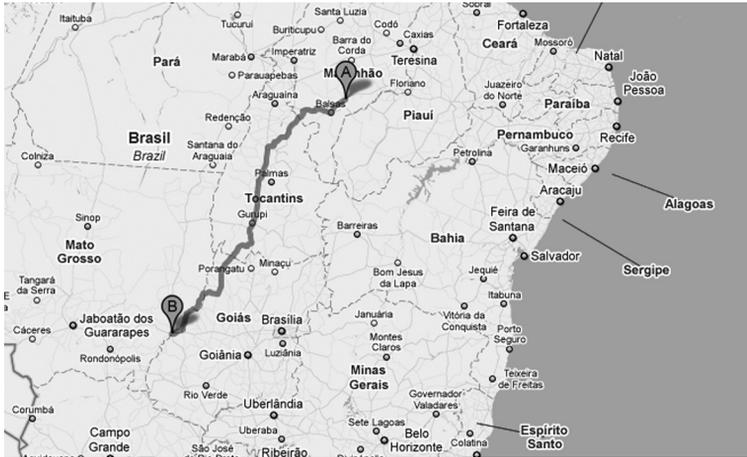
Lá no garimpo eu tive uma surpresa: encontrei novamente o missionário Zacarias Campelo. “Pelo amor de Deus, rapaz, você está aqui. Apolônio, eu estou aqui também. Botei um barraco no garimpo e você vai trabalhar comigo”. Eu achei ótimo aquilo tudo. Fiquei no barracão dele, fui ser garimpeiro dele. Depois eu soube até que, quando a mulher dele morreu, Maria do Campelo, foi carregada pelos índios, não sei quantas léguas, até chegar em Carolina pra enterrar.

Trabalhei muito por lá, até que um dia eu e uns colegas achamos uma pedra grande, da altura de um homem. Era o que o povo chama pirâmide, cheia de faces diferentes. A pirâmide pode ser vendida inteira ou aos pedaços. Vendemos quebrada porque ela tinha leitoso. Depois derreteram tudo. O dinheiro que ganhei só deu pra pagar a comida. Dava pra ir vivendo... mas juntar mesmo não dava. Poucos donos de barraca conseguiam juntar dinheiro. Faisqueiro¹⁴ é que ganhava mais e o capangueiro ficava com quase tudo, com o grosso da coisa.

Trabalhei ali durante dois anos e arranquei muito cristal, mas nunca pude reter nada, porque garimpo é como jogo... ele dá, mas depois tira tudo de novo. Cê vai investindo, pensando que vai enriquecer do dia pra outro e acontece gastando tudo no próprio garimpo. Quando vi que já tava com mais de dez homens

¹⁴ Comprador de pequenas quantidades de pedras preciosas; revendedor, atravessador.

trabalhando lá, ganhando e gastando, ganhando e gastando, então resolvi ir embora e tentar estudar sem dinheiro mesmo.



Fonte: Google - Dados cartográficos ©2010 Europa Technologies.

Figura 03 – Trajetória de Apolônio, a pé, de São Raimundo das Mangabeiras – MA (A) à Barra do Garças – MT (B): 1.511km.

Jalapão e Pedra da Baliza

Na saída da Chapada, encontrei um rapaz do Piauí e perguntei se ele conhecia o tal colégio dos americanos. Ele me disse “Os americanos tão lá. Tem um colégio grande. É coisa boa”. Ele me disse que aquele era o maior colégio de toda a região, o que eu já sabia. Num perímetro de muito mais de quinhentas léguas, num tinha uma escola que prestasse, só tinha aquela. Diziam que quando os americanos chegaram

à Corrente, catequizaram uma família rica de nome Nogueira, que doou terreno e gado pra eles começarem a escola... era só nisso que eu pensava: chegar nesse lugar.

Botei o saco nas costas de novo e mandei perna pro lado do Jalapão. No caminho, eu comia carne seca, rapadura e bebia água. Andei de onde hoje é Brasília até Corrente, no Piauí, com saco nas costas.

Passei por um lugar de nome Serra do Carmo, onde tinha uma senzala muito grande e um túnel que fechou com escravo dentro. Eles estavam cavando pra encontrar ouro quando fechou tudo. Passei por lá e ainda vi muita gente quebrando pedra pra achar ouro. Eles quebravam a pedra, botavam fogo de lenha pra depois apurar e tirar aquelas pepitazinhas parecendo ferrugem. Aquilo é ouro. Aí derrete, faz uma bola e mistura com cobre pra dar ligamento. Sem cobre, não dá liga de jeito nenhum.

Mais adiante, encontrei um velho que me orientou: “Olha, você vai passar num lugar com o nome Serrinha. Lá tem uma travessia com mais de vinte léguas. Nesse trecho, não tem nada, só tem onça. E é onça grande porque as pequena as ôta cumêro tudo”. Aí ele me ensinou o caminho... quantos dias eu ia viajar, onde eu deveria pousar, onde tinha gente arranchada, etc. Depois ele deu outra instrução: “Antes de anoitecer, tem que arranjar lenha seca pra fazer fogueira, ajeitar a rede... onça num vem onde

tem fogo. Arme a rede em baixo, alimente o fogo a noite toda. Pra lhe ajudar, vou lhe dar esse cachorro aqui. Se a onça chegar perto, ele late, você acorda e alimenta o fogo”. Onça, na maioria das vezes, ataca de noite, mas se ela tiver com fome mesmo, ataca qualquer hora. E não tem medo de cachorro, não. O cachorro avança nela e morde. Ela avança no cachorro e unha o bicho. Depois que ela agarra com a unha, não tem jeito.

Depois dessa instrução, fui-me embora. Eu andava por um carreirozinho¹⁵. Era uma marcelha¹⁶ no meio do mato, também se chama chão picado. Disseram que aquela era a Estrada Real e que não era pra sair dela pra canto nenhum. A estradinha era toda picada de rastro de onça... À tardinha, armei a rede, peguei lenha, fiz o fogo e fui dormir. De vez em quando o cachorro latia. Quando eu olhava pro fogo, já tava quase apagando. Aí eu soprava, botava mais lenha e ia dormir de novo. Foi assim até de manhã. Logo cedo eu toquei perna, sempre pela macelha. De repente, vejo no chão um pedaço de tatu esbagaçado. Lá adiante, outro pedaço. Mais pra frente, um tatu vomitado, inteiro. Foi nessa hora que percebi que Deus tinha mandado aqueles tatus para alimentar a onça, senão ela teria me comido com cachorro e tudo.

¹⁵ Caminho estreito no meio da mata.

¹⁶ O mesmo que carreiro; caminho estreito.

Pé do Lajeiro

(João do Vale/ José Cândido/ Paulo Bangu)

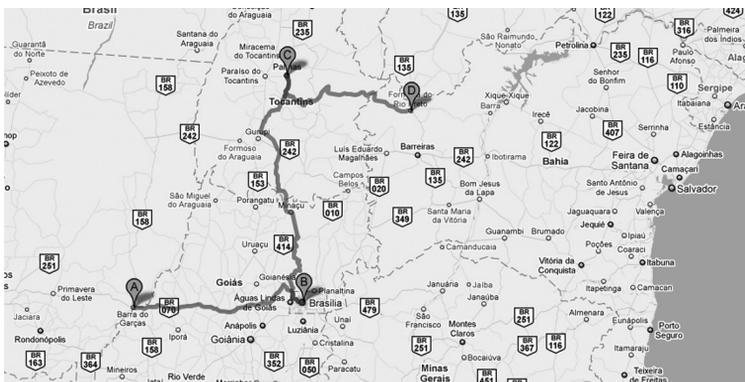
Ah! Eu vou dar uma volta
lá na mata do sapé
onde mora o papa-mé
o furão e a caipora
que o gato fora de hora
faz visita no poleiro
é no pé do lajeiro
aonde a onça mora
é no pé do lajeiro
aonde a onça mora
mas inté minha noiva viu
a carreira que eu levei
nos caminho que eu passei
quase morro de gritar
pois a danada com mania de valente
veio inté o meu terreiro
pra mode me envergonhar
é no pé do lajeiro
aonde a onça mora
é no pé do lajeiro
aonde a onça mora
ah! eu vou pegar a carabina
eu vou calçado de botina
pra cobra não me morder
que não é de hoje nem é de ontem
que o bicho vem no terreiro
pra mode me envergonhar
mas hoje em dia
quem pode ter na certeza
nem que peça a baronesa
que hoje vou lhe matar
é no pé do lajeiro
aonde a onça mora

No outro dia, alcancei uma casa. Tinha lá um fazendeiro enorme, de chapéu bosta de rola, que foi logo perguntando: “O senhor passou a noite em Serrinha, num foi? E a onça num li comeu, não?” Aí eu contei a história dos tatus pra ele e ele me disse: “Aquela onça num tem quinze dias que pegou um rapaz ali, pra cá daquele ponto. Iam três: um rapaz mudo, a mãe dele e um irmão. Ela pegou o rapaz, sapecou no chão e acabou-se. E já teve outro caso outro dia aí...”. O povo dali chamava aquela onça de mão torta, porque já tinha sido baleada e entortou a mão. E assim, falando de onça, bebi água, descansei e toquei em frente. Disseram que dali pra diante era mais manso. Andei até chegar na Serra do Jalapão.

O Jalapão é um lugar muito bonito. Ficava dentro de Goiás, agora fica no Tocantins, no chamado Cerrado. É Cerrado, mas é tudo plano. Tem campo limpo, vereda, ribeirão, rio, tem tudo. Lá é que nasce o Rio Parnaíba. Tem também um lugar famoso que se chama Fervedouro. A água do poço borbulha no meio das bananeiras. Parece que é um rio por baixo da terra, borbulha de baixo pra cima. Não se consegue nem mergulhar porque o indivíduo não afunda, a água joga a pessoa pra cima de novo. Outra coisa bonita no Jalapão é o capim dourado, que serve pra fazer chapéu. Esse chapéu hoje está na moda. É considerado coisa rústica, típica do Jalapão. Tinha também muito veado, anta, tamanduá... Tamanduá é

um bicho que enfrenta até onça. Aquelas unhas dele furam que é uma coisa medonha. Ele abre os braços e espera. Quando ela chega perto, ele agarra e fura a bicha com as unhas.

Na minha caminhada, passei por Mumbuca, Mateiros e fui sair na Pedra da Baliza, onde se juntam as terras de Goiás (agora Tocantins), Piauí e Bahia. Tem até uma pedra lá que simboliza o encontro desses estados. Depois, pousei num povoado de nome Formosa do Rio Preto, na Bahia. E de Formosa, segui viagem para o Piauí, passando por Laranjeira. Quando vi um morro que parecia um papagaio, lembrei que haviam me dito isso... que perto de Corrente tinha esse morro. Nessa hora, eu comecei a ficar alegre porque sabia que Corrente já estava perto.



Fonte: Google - Dados cartográficos ©2010 Europa Technologies.

Figura 04 – Trajetória de Apolônio, a pé, de Barra do Garças – GO (A) à região do Planalto (atualmente Brasília – DF) (B), Mateiros – TO (Jalapão) (C) e Formosa do Rio Preto – BA (D) e Corrente – PI (E): 1.733 km.

Corrente e Instituto Batista Industrial

Cheguei a Corrente, Piauí, em 1944, já com 24 pra 25 anos de idade. Depois de cinco anos de caminhada por esse mundo afora, aquilo pra mim foi um sonho... a cidade que tinha o colégio onde eu iria estudar...

Corrente era uma cidadezinha que tinha duas famílias que mandavam naquele sul do Piauí todo, mas eram rivais. Eram os Nogueira Paranaguá e os Cavalcante. Os Paranaguá se dizem parentes do famoso Marquês de Paranaguá. Desde um tempo antigo, esses dois grupos brigavam por política, por terras, por gado e por religião também. Dizem que a confusão maior foi quando o Dr. Augusto Nogueira, que era administrador de Corrente, foi afastado do cargo por causa de uma denúncia do Padre Mercedes Sanches Vera. O padre o acusou de ter mandado derrubar o templo da Igreja Católica na Praça Joaquim Nogueira Paranaguá e ter doado o terreno aos protestantes para ali construírem a Igreja Batista de Corrente. O Dr. Augusto Nogueira teve que ir a Teresina se defender da acusação. Ele disse que, de fato, havia doado o terreno aos protestantes, mas que o templo da Igreja Católica já tinha caído em 1902. Ele provou isso com uma fotografia, tirada em 1904, da igreja velha, caída. A justiça deu prazo de sessenta dias pra ele ir buscar a fotografia no Rio de Janeiro, que estava com a irmã dele. No final das contas, determinaram que a área doada ficaria

mesmo com os protestantes e ali está, até hoje, a Primeira Igreja Batista de Corrente.

Naquele tempo, havia muita briga no sertão entre católicos e protestantes. Eu até me lembro de um caso ocorrido lá em Xique-Xique, na beira do Rio São Francisco... um pastor de nome Antonio Viegas, que andava de burro com um lacrau, chegou com um grande carregamento de bíblias para a cidade. Ele queria distribuir as bíblias e pregar o evangelho na praça. Aí o padre de lá organizou um grupo pra tomar as bíblias e bater no pastor. Isso só não aconteceu porque um católico de nome Artur Ribeiro não concordou com aquilo e mandou avisar ao pastor, que estava numa pensão. O pastor foi retirado às pressas e fugiu num barco pelo São Francisco. Dizem até que esse Artur Ribeiro foi excomungado, considerado traidor. Naquele tempo, havia muito padre valente no sertão, padre macho.

Pois bem, os primeiros missionários americanos eram da Junta de Richmonde, da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, e chegaram ao Piauí no final do século IX. A proximidade deles com os Nogueira Paranaguá gerou raiva dos Cavalcante, que eram católicos. Parece que essa amizade começou através da filha de um grande dos Nogueira que foi mandada estudar num colégio americano em Itaberaba, na Bahia. Dizem também que um missionário de nome Zacarias Taylor seria linchado pelos cató-

licos e foi defendido por maçons, comandados pelo Dr. Joaquim Nogueira, que era senador da república e vinha do Rio de Janeiro a caminho de Corrente.

Foram também os Nogueira que doaram terras para os americanos construírem o Instituto Batista Industrial, o IBI. O Instituto foi iniciado em 1922, com a direção de um americano de nome Terry. O nome todo era Dr. Adolf John Terry.

Aquele realmente era o melhor colégio do sertão todo. Por causa dele, Corrente era considerada a Atenas do Piauí. Vinha gente dos quatro cantos estudar no Instituto, principalmente os filhos de rico, filhos dos coronéis.

Quando cheguei na cidade, existia uma igreja católica, parece que era de Nossa Senhora da Conceição, e uma igreja batista, que já era a Primeira. O padre de lá era gringo também, era peruano, e o prefeito ainda era o Dr. Augusto Nogueira, amigo dos missionários.

Fui logo procurar saber onde era o colégio dos americanos. Perguntei a um, perguntei a outro, até achar. O Colégio ficava num alto, afastado da cidade. Era uma fazenda. Já me tinham falado que o diretor lá era um gringo chamado Dr. Foreman, mas o povo não sabia falar o nome dele e então falava Dr. Fôrma. Depois é que eu aprendi o nome dele todo: Dr. Blonnye Holmes Foreman. E o nome do outro missionário, Crouch, que eu havia conhecido lá em

Mangabeira, era Dr. Edward Hasford Crouch, que tinha sido o primeiro diretor do IBI.

Aí cheguei lá na porta e disse: “Quero falar com o Doutor Fôrma”. Isso era janeiro de 1944 e o colégio estava de férias (eu tinha saído de Mangabeira, Maranhão, em 1939). Então, fiquei logo encantado de ver aquela coisa enorme de grande. Tavam construindo mais salas de aula, casas, tudo. Nunca tinha visto em minha vida uma sala de aula. Aquela escola era de uma importância tamanha para aquele Sul do Piauí, Oeste da Bahia, Norte de Goiás e Sul do Maranhão. Por aquelas bandas todas, não havia colégio melhor que aquele. E eu pensei comigo mesmo: “Meu Deus, é aqui que eu vou estudar”? Daqui a pouco um alto perguntou de lá:

- “Você vem de onde?”

- “Eu vim do Maranhão. Quero falar com o dono disso aqui”.

- “O dono mora ali naquela casa. É o Dr. Foreman”.

Aí lá fui eu pra casa dele, que era bem pra dentro. Tinha um quintal grande cercado de madeira. Cheguei, bati palma e ele saiu lá da janela. Era um galego alto, esbelto:

- Quem é o senhor?

- Eu sô maranhense, Apolônio.

Ele ficou de lá espantado, olhando pra mim por bem uns três minutos. Depois me indagou assim:

- O senhor está vindo de onde?

- Eu vim do Maranhão.

- Do Maranhão? Maranhense tem muita raça. Se o senhor for igual a um que temos aqui...

E ele me olhava de cima a baixo. Ficou impressionado comigo, mas não chegou perto, não. Ele ficou o tempo todo de lá.

- O senhor está indo pra onde?

- Estou vindo pra aqui. Vou estudar aqui.

- Mas quem foi que mandou vir pra cá?

Aí contei minha história, que eu tinha conhecido um missionário americano de nome Crouch lá em Macaxeira:

- Você é um caso sério, rapaz. Veio do Maranhão, a pé?

- Sim, senhor. E o Doutor Crouch disse que eu podia estudar aqui.

Aí ele se interessou e falou:

- Fique aí, não se mexa, não. Vou tirar um retrato seu.

Nessa hora, eu pensei que ele ia buscar uma espingarda, uma coisa assim, e fiquei com medo. Eu cá pensei: “Ai, meu Deus, será que esse homem vai me matar”? Daqui a pouco vem ele de lá com uma máquina e falou assim: “Eu vou tirar um retrato seu, viu? Esse aparelho aqui é uma máquina que tira retrato. Não vai lhe causar nenhum problema, é só para fazer uma imagem sua, uma fotografia”. Aí ele bateu a chapa, ajeitou a máquina e mandou eu arriar o saco. Depois

me chamou pra sentar e conversar com ele. Sentei, bebi água e ele apertou a minha mão. Nessa hora, eu vi que estava tudo bem, que o homem era gente boa:

- Vamos conversar, deixe o saco aí. Aqui tem um maranhense chamado Patrício. O senhor o conhece? Olha, vamos fazer o seguinte... o senhor sabe trabalhar?

- Sei. Sei roçar mato, plantar mandioca, feijão, arroz, sei fazer rapadura, fumo, cachaça, faço de tudo.

Nessa hora, ele achou graça e falou assim:

- Olhe, vamos ali na república. Peque suas coisas.

Eu não sabia o que era república, mas fui lá com ele. República era o lugar dos alunos trabalhadores, os que não podiam pagar o colégio. Lá chegando, ele me apresentou a Dona Madalena:

- Este aqui é o Apolônio, um herói do Maranhão. Cuide bem dele, viu? Hoje ele só vai descansar. Vai tomar banho, comer e descansar.

Depois ela me perguntou:

- O senhor tem roupa?

- Roupa? Não, senhora. Só tenho esta aqui mesmo.

- Nesse saco aí não tem roupa, não?

- Não senhora. Aqui tem rapadura, jabá, rede, mi-nhas coisas de viagem.

De onde eu venho ninguém tinha preocupação com roupa. A roupa era feita em casa mesmo... era uma espécie de roupão pra homem, mulher, menino, todo mundo. Terminou que o americano me deu roupa dele

pra eu vestir no colégio. Era cada camisa enorme, que parecia um vestido em mim... uma calçona que eu tive de cortar.

Dormi uns dois dias inteiros. Só acordava pra beber água e comer alguma coisa. No terceiro dia, Dr. Foreman disse:

- Agora você já pode trabalhar. Você tem coragem?

- Tenho.

Aí ele falou:

- Você está em fase de teste aqui. Sua primeira prova é trabalhar na fazenda, roçando mato.

O campo pra eu roçar era enorme. Dava mais ou menos uns dois hectares. Tinha cansação, espinho, urtiga, formiga, maribondo três pontos... misericórdia. O mato era mais alto que a cerca. Parecia que ninguém tinha se atrevido a roçar aquilo. Só sei que o missionário foi logo dizendo:

- Apolônio, seu teste vai ser isso aqui. Se roçar tudo, fica no colégio e ainda ganha quarenta mil réis. Se não roçar, vai embora. Entendeu?

Aí ele me deu umas botas, calça comprida de boca amarrada, luva... eu tava todo equipado. Quarenta mil réis pra mim era um bocado de dinheiro, então mandei brasa. Trabalhei oito dias pra vencer aquele mato. E venci. Ele então me deu oitenta mil réis:

- Você mereceu esse prêmio, Apolônio. Deixou o campo bem roçado. E lhe desejo muito sucesso aqui no Colégio.

Quadro 4 - Cronologia comparativa – 1944

Força Expedicionária Brasileira é enviada à Europa, integrando-se ao 5º Exército Americano, contra a Itália e Alemanha.

Estados Unidos e Japão disputam sangrentamente ilhas no Oceano Pacífico.

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.



Figura 05 (esquerda): Dr. Blonnye Holmes Foreman nos anos de 1940.

Figura 06 (direita): Dr. Blonnye Holmes Foreman e alunos do Instituto Batista Industrial – IBI.

Aprovado

Com essa prova, ganhei bastante credibilidade junto aos americanos e perante todos no colégio. Eu fiquei muito feliz em estar ali, em saber que ia estudar e que os gringos gostavam de mim.

A princípio, roçava mato, trabalhava de serrador, carpinteiro, marceneiro. Tinha muita madeira na mata e os móveis do colégio eram todos de madeira, e era tudo feito ali mesmo. Naquele tempo, não havia esse negócio de não poder cortar madeira, não. A gente metia serra pra dentro e derrubava a árvore. A madeira era levada

em carretão de boi. Trabalhei um ano nessas funções. A rotina de trabalho era assim: quatro horas por dia para pagar a pensão de segunda a sexta e oito horas no sábado para pagar a pensão de sábado e domingo.

O IBI era uma escola tão importante que tinha até um hino, que a gente cantava lá:

Hino do Instituto Batista Industrial de Corrente-PI

(Arlinda Carmen Viegas)

Eis das jóias mais luzentes o nosso IBI
Como astro resplandecente ao sul do Piauí
Irradiando a sua luz nesse vasto sertão
Difundindo a instrução

Amai, amai, o nosso IBI
Prezai, prezai, o seu trabalho aqui
Descobrir com alegria seu nobre ideal
E triunfará final

Toda natureza canta um hino ao Criador
Também nós manifestamos nosso grato amor
Elevando a nossa voz em coro juvenil
Felicitemos o Brasil

Dediquemos ao trabalho a atenção devida,
Lutemos pela instrução toda a nossa vida
Realcemos o saber com força e vigor
Reconhecendo o seu valor.

Rotina e boas notas

Entre internos e externos, o colégio tinha cerca de quinhentos alunos. Havia o internato masculino e o

feminino. Tudo era muito rigoroso. Lá o sujeito tinha que andar na linha. A gente tinha que fazer fila bem alinhada. Quem botasse a cabeça pra fora do alinhamento, era chamado atenção, e chamado pelo nome. Eu não entendia como é que o Doutor Foreman sabia o nome de todo mundo. Na fila mesmo, havia a chamada lecção, que era a preparação para entrada no Salão Nobre. Lecção era uma instrução dada para todos os alunos. Ficávamos em forma, como soldados, e ali ouvíamos a mensagem instrutiva para aquele dia. Já no Salão Nobre, ouvíamos palestras, preleções e cânticos.

Nas salas normais, os professores davam aula de um palco. Qualquer aluno que fizesse alguma coisa errada, ao final era chamado ao escritório. Todos os professores eram protestantes, batistas. Católico não podia.

No pátio, lá fora, havia também a divisão de homem e mulher. Era uma linha imaginária, mas todo mundo obedecia ao limite. No recreio, quando um menino pisava do lado das meninas era um problema. Aí um sempre dedurava: “Doutor Foreman, esse aqui pisou do lado das mulheres”. De lá do escritório, o diretor ficava vendo o recreio e sabia qual era o aluno que desobedecia aos limites... ele via tudo. De vez em quando, gritava de lá: “Fulano, estou vendo, viu”? Uma vez ele me disse que fazia questão de matricular aluno por aluno. Era assim que ele sabia os nomes.

Na sexta série, fui promovido a diretor do interna-

to. Graças a Deus, me tiraram da roça e me botaram pra tomar conta dos alunos internos. Na verdade, eu era o sensor, uma espécie de bedel. O que eu não conseguia resolver, levava para o Dr. Foreman.

No Instituto, eu estudava Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Desenho, Física, Química e a gente ainda fazia caligrafia. Eu pensava que seria difícil aprender os conteúdos escolares, mas foi fácil. Eu aprendi tão rápido que, em um ano, eu fiz três. Isso não era permitido, mas em função da minha idade, pelo fato de eu querer ser missionário (e havia carência de missionários no campo) e por insistência dos professores, o Dr. Foreman levou o caso a um conselho escolar e assim me foi permitido avançar de uma série pra outra, no mesmo ano. Teve uma professora de nome Gedida que argumentou: “Doutor Foreman, o Apolônio já sabe tudo. Não tem porque mantê-lo nesta série”. No ano seguinte, a mesma coisa aconteceu. No meio do ano, eu já tinha aprendido tudo. Teve um momento em que o Dr. Foreman falou: “Apolônio, mesmo contra o regulamento, vamos colocar você no terceiro ano, mas se você não passar, será expulso do colégio. Aceita o desafio”? E eu disse: “Aceito”. Pois naquele ano eu tirei em primeiro lugar no colégio todo. Minhas notas foram as maiores da escola.

Aquele Instituto produziu grandes cérebros, pessoas que se projetaram no Brasil e no exterior. Carlyle Macedo foi um desses. Era um gênio. Ele não anotava

nada, só prestava atenção às aulas e pronto. Às vezes, ficava compondo versos no meio da aula, mas ouvia tudo que era dito. Tinha professor que reclamava com ele: “Carlyle, você não anotou nada...”. E ele respondia: “Professor, eu assisti a aula. Já aprendi. Pode me perguntar qualquer coisa da aula de hoje e eu lhe digo”.

Ao final do ano, o professor de matemática disse que não iria fazer mais prova. Disse que iria dar uma nota qualitativa por comportamento, participação e liberar a turma. Todo mundo ficou contente com a notícia, menos Carlyle, que levantou o braço pedindo a palavra: “Professor, não quero nota atribuída. Quero nota merecida. Eu prefiro fazer a prova”. Nessa hora, todo mundo pensou que ele estava doido, por querer fazer prova... aí o professor mandou todos se retirarem e escreveu no quadro uma questão difícil para Carlyle responder. A gente ficou lá de fora comentando: “Carlyle, desta vez, vai entrar pelo cano...”. Estava o professor sentado e Carlyle fazendo umas equações no quadro. Teve uma hora que o professor falou: “Carlyle, já vi que você está indo pelo caminho errado. E ele respondeu: “Professor, eu vou por um caminho que o senhor não conhece. Aguarde um pouco”. Depois de uns dez minutos, Carlyle concluiu o problema e deu a resposta. Aí o professor falou que a resposta estava certa, mas que ele não aceitava daquele jeito. Disse para desenvolver o problema todo, destrinchar tudo.

Então Carlyle encheu os dois quadros de números, desenvolveu o problema todo e encontrou novamente a mesma resposta. Aí o professor falou: “É, Carlyle, você é um caso sério. Não posso lhe atribuir nota menor do que cem”. Cem era a nota máxima no Colégio.

Esse Carlyle depois foi estudar em Recife e ficou famoso por ser um gênio. Dizem que os diretores de cursos de lá pagavam a ele para ele se matricular e assim faziam propaganda da instituição, divulgando que Carlyle Macedo era aluno do curso. Eu sei que ele fez engenharia, medicina, fez não sei quantos cursos. Outros colegas que tive foram Jorge Dias, Juracy Aragão, Jônatas Ribeiro, Francisco Melo, Anderson Dourado e Dante França.

Epidemia

Quando eu ainda era o responsável pelo internato masculino, houve uma epidemia por lá. Foi uma coisa terrível que quase contaminou todo mundo. Era uma febre, acho que era varíola, chamada bexiga preta. Quase todos os internos adoeceram. Muitos saíram para a cidade, para ficar na casa de amigos. Os que não tinham conhecidos em Corrente permaneceram ali mesmo, no internato. Um deles não resistiu. Passou muito mal e morreu. Ele tinha uns 28 anos de idade e se chamava Zé Guimarães. Era um dos alunos mais velhos no colégio.

Os colegas saíram dizendo que ele tinha morrido e foi aquele alvoroço. Ninguém quis mais entrar lá. Então o Dr. Foreman chegou assim e me pediu: “Apolô-

nio, se você não fizer isso pra mim, não terei ninguém que faça. As pessoas têm medo da doença. É uma doença infecciosa, viu? Mas eu lhe dou roupa para você se proteger. Se adoecer, eu garanto que lhe trato e você fica bom”. E eu disse que ia, e fui mesmo. Vesti a roupa de couro por cima, calcei bota de borracha e entrei. Quando cheguei perto do morto, vi que ele tinha sofrido uma disenteria muito grande, tinha vomitado... tava feia a coisa. Aí não teve jeito. Tive que lavar tudo, limpar tudo. Carreguei não sei quantos baldes d’água pra limpar o homem, a cama, o chão, tudo. Terminei deixando o corpo limpinho, pronto pro enterro. E ele foi enterrado lá mesmo, no colégio. A família só soube bem depois. Naquele tempo não tinha muita dificuldade pra enterrar, não. Era só cavar e enterrar. Lá em Corrente já tinha o parque de sepultar gente, mas quem queria enterrar na sua casa ou no quintal, enterrava.

Depois desse fato, o Dr. Foreman mandou buscar um médico em Santa Rita de Cássia, na Bahia. Foi o Dr. Misaël Guerra, que veio acompanhado de uma enfermeira chamada Dona Estela. Eles vacinaram todo mundo lá, mas eu não quis ser vacinado. Fiquei com medo.

Moeda própria

Naquele Sul do Piauí não se via muita gente com dinheiro, não. Quando um rico de lá tirava do bolso uma nota, todo mundo ficava impressionado. Acho

que era pequena a circulação de papel-moeda. Então o Instituto fez o seu próprio dinheiro. O Dr. Foreman mandou fazer umas fichas que circulavam e valiam como dinheiro e eram recebidas por todo mundo em Corrente. O Instituto garantia o valor da ficha. Funcionou assim durante muito tempo. Depois chegou lá um representante do Governo e implicou com essas fichas. Disse que era proibido, que era ilegal. Aí Dr. Foreman teve que parar com aquilo. Eu também me lembro que quando um rico de lá ia fazer compras em Recife ou outra cidade grande, o Dr. Foreman ficava com o dinheiro dele em Corrente e mandava o secretário da Missão pagar à pessoa lá na capital pra onde ela ia. Os missionários eram muito organizados com dinheiro e recebiam muito recurso dos Estados Unidos.

Pecado e cisão

Além de diretor do Instituto, o Dr. Foreman era pastor da Primeira Igreja Batista de Corrente. Havia muitos membros que eram da família dos Nogueira Paranaguá, que eram os mais ricos. Aconteceu que Dr. Foreman soube de uns problemas envolvendo um coronel de nome J. N. O homem era crente, membro da igreja, mas tinha mandado matar gente, tinha não sei quantas mulheres e isso feria a norma protestante. Mas a diretoria¹⁷ da igreja abafava o caso porque o

17 Nas igrejas batistas, o pastor ocupa cargo de moderador e há uma di-

coronel era dizimista¹⁸ forte. Por isso, ninguém queria que ele fosse eliminado do rol de membros. Também porque seria um escândalo na cidade... já pensou? Um coronel, um homem famoso, de família de nome, ser eliminado da igreja batista? Porém, o Dr. Foreman não aceitava aquilo e terminou brigando com a diretoria da igreja. No final das contas, como o Foreman não conseguiu eliminar o coronel, ele próprio se demitiu da função de pastor, criando outra igreja. Assim, metade dos membros ficou do lado de Foreman e a outra metade, influenciada pelos Nogueira Paranaguá, permaneceu na Primeira Igreja.

Na época, eu não entendia muito bem esse negócio de eliminar a pessoa, mas hoje sou convictamente contra. Entendo que é preciso disciplinar, mas eliminar não. E eliminar é também uma palavra pesada, dá ideia de apagar, fazer desaparecer. O livro de João, capítulo 8, narra a história de uma mulher adúltera que foi levada a Jesus pelos religiosos daquele tempo para ele lhes dizer o que achava daquela situação. Pela Lei de Moisés, ela deveria ser apedrejada. Porém Jesus lhes disse: “Aquele que não tiver pecado, atire a primeira pedra”. Ao final, após todos terem saído dali cabisbaixos, Jesus pergunta

retoria, composta de secretário, tesoureiro, diretor de música, superintendente da escola bíblica dominical, entre outros cargos. É a diretoria, juntamente com a plenária dos membros, que toma as decisões.

18 Aquele que segue a doutrina do dízimo, contribuindo mensalmente com dez por cento da sua renda bruta.

à mulher: “Onde estão teus acusadores? Ninguém te condenou?” E ela lhe disse: “Ninguém, Senhor”. E por fim, Jesus fala: “Nem eu te condeno. Vai e não peques mais”. Portanto, diante de uma tentativa de “eliminação”, Jesus demonstrou amor e cuidado para a pecadora. Mas lá em Corrente, a coisa não foi assim. Houve uma divisão da igreja mesmo. Dessa cisão, surgiu a Segunda Igreja Batista de Corrente, que ficava entre a cidade e o Instituto. Inclusive, para o culto inaugural, Dr. Foreman trouxe de avião o Pr. Nery Gutemberg Guarabira, que era da cidade de Barra. Guarabira era pastor e rábula, homem muito esclarecido, jurista de primeira. Sabendo que a briga em Corrente tinha sido por causa dos Nogueira Paranaguá, disse de lá do púlpito: “Os Paranaguá, desta vez, foram parar n’água”. E eu fiquei emocionado em ouvir o Guarabira, porque já conhecia as histórias das brigas dele com os católicos lá em Barra. Disseram que, desafiando o bispo, ele comprou um terreno defronte à Igreja Matriz para construir um templo batista. O bispo disse logo: “Igreja protestante aqui defronte, jamais”. Então o bispo fez uma campanha contra a construção do templo batista, alegando que aquilo afrontava Nossa Senhora, mãe de Jesus, etc. Aí, dentre os batistas, havia um político forte chamado Arthur Ribeiro e ele disse ao Pr. Guarabira: “Pode tocar a obra pra frente que eu garanto”.

Naquele tempo, a única diversão do povo de Barra

era o serviço de alto-falante. Tudo que era novidade, notícia saía no alto-falante. Portanto, era pelo alto-falante que o Pr. Guarabira e o bispo duelavam, através de um programa chamado “A voz da cidade”. Uma semana era a voz de um, na outra semana, a voz do outro. O povo já até esperava aquele bate-boca:

- Ao microfone, o Reverendo Nery Gutemberg Guarabira. Estão dizendo que eu sou contra Nossa Senhora, pois hoje vou falar sobre Nossa Senhora, a mãe de Jesus.

Aí ele mencionava versículos bíblicos que falavam da mãe de Jesus, tentando convencer os católicos de que ele não era contra Nossa Senhora, falava de outras passagens que mencionavam Maria. Essa briga durou meses. Um dia, o Guarabira teve que viajar e ficou um tempo fora. Aí o bispo aproveitou:

- O protestante meteu a viola no saco e correu. Fugiu do debate.

Quando Guarabira retornou à cidade, contra-atacou:

- Ao microfone, o Reverendo Nery Gutemberg Guarabira, que tirou a viola do saco e está de volta ao debate.

Pois bem, o Guarabira, lá em Corrente, fez várias pregações e fortaleceu o grupo liderado pelo Foreman. Anos depois, outros missionários convenceram Foreman a desmanchar a igreja criada, alegando que Corrente só precisava de uma igreja batista.

Quadro 5 - Cronologia comparativa – 1945

Getúlio Vargas é deposto através de um golpe militar.	Acaba a II Guerra Mundial, com o rendimento da Alemanha e o esfacelamento da Itália e do Japão.
-------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

O bom filho à casa torna, pela segunda vez

Eu ia muito bem lá no colégio, mas sempre lembrava dos meus irmãos e de minha mãe. Na hora das refeições, eu pensava: “Oh, meu Deus, eu aqui nessa fartura de comida... comendo de garfo e faca, tendo roupa, sapato, tudo, e minha família lá naquele Pé da Ladeira, numa vida tão primitiva...”. Então eu decidi voltar ao Maranhão e trazer meus irmãos pro colégio também. Dr. Foreman falou pra mim: “Apolônio, a sua intenção é nobre e por isso mesmo eu não posso lhe impedir, mas você vai se prejudicar. Vai se atrasar nos estudos, vai perder o ano e ainda vai ter que trabalhar em dobro pra ajudar seus irmãos e sua mãe.”

Não teve jeito, eu decidi e fui mesmo. Arrumei o saco e bati perna de novo. Só que desta vez eu não fiz tanto arroteio como antes tinha feito pelas andanças nos garimpos. Agora eu já estava mais informado de como chegar ao Maranhão mais ligeiro, já sabia como ir direto.

Peguei o caminho por Rueira, São Gonçalo, Gilbués, Monte Alegre do Piauí, Jaburá, Conceição, Murici, Tucuns, Cabeceira do Riachão dos Paulos, Jatobá, Ribeiro Gonçalves, Sabaíba, Sucupira, Souza, Uruçuí,

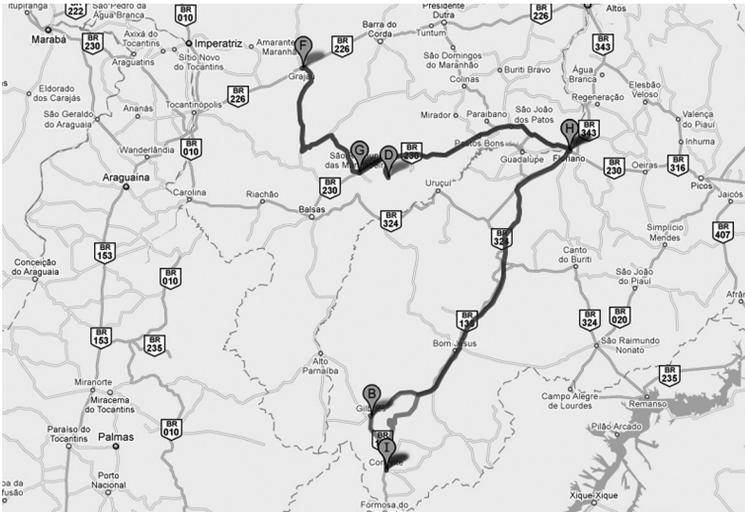
Benedito Leite, São Félix, Loreto, Santana, Santa Te-
reza e cheguei à Mangabeira, Maranhão.

Chegando lá, minha família já me esperava por-
que eu tinha mandado uma carta falando tudo. Nessa
carta, eu dizia que lá em Corrente eles teriam futuro,
iriam melhorar de dias, que poderiam estudar e tra-
balhar no instituto. O estafeta havia entregue a carta
mais ou menos uma semana antes de eu chegar. Na-
quele tempo, carteiro carregava saco no lombo, cami-
nhava não sei quantas léguas por dia até entregar o
saco a outro carteiro, que continuava a viagem. A for-
ma de locomoção era perna mesmo, era a pé ou mon-
tado em animal.

Chegando em casa, vi que faltavam dois irmãos
meus, que estavam pelas bandas de Grajaú, que fica
mais pro norte. Então descansei uns dias e bati pernas
para lá, pra buscar os dois. A ideia era reunir a família
toda para a viagem a Corrente.

Depois da família reunida, arrumamos as trouxas
e pegamos estrada de volta pra Corrente: eu, meus
irmãos, minha mãe, todo mundo. Cada um com seu
saco nas costas e ainda vinha a jumenta da família,
carregando o grosso da bagagem. A viagem toda, de
ida e volta, durou quatro meses. Saí de Corrente em
novembro e cheguei de volta no mês de março, quan-
do as aulas já tinham começado. Aquele ano, eu per-
di, exatamente conforme Dr. Foreman havia previsto.

Perdi o ano e ainda tive que trabalhar em dobro para custear os estudos dos meus irmãos.



Fonte: Google - Dados cartográficos ©2010 Europa Technologies.

Figura 07 – Trajetória de Apolônio, a pé, de Corrente – PI (A/I) a Gilbués – PI (B), Floriano – PI (C/H), Loreto – MA (D), São Raimundo das Mangabeiras – MA (E/G), Grajaú – MA (F), São Raimundo das Mangabeiras – MA (G) e retorno a Corrente – PI (I), via Gilbués (H): 2.231 km.

Pensão e sobrevivência

Havia uma pensão em Corrente, de propriedade de Jesita Nogueira Paranaguá. Então o Dr. Foreman negociou com ela para ali minha família morar. Minha mãe cozinhava para os trabalhadores das fazendas do Instituto e para os caminhoneiros que chegavam. Meu trabalho era fazer todo o serviço de limpeza. Buscava água no rio, pisava milho, fazia

de tudo. Cinco horas da manhã eu já tinha encheido o tanque de água... começava de madrugada. Pra encher, eram mais ou menos umas quarentas latas d'água por dia. Eu levava duas latas em cada viagem, penduradas num pau, atravessado nas costas. Essa era minha rotina.

Esse esforço todo era pra pagar as despesas dos meus irmãos no colégio, mas infelizmente não valeu a pena porque eles não se empenharam para estudar. Uns até debandaram pra outros trabalhos em roça e corte de madeira. Tinha um irmão meu que era doente, Daniel. Ele tinha epilepsia. De vez em quando, aquilo o acometia e era um problema. Aí minha mãe reconheceu que a presença dela e dos outros filhos só me prejudicava. Resultado, um tio meu, de nome Simão, irmão dela, veio buscá-la de volta pro Maranhão, junto com os meninos. Só ficaram um ano no Instituto, em Corrente, e foram-se embora. Depois disso, nunca mais vi minha mãe. Ela mesma me disse que eu não a veria mais... e meus irmãos se espalharam pelo mundo. Um foi para o Rio de Janeiro e morreu por lá, outro parece que ainda mora em Barreiras, na Bahia... espalhou tudo por aí.

Dr. Robert Elton Johnson

Depois de dois anos que eu estava no Colégio, foi embora o diretor, Dr. Foreman, e chegou um outro

chamado Dr. Elton Johnson. Vieram ele, os filhos, a mulher (Dona Elizabeth) e uma moça que trouxeram de Minas Gerais para ser a cozinheira da casa, Isabel. Isabel já trabalhava para eles em Minas e no Espírito Santo, quando o Dr. Johnson foi diretor do Colégio Batista de Vitória.

Para a cidade de Corrente, a chegada do Dr. Johnson foi um acontecimento tão importante quanto a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro. Para transportar a bagagem dele, foram necessários doze carros de boi pra carregar tudo. Foi uma espécie de comboio para trazer a bagagem do homem. E ele, a esposa, os filhos e Isabel, que já era considerada da família, vieram num Jeep de Barra até Corrente, acompanhando os carros de boi. Antes de eles chegarem, já tinham avisado lá no Instituto, na hora da lecção, que viria um missionário de nome Johnson, trazendo um carro que gritava, que piscava os olhos, que andava em qualquer estrada, que subia até em pau. Então já estava todo mundo na expectativa de conhecer esse carro, um automóvel. Em Corrente, naquele tempo, só tinha carro de boi. O primeiro automóvel naquele sertão todo foi o de Dr. Johnson.

Além do Jeep, Johnson trouxe um gerador de energia para o Instituto. Veio um engenheiro de nome Dr. Gomes instalar a máquina. Quando ligou o motor e acendeu tudo, o povo todo ficou encabulado. Nunca em Corrente se tinha visto uma coisa daquela.



Figura 08 – Dr. Robert Elton Johnson, Dona Elizabeth e filhos, nos anos de 1940. Corrente-PI.

Fui apresentado ao novo diretor e disseram a ele que eu era estudante trabalhador, que era gente boa... e eu gostei logo da moça que eles trouxeram.

Diziam que o Dr. Johnson e o Dr. Foreman não se davam muito bem porque D. Elizabeth, lá nos Estados Unidos, havia sido namorada do Foreman. Ela rompeu o namoro com ele e se casou com o Johnson. E depois disso, o Foreman não quis mais saber de mulher. Disse até que queria viver sozinho e morrer sozinho. Parece que Deus ouviu as palavras dele porque terminou morrendo sozinho mesmo, num avião. Ao

sair do Colégio em Corrente, ele voltou para os Estados Unidos, fez curso de piloto e já retornou ao Brasil com o avião. Num dia de temporal, em março de 1955, o avião dele acabou se chocando contra um morro lá perto de Seres, Goiás. Só acharam os destroços e o corpo uns dez dias depois. Mas antes de morrer, ele fez muita coisa boa no Goiás, num pedaço que depois virou Tocantins: abriu orfanato, fundou escolas em Taguatinga e Dianópolis e com seu avião socorria pessoas doentes, levava os moribundos para cidades onde havia hospital. Essas histórias sobre o Foreman são contadas no livro *Heróis da Obra Missionária no Brasil*, do Pastor Clovis Lopes de Sousa, que morava em Seres e agora vive em Barreiras, na Bahia. Esse livro até fala de mim, um pouquinho. Tem uma partezinha lá que fala de Apolônio.

Eu não sabia nada desse Dr. Johnson, mas percebi que ele gostou de mim e eu gostei dele. Esse homem me foi um amigo, um conselheiro, um pastor de verdade por longos anos. Era um homem muito bom, que desejava o bem das pessoas.

Eu tinha 16 anos de idade e morava em Monte Alegre, Piauí. O garimpo de lá estava no auge da produção naquele ano de 1952. Eu havia adoecido e por causa disso, não pude sair para ver o carnaval. Eu já não dançava muito porque me desiludira por causa de um tapa que levei. Tentando aprender a dançar, pisei forte no pé de uma menina, que era valente, e ela me deu um belo tapa na cara. Na feira da cidade, vi um grupo de pessoas distribuindo folhetos com um trecho do Evangelho de João. Re-

cebi um exemplar, que li todo no mesmo dia. Gostei da leitura e tive logo o impulso de queimar um livro que eu comprara para conquistar uma mulher. E graças a Deus não deu certo, a garota era apenas uma aventura de adolescente. Na noite seguinte, procurei a Congregação Batista onde pregava o Apolônio Brito, seminarista que estava lá de férias. O que ele falou prendeu minha atenção e dele não pude fugir. Era uma palavra de coração para coração, de ex-garimpeiro para um garimpeiro. Foi através dele que entendi e aceitei o evangelho de Cristo. Considero-me seu filho espiritual. Deixei a vida do garimpo e me tornei pastor evangélico. Não foi à toa que Apolônio passou por tantos perigos nos garimpos, enfrentou doença, dormiu entre onças, viajou a pé por milhares de quilômetros até chegar ao Instituto Batista Industrial de Corrente, onde recebeu calça e camisa do diretor, Dr. Foreman, porque só tinha mesmo a roupa do corpo. A vida dele tinha mesmo um propósito e ele recebeu de Deus um chamado especial.

Clovis Lopes de Sousa, pastor, escritor. Barreiras, julho de 2010.

Morei em Santa Rita de Cássia em 1962 e lá lecionava numa escola primária. Notei que vários alunos tinham por nome Elton Johnson. Eram Elton Johnson dos Santos, Elton Johnson Pereira, e assim por diante. Perguntei às colegas o porquê de tanto Elton Johnson e elas me disseram que era o nome de um missionário americano importante e que ele fizera muita coisa naqueles rincões.

Damare Maria de Oliveira Mattos, professora. Itabuna, julho de 2010.

Isabel Teodoro Silva e internato feminino

O Dr. Johnson era bastante acessível, amigo, mas Dona Elizabeth era meio sisuda, não era de muita conversa, não. Ela tinha um jeito de gringa séria. Às vezes, queria parecer que era uma pessoa comum, do meio

do povo... comprou até uma saia de algodão, fiado e tecido lá no Piauí mesmo, mas ela se mantinha sempre numa posição superior, com o pescoço em pé. Dizem que ela vinha de família rica nos Estados Unidos e que o pai dela, Dr. Jackson, morreu naquele famoso naufrágio do navio Titanic em 1912.

Pois bem, um dia em que eu passei perto do fundo da casa dela e Isabel tava lá lavando a louça, fiquei de cá olhando... Daqui a pouco Dona Elizabeth apareceu e falou de lá: “Que é que o senhor está olhando”? E eu disse que queria falar com o Dr. Johnson. Aí ela disse: “A frente da casa é do outro lado, viu? Quando o senhor quiser falar com o Dr. Johnson, vá pelo lado de lá”. Acho que ela notou logo que eu estava interessado em Isabel. Depois me disseram que ela tinha falado lá com o Johnson que não levou moça pra Corrente para namorar, não. Que Isabel estava ali para estudar e trabalhar na casa. A essa altura, Isabel, com certeza, já tinha observado que eu olhava pra ela. Foi assim que começou o namoro entre nós.

Sabiá

(Luiz Gonzaga/Zé Dantas)

A todo mundo eu dou psiu
Psiu, psiu, psiu
Perguntando por meu bem
Psiu, psiu, psiu
Tendo o coração vazio
Vivo assim a dar psiu
Sabiá vem cá também

Psiu, psiu, psiu
Tu que anda pelo mundo
Sabiá
Tu que tanto já voou
Sabiá
Tu que fala aos passarinhos
Sabiá
Alivia a minha dor
Sabiá
Tem pena d'eu
Sabiá
Tem, por favor,
Sabiá
Tu que tanto anda no mundo
Sabiá
Onde anda o meu amor
Sabiá...Á

Dona Elizabeth tomava conta das internas. O internato feminino era bem longe do masculino... o masculino era cá distante. A gente só via as meninas de longe, mas os dois grupos se encontravam no café e no almoço, lá no refeitório. O refeitório era um curral, um galpão cercado de madeira. Tinha a entrada das moças e a entrada dos rapazes. A porta das moças era do lado esquerdo, a dos rapazes do lado direito. A gente se encontrava lá, mas era moça de um lado, rapaz do outro. E tinha o chefe das moças e o chefe dos rapazes, pra evitar namoro. Tinha muita fiscalização pra evitar encontro de mulher com homem. O máximo que se conseguia era mandar recado ou um bilhete por uma pessoa de confiança. Às vezes, dava pra pegar na mão,

fazendo de conta que estava cumprimentando, mas era tudo rápido, pra não levantar desconfiança dos sensores. Portanto, meu namoro com Isabel era só de bilhete e de pegar na mão no domingo, na hora do culto. Às vezes, nos encontrávamos rapidamente pra tratar da minha roupa, que ela costurava. Os americanos é que me davam roupa e Isabel encurtava as calças e as camisas, pra assentar melhor em mim.

Um momento bom para a gente ver as moças era quando passavam na porta do internato masculino, a caminho do rio, pra tomar banho. Aí a turma toda olhava, comentava. Todo mundo tomava banho no rio. Tinha lugar dos homens e lugar das mulheres, horário de homem e horário de mulher. Chuveiro mesmo só havia lá na casa de Dr. Johnson. Dona Elizabeth tomava banho no chuveiro, dentro de casa.

A maioria das mulheres que estudavam lá era tudo de família rica, mas algumas mais pobres também pagavam o colégio com trabalho, principalmente trabalho doméstico. E lá todo mundo tinha que aprender a fazer de tudo. Eu me lembro que uma vez chegou lá um coronel trazendo a filha pra estudar no colégio, mas o Dr. Johnson não aceitou a moça porque ela veio com uma criada. Ele disse que ali cada um tinha que aprender a lavar sua roupa e a cuidar de si próprio. Disse que se ele quisesse matricular também a criada pra estudar, que seria aceita e o coronel pagaria por duas alunas, mas aceitar a criada pra cuidar da filha...

isso não se aceitava. Aí o coronel disse que a filha dele não ia ficar sem a criada, que ela era moça fina e tinha que ter a empregada pra cuidar dela. No final das contas, ele se aborreceu com o Dr. Johnson e foi-se embora com a filha e a criada.



Figura 09 – Isabel Teodoro Silva, em 1952.

Férias e pregações

Nas férias, os alunos mais ricos iam pra casa. Cada um voltava pra sua cidade. Ou o pai mandava buscar ou o aluno ia sozinho montado em animal. Alguns

pegavam um navio em Barra, até chegar. Os que não tinham recurso, que trabalhavam no colégio, ficavam em serviço de limpeza, conserto de mesas, carteiras, havia vários tipos de trabalho nas férias.

Além de fazer meu serviço no colégio, eu costumava sair com os missionários no Jeep para evangelizar. Quando era mais pra longe, eu ia sozinho num burro, porque eles não gostavam de andar montado. Ou iam de Jeep ou de avião. Naquele mundo de terra do Piauí não tinha uma estrada que prestasse. É por isso que os americanos haviam mandado construir pista de pouso em vários lugares. Então eu ia na frente, a pé, e depois eles iam de avião para batizar os convertidos.

Numa dessas andanças, aconteceu uma coisa até engraçada. Eu fui a Santa Rita de Cássia, para pregar o evangelho. Fiz um evangelismo lá na praça da cidade. Li a Bíblia, preguei e cantei. Aí eu vi um indivíduo de lá com os braços cruzados, com cara de quem não aceitava o que eu dizia. Depois eu soube que aquele era o Pastor Davi Teixeirense, que havia largado o evangelho. Quando terminei, ele se aproximou e disse:

- Falou bem... você é pré-seminarista, não é? Eu também já fui assim com esse entusiasmo todo.

Aí ele me explicou que tivera formação teológica, que era missionário da Junta de Missões Nacionais, mas que havia largado tudo e que agora vivia uma vida secular. E eu perguntei:

- Mas, Pastor Davi, o senhor não está arrependido de ter deixado o evangelho, não?

E ele me disse:

- Só estou arrependido de não ter começado minha vida devassa mais cedo. É disso que me arrependo.

Mas isso não me desanimou, não.

Outra vez saí de Corrente num burro, levando comida, rede, livro. Passei por Santa Filomena, Santa Vitória, peguei a serra que dá no Jalapão. Cheguei perto de onde eu havia passado na minha caminhada do Jalapão para Corrente. Eu nem sei quantos quilômetros andei... Era um lugar onde havia uma comunidade grande, próximo a Mateiros, na margem do Rio do Sono. E existia lá um reduto de jagunço... só tinha gente valente. Naquele tempo todo mundo tinha medo de jagunço e de viajante que andava armado. Quando eles chegavam na cidade, o povo corria pro mato. Costumavam roubar animal, munição, alguma coisa que precisassem pra seguir viagem. Eu hoje fico impressionado em lembrar que, naquela época, eu não tinha medo de nada. Agia pela fé, por ingenuidade, ignorância, não tinha medo do perigo. Hoje eu não teria mais coragem pra fazer essas coisas... minha fé não dá pra sustentar uma coisa dessas...

Eu tava subindo a serra quando topei com um grupo montado. O chefe deles era um tal de Nocalira e tinha outro chamado Zé Moreno. Nocalira era um ca-

valeiro bonito, de peitoral, chapéu de couro e parabelo na cinta. Aí ele perguntou: “Quem vem aí”? E eu disse “Sou evangelista, Apolônio”. E eu também perguntei: “Quem vem lá”? E ele me respondeu: “Eu sou Nocalira”. Aí eu disse “Ah, o Senhor é o valentão daqui da serra, não é”? E ele falou: “Num sou não, mas sou Nocalira. O que é que há”? E nisso ele já foi botando a mão no parabelo. Nessa hora, eu vi que a coisa não tava boa pra mim. Aí eu falei: “Me disseram que se eu chegasse nas terras de Nocalira eu tava bem guardado”. E ele disse: “Num é mentira não. Aqui você tá amparado”. Aí ele me ensinou como chegar à casa dele e prosseguiu em direção a uma cidadezinha pra comprar munição.

Quando cheguei na casa dele, só tinha homem armado. Todo mundo de espingarda, rifle, parabelo, pau de fogo na cintura... e tinha arma pendurada nas paredes também. Aí eu senti logo aquele clima medonho. Perguntaram: “Quem é você”? E eu disse logo: “Sou evangelista, Apolônio. Encontrei com Nocalira lá na ladeira e ele disse pra eu vir pra cá. Disse que aqui eu tava guardado”. Depois disso, eles me receberam bem, tomaram conta do meu burro, deram água ao bicho... aí eu fiquei mais tranquilo.

À noite, acendi uma vela de cera de abelha e fiz o culto. Falei de Jesus Cristo, li a Bíblia e várias pessoas aceitaram o evangelho: uma filha dele, um filho e mais oito jagunços. Dois dias depois, Nocalira chegou com

os cabras, carregado de bala. Era bala pra turma toda. Nunca tinha visto tanta bala em minha vida.

Quando eu vi que o povo simpatizou comigo e com minha pregação, resolvi construir uma pista de pouso lá numa vereda para que o missionário pudesse ir de avião e batizar as pessoas.

Em uma semana, fiz a pista, que tinha seiscentos metros de comprimento. Lá é tudo plano. Num tem serra de jeito nenhum. A serra é só pra subir. Por isso, foi fácil fazer a pista à margem do rio. Só precisei limpar o terreno, tirar toco, tirar cupim, cortar sambaíba e a pista ficou pronta. Depois fizemos uma biruta com dois lençóis amarrados em vara de pindaíba. Inclusive, meu primeiro filho, Adel, que é aviador, pousou nessa pista em 1980. Na época, ele era piloto da Bahia Taxi Aéreo – BATA e estava pelo Goiás a serviço de uns gringos que pesquisavam petróleo. Ele primeiro pousou numa pista grande em Mateiros e depois localizou essa outra que eu fiz. Avião é uma coisa bonita... a primeira vez que vi um avião em minha vida foi lá no Instituto, em Corrente. Era um Piper, que levava quatro pessoas: o piloto e mais três. O prefixo do avião era PPDVV. A gente falava que aquilo era uma sigla: “Pelo poder divino vamos voar”. Quando vi aquele aparelho pousar lá na pista, eu fiquei impressionado. Cá de baixo, a gente vê o aparelho parecendo um gavião, mas quando pousa... que coisa bonita.

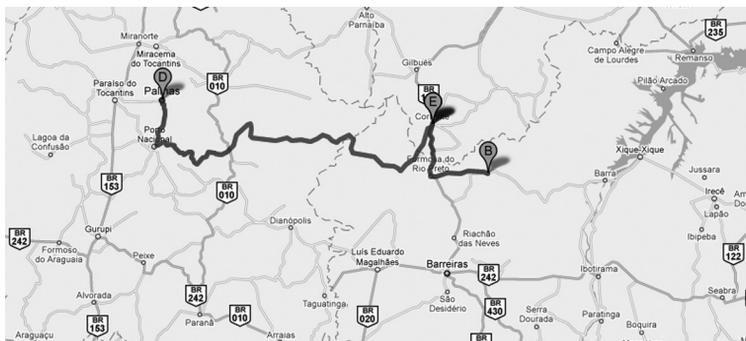
O Morceguinho (o autor da natureza)

(José Cândido/João do Vale/Zé Vicente da Paraíba)

O homem é o rei do animais
A mulher a rainha da beleza
Através da ciência tudo faz
Engrandece a terra e a natureza
Faz um "moio" de ferro avoar
Mata e cura a própria humanidade
Fala um lá da China num ciclone
E num bicho de nome telefone
Manda um outro no Brasil escutar
Mas tem coisa pequena nesse mundo
Que desafia a ciência de verdade
Tá aqui uma que causa confusão
A ciência não dá explicação
Se morcego é ave ou animal
E como é que é feita a geração
Mata um, tem outro dentro dele
Dentro dele tem outro menorzinho
Procurando com jeito ainda encontra
Dentro do outro um outro morceguinho
A abelha por Deus foi amestrada
Sem haver um processo bioquímico
Até hoje não houve nenhum químico
Pra fazer a ciência dizer nada
O buraco pequeno da entrada
Facilita a passagem com franqueza
Uma é sentinela de defesa
E as outras se espalham no vergel
Sem turbina sem tacho fazem mel
Quanto é grande e suprema a natureza
Procurando com jeito ainda encontra
Dentro dele um outro morceguinho

Pois bem, retornei a Corrente e contei ao missionário que muita gente havia aceitado o evangelho e

precisava de batismo. Falei também que já tinha feito a pista de pouso com seiscentos metros.



Fonte: Google - Dados cartográficos ©2010 Europa Technologies.

Figura 10 – Trajetória de Apolônio, a pé, de Corrente – PI (A/E) a Santa Rita de Cássia – BA (B), Corrente – PI (E), Mateiros – TO (D) e retorno a Corrente – PI (E): 705 km.

Uns três dias depois, pegamos o avião do Instituto e decolamos em direção ao Jalapão. Fomos eu, Dr. Johnson, o piloto, que se chamava Fildren, e um ex-jagunço velho de nome Isaías. O Isaías foi conosco porque ele conhecia a fundo aquelas terras do Jalapão. O piloto até ficou preocupado porque os lugares que eu falei não existiam no mapa, mas como o Isaías estava conosco, ele topou aventurar. Contudo, ele falou logo que só tínhamos autonomia para quatro horas de voo e que se não achássemos a pista de pouso em duas horas, voltaríamos a Corrente. De vez em quando, ele botava o binóculo e olhava pra todo lado, para ver se avistava a biruta que eu havia feito com os lençóis. De repente,

ele falou: “Eu vi uma coisa balançando ali. Será que é a biruta”? Aí ele manobrou o avião naquela direção, foi baixando, baixando e viu o campo. Ele deu duas voltas em torno da pista e falou: “É, Apolônio, parece que sua pista é boa. Dá pra pousar”. Inclusive, esse piloto era muito bom, pousava em qualquer lugar. Ele tinha sido aviador na guerra e sabia fazer qualquer manobra com o avião. Só que quando o avião chegava perto da pista, o povo avançava pra cima e o piloto tinha que arremeter. Ele tentou três vezes e o povo não deixava. Acho que eles pensavam que o piloto estava brincando, fazendo de conta que ia pousar... e eu até já havia avisado quando fiz a pista: “Olhe, quando vocês ouvirem o ronco do motor e avistarem o avião parecendo um gaviãozinho, somos nós chegando, mas fiquem longe da pista”. Teve uma hora que o piloto perdeu a paciência e inclinou o avião, abriu a janelinha e gritou: “Sai da pista, sai da pista”. Foi nessa hora que eles entenderam que era pra sair da pista. Então pousamos. Aí o povo todo avançou pra perto do avião. O avião nem tinha parado direito e o povo já tava todo em cima. O povo pegava no avião, beijava o avião, pensando que aquilo era um milagre. Teve uma senhora que se ajoelhou e rezou “Meu santo avião, me ajudai”.

Aí o Dr. Johnson tirou fotografia de todo mundo lá e levou a turma para o rio, para o batismo. Naquele dia, foram vários batismos, incluindo o dos filhos do chefe, Nocalira. Quando terminou o batismo, Noca-

lira puxou o parabolo e disparou não sei quantos tiros pra cima. O piloto ficou com medo e falou: “Pelo amor de Deus, seu Nocalira, não atire mais, não atire. Nós temos outra maneira de agradecer a Deus”. Aí Nocalira falou que os tiros eram só para comemorar o batismo da filha dele, que era tiro de regozijo, que não precisava ficar com medo.

Não sei se por causa dos tiros ou porque já havia acabado o batismo no rio, o Dr. Johnson quis logo ir embora. Não demoramos muito lá, não. Pegamos o avião e decolamos de volta a Corrente. Aquela foi minha primeira viagem de avião.

Meses depois, retornei ao Jalapão novamente para levar uma professora de nome Amazília e lá organizei uma escola para alfabetizar os novos convertidos. Acho que aprendi isso com os missionários: onde chega o evangelho, chega também a instrução.



Figura 11 – Apolônio e o Cmte. Adel Silva Brito. Década de 1980.

Santas Missões

O padre de Corrente, de nome Anchieta, andava preocupado com a expansão dos missionários americanos e, conseqüentemente, com o protestantismo no Sul do Piauí. Ele viu que os missionários tinham poder econômico, avião, Jeep, tinham trazido energia para o Instituto... então ficou temeroso de o catolicismo perder força. Daí teve a ideia de trazer o bispo lá de Barra para realizar as Santas Missões e assim dar visibilidade aos católicos. Ele divulgou na cidade toda que traria um bispo para Corrente, que seria um acontecimento importante. O Dr. Johnson tomou conhecimento disso e foi lá na igreja falar com o padre:

- Padre Anchieta, Bom dia. Eu soube que o senhor pretende trazer um bispo de Barra para Corrente para realizar as Santas Missões. Como é muito difícil chegar até aqui e certamente o bispo não está acostumado a andar de burro, e por se tratar de uma autoridade eclesiástica, eu gostaria de buscá-lo de avião.

- Doutor Johnson, pelo amor de Deus, eu não posso pagar o avião para trazer o bispo.

- O senhor não entendeu. Eu não vim aqui para cobrar nada. Eu disse que posso mandar buscá-lo no avião do Instituto. Apenas quero que o senhor permita isso.

- Mas Doutor Johnson, o senhor, um protestante, vai buscar o bispo de avião?

- Sim, não me custa nada. Terei muita satisfação em mandar buscá-lo e levá-lo de volta.

Pois bem, assim aconteceu. O Doutor Johnson mandou o piloto do instituto buscar o bispo em Barra, trouxe-o a Corrente e ainda colocou o Jeep à disposição dele. Nos dias em que esteve em Corrente, o bispo ficou impressionado com o progresso trazido pelos americanos, ficou encantado com o Instituto, com o gerador de energia, com tudo. No final das contas, não falou uma palavra sequer contra os protestantes, só falou bem.

Houve um outro episódio envolvendo o Padre Anchieta e o Dr. Johnson... havia chegado a época das eleições e a briga política estava fervendo na cidade. Então o padre criticou o Dr. Johnson por ter mandado levar uma eleitora da família Nogueira de Corrente a Santa Rita de Cássia no Jeep da Missão Batista. Disse que ele não podia favorecer nem um lado nem o outro... e isso gerou muita falação na cidade. Então o Dr. Johnson foi lá na igreja falar com o padre:

- Padre Anchieta. Eu ouvi falar que o senhor teria dito que eu estava conduzindo eleitores no Jeep e gostaria de saber se isso é verdade.

- Doutor Johnson, o senhor sabe que esse povo fala demais... mas em todo caso, é bom o senhor ter cuidado com essas coisas por causa da eleição. Eu sei que o Jeep da Missão Batista não deve estar a serviço de eleitores.

- Padre Anchieta, o senhor está enganado. Gostaria que o senhor soubesse que eu não transporto eleito-

res. Transporte pessoas doentes que precisam de assistência médica. Além disso, o Jeep não é da Missão. O Jeep é meu e eu sou meu também.

Quadro 6 - Cronologia comparativa – 1948

Campanha brasileira “O Petróleo é Nosso” evolui para a criação do Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petróleo.	Organização das Nações Unidas proclama a Declaração Universal dos Direitos Humanos
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

Recife

O Dr. Jonhson foi passar as férias nos Estados Unidos e mandaram outro americano para tomar conta do instituto. O nome dele era Fite, Dr. Horace Wilson Fite. Ele tinha vindo da guerra, era chamado de “neurótico de guerra”. Eu achava até que isso era um apelido dele. Eu não sabia o que significava “neurótico”. Disseram que ele quase morreu na Europa combatendo os nazistas, que quase perdeu os pés também. Ele teve o que se chama de “pé de trincheira”. Isso acontece quando o soldado fica muito tempo com os pés nas botas, no tempo frio demais, e aí dá um problema de circulação, os pés congelam. Dizem que ele sofreu muito por lá. Talvez por isso ele fosse tão sisudo, ficava nervoso com facilidade e quase não falava português. Dirigia o trator lá da escola e só andava armado. Ele foi mandado a Corrente porque era agrônomo e a escola precisava de alguém para cuidar das fazendas, do gado, das lavouras, das terras do Instituto.

Eu me lembro que no tempo de Foreman não se

matava burro velho por lá. O burro morria de velhice lá pelos matos. Mas o Fite matava tudo de tiro, tiro de fuzil, para dar de comer aos porcos. Às vezes, ele matava dois burros empareados com um tiro só. De lá de cima do trator, o homem passava fogo nos burros. Até os alunos tinham medo dos tiros.

Desde o início que não me dei bem com ele. Inclusive, briguei com ele lá por causa de um problema no internato. Um aluno tinha roubado um queijo do outro e eu então fui procurar o diretor para tomar uma providência. Ele estava dentro da roça, com o trator. Aí eu disse: “Quero falar com o senhor”. Ele parou o trator e disse: “Que que o senhor quer?” E eu contei a história: “Eu tive lá no internato, tem um problema lá que eu não posso resolver”. Ele então falou: “Você não sabe como resolver, não? O que foi que aconteceu?” Aí eu contei: “Houve um roubo”. “Roubo de que?” Ele já foi descendo do trator com raiva e disse pra mim: “Vamos lá”. O homem estava todo sujo. Quando íamos passando pela cerca, ele perguntou: “Quem é que roubou o queijo do outro?” E eu respondi: “Ninguém sabe quem é que roubou, não”. “Você não tem espingarda aqui, não, pra matar ladrão?” Aí nessa hora eu vi que o homem era doido mesmo, que era neurótico de guerra.

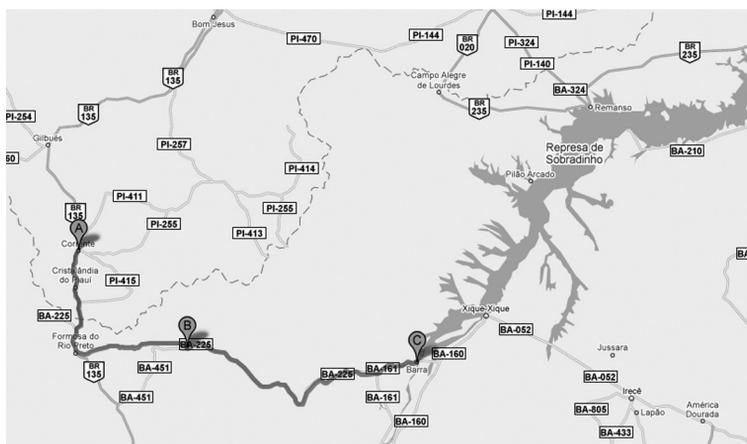
Uns dias depois eu pensei: “Vô me embora desse internato. Não vô ficar aqui, não. Dr. Johnson está nos Estados Unidos, Isabel foi passar as férias em Minas Gerais, e eu aqui com esse homem... daqui a pouco

ele vai querer é me matar. Vô embora”. O avião até pelejou pra eu ficar: “Apolônio, não vá embora. Você é o braço direito do diretor. Você vai deixar esse homem aqui sozinho? Tenha paciência com ele. Ele veio da guerra e não fala português direito...”. Mas não teve jeito, fui-me embora de lá. Depois eu soube que o Dr. Fite ficou numa situação difícil no instituto. Eu tinha até esse remorso por tê-lo deixado naquela época, num momento ruim.

Eu sei que trabalhei e estudei muito naquele colégio, mas havia chegado a hora de arribar. Comecei no ABC e saí de com a sétima série. Ao todo, fiquei seis anos no Instituto. Isso era 1950.

De Corrente, peguei carona num caminhão. Passamos por Santa Rita de Cássia, até chegar em Barra, à margem do São Francisco. Em Barra, tomei um navio gaiola chamado Johnsen. Era um vapor que fazia a linha de Pirapora, Minas, a Juazeiro, na Bahia. Então uma senhora me perguntou se eu ia pra Recife. Eu disse que sim. Aí ela me deu um dinheiro pra ajudar na viagem e me disse: “Peça ao comandante do navio pra lhe dar um passe. Diga que é estudante e que você não tem dinheiro, mas não vá de óculos. Se você for de óculos, ele vai pensar que você pode pagar a passagem”. Aí eu tirei os óculos e fui falar com o comandante. Graças a Deus, ele deixou eu ir na segunda classe, lá embaixo, numa espécie de porão. Depois botei os óculos de novo. Eu tinha comprado esses óculos da mão

de um farmacêutico lá em Corrente. O Dr. Johnson me deu a armação e um farmacêutico, de nome Dr. Mariano, botou as lentes. Mas não servia pra leitura, não. Era só pra fazer charme. Os americanos usavam óculos e eu quis usar também. E assim naveguei pelo São Francisco... fui parar em Juazeiro. Atravessei para Petrolina e fui novamente atrás de carona pra Recife.



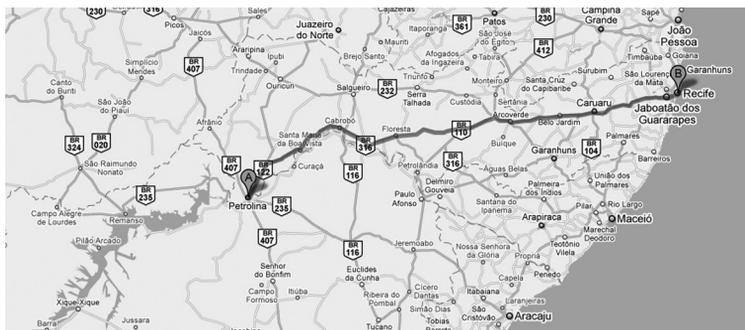
Fonte: Google - Dados cartográficos ©2010 Europa Technologies.

Figura 12 – Trajetória de Apolônio, de caminhão, de Corrente – PI (A) a Santa Rita de Cássia – BA (B), Barra – BA (C): 329 km.

Em Petrolina, peguei carona num caminhão que levava couro de bode. O motorista disse logo: “Levo, mas não tem lugar na boleia (na boleia ia uma moça, estudante). Você tem que ir amarrado, em cima da carga. E eu só ando de pé embaixo. Vai assim mesmo”? E eu disse “Vou”. Aí me amarraram por cima da carga e me

cobriram com uma lona, deixando só a cabeça de fora. Fui todo amarrado, pra não cair. Apertaram a lona lá e cá e eu fiquei ali só com a venta de fora... e o cheiro de couro? Couro cru... era catinga pura. Daí pra frente foi só poeira. Era tanta poeira que eu não enxergava nada. Eu acho até que dormi nessa viagem e quando dei por mim, o caminhão já tava lá nas docas, em Recife.

Cheguei todo empoeirado e me sentindo mal. O corpo doía, doía tudo. Aí um homem disse: “Esse rapaz tá doente. Ele veio aí em cima, foi”? E o motorista respondeu: “Ele veio em cima do couro”. Minha sorte foi que a moça que veio na boleia chamou um taxi e foi comigo lá no Seminário. Era o Seminário Teológico Batista do Norte, que fica na Rua do Padre Inglês, número 143, travessa da Conde da Boa Vista. Eu já estava sem dinheiro nenhum, só tinha uma carta de recomendação do Dr. Johnson.



Fonte: Google - Dados cartográficos ©2010 Europa Technologies.

Figura 13 – Trajetória de Apolônio, de caminhão, de Petrolina – PE (A) a Recife – PE (B): 761 km.

Chegamos ao seminário. A moça desceu do taxi comigo. Nessa hora, foi juntando um bocado de seminarista pra saber o que estava acontecendo. Um lá perguntou: “Quem é esse aí”? E a moça falou: “Esse rapaz veio de Petrolina amarrado em cima de um caminhão de couro de bode. Ele está doente, precisa de um hospital”. O reitor do Seminário era um pastor americano chamado Davi Mim, filho de João Mim, que foi o primeiro Reitor de lá. Foi a ele que entreguei a carta de Dr. Johnson. Então ele leu a carta e falou no meio dos alunos: “O Dr. Johnson mandou esse sertanejo pra cá somente com uma carta muito bonita, mas onde estão os dólares para pagar o colégio?” Chegaram uns professores também e o reitor continuava: “Aqui tem uma carta que esse nortista trouxe, falando bem dele. Ele vem lá do outro lado da serra, mas cadê o dinheiro? O Dr. Johnson pensa que este rapaz vai viver aqui só de boa reputação”? Como é que você vai ficar, rapaz”? E eu disse: “Eu não sei, mas Deus proverá”. “Deus provê através de alguém. Alguém tem que responder. Quem que vai responder por você”? Aí eu disse: “Eu não tenho quem responda por mim, não, só Deus.” Aí um professor falou: “Não dá, você tem que comer, você tem que pagar comida, isso aqui não é de graça, não, aqui se paga”. Nessa hora, o reitor retomou a fala: “Olhe, rapaz, agora não podemos acertar nada porque você está doente. Primeiro você vai para o Hospital Evangélico se tratar. Depois conversamos”.

No hospital, eu fiquei uns quatro a cinco dias. Tomei banho, descansei bastante, tomei soro, fiquei bom e voltei ao seminário pra falar com o reitor novamente:

- Olhe, rapaz, está difícil você ficar aqui sem dinheiro nenhum. Quem vai pagar pelas suas despesas?

- Se Deus não quer que eu fique aqui, vou pro seminário do Rio.

- Pro Rio de Janeiro? O senhor está em Recife. Como é que vai pro Rio de Janeiro?

- Vou a pé.

- A pé? É muito longe, rapaz.

Aí um lá falou: “Pastor, pelo visto esse rapaz é de raça e é capaz de ir mesmo, se ele não ficar aqui. Mandar um rapaz deste embora porque não tem dinheiro fica feio pra nós. Vamos ficar com ele. Ele já mostrou que tem coragem pra trabalhar, faz qualquer coisa”. Depois é que eu soube que havia uma rivalidade entre o Seminário do Norte (o de Recife) e o do Sul, no Rio de Janeiro. Acho que ficaram com medo de eu ir mesmo pro Rio e lá dizer que não fui recebido em Recife por falta de dinheiro.

- O que o senhor sabe fazer?

- Sei plantar mandioca, cana, arroz. Sei capinar, cuidar de roça. Sei fazer açúcar, rapadura, cachaça, faço de tudo.

- Sabe cuidar de jardim?

- Não sei o que é jardim, não.

- Jardim é isso aí, cheio de folhas, plantas, grama.

O senhor quer cuidar disso? É só passar o gadanho, apanhar as folhas, molhar com a mangueira, manter isso bonito, entendeu?

- Só isso?

- É. Aceita o trabalho?

- Aceito.

Nessa hora, fiquei mais tranquilo. Graças a Deus, eu tinha sido aceito no seminário. Cuidar de jardim pra mim era moleza. Aprendi a trabalhar com tesoura pra cortar folha seca, pulverizar, recolher as folhas, tudo. De manhã cedo, quando o reitor levantava, eu já tinha apanhado as folhas. Quando ele terminava o café, já estava tudo limpo e bonito. Pra mim, levantar cinco horas não era problema.

Novamente, ganhei confiança com os americanos. Americano é assim... demora pra confiar, mas depois que confia, você tem tudo, o que quiser. Então me mandaram ir ao escritório para fazer a matrícula no colégio. Eu tinha que terminar o ginásio para entrar no outro curso, mais avançado. Foi aí que tive problema com documento de novo. Faltava a carteira de reservista, e eu também não sabia o que era isso. Aí me mandaram lá para o Exército, para eu conseguir a carteira. Chegando lá, apresentei minha certidão de nascimento, tirada em Corrente e fizeram o documento para mim. Eu sei que achei o quartel tão bonito... os homens de farda, fuzil nas costas... tive vontade de me alistar para servir à pátria na guerra. Então me dis-

seram que eu não tinha mais idade pra isso e que a guerra já tinha acabado. Aí um sargento lá perguntou: “Você é do interior, não é? Bem que eu vi... a turma aqui tá querendo cair fora do serviço militar e você quer servir de qualquer jeito”? Então eu pedi a ele para, pelo menos, deixar eu vestir a farda e segurar o fuzil. Ele viu a minha vontade e autorizou. Fiquei feliz da vida de farda. Pena que não tirei um retrato para guardar de lembrança.

Quadro 7 - Cronologia comparativa – 1950

Surge a televisão no Brasil e a TV Tupi é a primeira emissora.	Inicia-se a Guerra da Coreia, que iria até 1953.
----------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

Rotina escolar

Acordava às cinco horas para cuidar do jardim. Durante a manhã, eu assistia às aulas e à tarde ainda dava outro retoque na grama e recolhia as folhas. À noite, eu preparava a lição para o dia seguinte. Essa era minha rotina em Recife.

Lá não havia muitos internos, não. A maioria era externa. Eram alunos que estudavam no instituto, mas moravam em suas próprias casas. Com o tempo, descobri que alguns não pagavam. Eram chamados “peixinho de americano”. De vez em quando, um falava: “Aquele ali é peixinho de americano”. Um deles era Merval Roso, que foi meu colega de turma. Eu soube depois que ele foi mandado estudar num seminá-

rio nos Estados Unidos, Seminário de Loises, e voltou quase incrédulo. Hoje é PHD em Psicologia e não quer saber muito do evangelho. Um outro que também mandaram para os Estados Unidos foi o Zaqueu Moreira, que tinha sido meu colega no Piauí. Quando os missionários viam que o aluno se destacava, que era bom, eles convidavam para que fosse estudar lá na América.

Bom, fora a minha rotina, de vez em quando, eu saía com os colegas para conhecer a cidade. Eu gostava muito de tomar o bonde lá na Conde da Boa Vista. Era parecido com um trem, movido a eletricidade. A gente pegava esse bonde lá perto do seminário e descia até o centro.



Figura 14 – Apolônio Brito, em 1950, na cidade do Recife-PE.

Crecência Marques dos Santos (... – 1950)

Eu estava lá no colégio quando me chamaram e me deram a notícia da morte de minha mãe. Alguém soube que eu estava lá e telefonou. Esse foi o momento mais triste de minha vida. Chorei tanto que meus colegas ficaram preocupados comigo. Eu não aguentava de tanta dor e cheguei até a pedir a Deus que me matasse ou me consolasse. Foi nessa hora que abri a Bíblia exatamente no livro de João e meus olhos se voltaram para o capítulo 6, que diz assim: “O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita...”. Então eu entendi de maneira clara que não valia a pena me acabar por algo que para nada se aproveitaria. Foi assim que me consolei e desse dia pra cá, passei a lidar melhor com a morte e a entender que o corpo é absorvido pela terra e o espírito é que vive. Ademais, o homem não tem como evitar a morte, que vai acontecer hoje ou amanhã. Guardei em mim as lembranças de minha mãe, os ensinamentos dela, mas não chorei mais.

De volta a Corrente-PI

Fui alertado que não poderia passar para o curso teológico porque ainda não tinha concluído a oitava série. E fazer a oitava em Recife era ruim porque a turma era fraca demais. Em relação a mim, que estudei em Corrente, meus colegas não sabiam nada, era como se estivessem no ABC. Por outro lado, o colégio não aceitava me colocar numa série mais avançada. Diante disso, fui aconselhado a terminar o curso em Corrente. Se ficasse em Reci-

Rio de Janeiro

Naquela época, havia muita dificuldade de transporte. Tudo era difícil. Do Sul do Piauí para o Rio de Janeiro era distância muita. De Corrente, o povo tinha que ir montado em animal, pegar caminhão ou Jeep, que era o único carro que andava por aquelas estradas, até chegar à cidade de Barra, na Bahia. Em Barra, às vezes, o indivíduo tinha que permanecer vários dias esperando o vapor chegar. Havia um vapor chamado Antonio Nascimento, outro de nome Johnsen (que foi o que eu tomei para ir a Juazeiro), e um outro que era o Governador Valadares. Nesses navios, subindo o rio até Pirapora, Minas Gerais, a viagem durava uns oito dias. De Pirapora, a pessoa pegava o trem para Belo Horizonte, que era chamado Maria Fumaça... era mais ou menos um dia e meio de viagem. E de Belo Horizonte pegava outro trem que ia até o Rio de Janeiro. Esse último trem já era mais moderno. Chamava-se Bitola Larga, movido a *diesel*. De Belo Horizonte ao Rio, dava mais ou menos 24 horas de viagem.

No meu caso foi diferente. Fui para o Rio de avião, num que tinha quatro motores. Tomei o avião em Gilbués, que é uma cidade do Piauí, um pouco acima de Corrente. Lá tem campo de pouso grande.

O Dr. Johnson me ajudou e muita gente também me deu um dinheirinho para a viagem. Fui juntando, juntando até que deu pra passagem, mas não dava pra

ir até o Rio, não. Só dava pra ir até Pirapora. De lá eu iria de trem. Porém, já sobrevoando a região de Pirapora, o comandante do avião avisou: “Os passageiros de Pirapora queiram-nos perdoar, mas devido à chuva forte, não podemos aterrissar. Iremos para Belo Horizonte e amanhã vocês retornarão a Pirapora por conta da empresa”. Nessa hora eu fiquei contente porque Belo Horizonte era mais perto do Rio. E o voo seguia... mais adiante, o comandante falou novamente: “Senhores passageiros, infelizmente há muita cerração em Belo Horizonte e teremos que seguir para o Rio de Janeiro”. Aí, eu cá dentro de mim falava “aleluia”, “aleluia” e o povo todo reclamando, aborrecido porque o avião ia pousar no Rio.

Quando pousamos no Santos Dumont, o comandante disse: “O pessoal de Belo Horizonte e de Pirapora queira permanecer no local tal... a empresa conduzirá vocês para o hotel... etc.” Aí eu disse logo: “Pra mim não precisa, eu tenho parente aqui e vou ficar no Rio”. Pois foi assim que ganhei a passagem até o Rio sem pagar um tostão a mais.

Com um dinheirinho que eu tinha, peguei a lotação e fui parar lá na Rua José Higino, número 14, na Tijuca, perto do Seminário Batista. Isso fica perto da Conde Bonfim e da Praça Saens Pena, onde passava o trem. Aí eu fiquei alegre porque estava no Rio de Janeiro, ia estudar no melhor seminário batista e ia ficar perto de Isabel.



Figura 16 – Dependências do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, 2007.

Tijuca

Não me adaptei muito àquele clima frio do alto da Tijuca e adoeci. Eu me lembro que saía com calor e voltava tremendo de frio, era assim. Peguei uma gripe tão forte que me internaram no Hospital Evangélico, que ficava lá na Rua Bom Pastor, perto do seminário. Lá fui tratado por um médico que era pastor também. Ele me disse que estudou medicina para tratar da esposa, que era muito doente. Ele me fez uns exames e depois falou: “Essa doença sua não cura com xarope, não. Só cura com fórmula, mas eu vou lhe curar e você vai ficar bom”.

Eu sei que fiquei bom mesmo, mas perdi aquele ano porque não consegui obter bom rendimento. O nível do curso era mais alto do que o de Corrente ou Recife. Pra mim, estava difícil. Porém, uma coisa boa é que viram logo que eu não tinha dinheiro e me arranjaram trabalho. Fiquei como interno, trabalhando dentro do colégio na condição de aspirante.

Comecei a trabalhar de vigia, à noite. Fiquei dois anos nessa função. Eu passava a noite toda acordado, entregava o serviço às cinco horas, tomava café e ia para a aula. Um dia eu estava cochilando durante a aula do Dr. Oliver, que era o reitor do Instituto. Aí ele falou: “Tem gente cochilando na minha aula. Ter sono não é pecado, mas dormir na sala de aula eu não aceito”. Os colegas já sabiam que se tratava de mim porque eu cochilava com frequência durante as aulas. Foi então que um falou de lá: “Ele sente sono porque passa a noite acordado, professor”. E o professor falou: “Apolônio, ao final da aula, passe no meu escritório. Precisamos conversar”. Acho que ele pensou que eu passava a noite fora, que ficava na rua até tarde, alguma coisa assim. Ele não sabia que eu era vigia noturno.

Lá no escritório, conversamos bastante, contei minha história pra ele, falei que tinha vindo de Recife, que cuidava do jardim lá do seminário, que tinha estudado no IBI em Corrente, etc. Então ele telefonou para o Pastor Davi Mim para ver se a história era verdadeira. O Pastor Davi testemunhou a meu favor, disse que

eu era trabalhador e que era muito esforçado. Diante disso, o Dr. Oliver me falou: “Apolônio, a partir de agora você pode dormir tranquilo porque vou lhe dar um trabalho melhor. Você vai cuidar do meu carro”. Ele tinha um Cadillac preto, enorme. Quando ele passava com aquele carrão, todo mundo olhava. Era um carro bonito. Era carro de americano, mesmo. Aí eu falei: “Só isso, Dr. Oliver”? E ele disse: “Sim, é só isso. E eu não uso espelho. Meu espelho é meu carro. Portanto, sua função é mantê-lo sempre limpo e brilhando”.

Quando eu saí de lá, agradei tanto a Deus por aquele trabalho. Pra mim, aquilo era moleza. Ele então me ensinou como lavar o carro, como enxugar e eu aprendi logo. Só quem tinha carro lá eram os americanos. Naquela época, carro não era pra todo mundo, não. Inclusive, havia um corinho que os seminaristas cantavam, que era assim:

Como é bom ser um crente, como é bom
Como é bom ser um crente, como é bom
Como é bom, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado,
domingo inteiro como é bom, amém.

Então a turma fez uma paródia com isso:

Como é bom ser missionário americano
Como é bom ser missionário americano
Como é bom, geladeira, colchão de mola, Cadillac a semana
inteira como é bom, amém.

Depois de cuidar do Cadillac do Dr. Oliver, minha

sorte mudou novamente. Fui ser diretor do internato dos pré-seminaristas. Era um serviço parecido com o que eu fazia no IBI. Minha função era fiscalizar os internos, manter a ordem e relatar ao reitor qualquer coisa errada que os seminaristas fizessem. Por causa disso, eu era até chamado de puxa-saco do Dr. Oliver.

Assim, trabalhando e estudando, finalmente terminei meu ginásio no Colégio Batista e depois fui fazer o curso teológico em si. O colégio e o seminário ficavam próximos. Era tudo naquele alto da Tijuca, onde hoje é a Rua Andrade Neves. Conheço até um advogado famoso que mora lá. Ele é de Jaguaquara, Bahia. O nome dele é Carlos Alberto de Brito, apelidado de Cacau. A história desse rapaz é muito interessante porque ele saiu de Jaguaquara para Salvador sem dinheiro nenhum. Chegou a dormir nas escadas do Teatro Castro Alves. Hoje é um advogado bem sucedido no Rio, tem não sei quantos advogados no escritório dele. Vale a pena a pessoa perseguir os seus ideais.

Vendo o Invisível

A Mocidade da Igreja Batista de Bauru, São Paulo, mandou uma carta ao Seminário Batista do Sul do Brasil convidando um seminarista para, nas férias, pregar sobre o tema “Vendo o Invisível” e assim participar de um debate com os jovens. A igreja assumiria despesas de viagem e ainda pagaria ao pregador uma quantia... não me lembro quanto era, mas era um bo-

cado de dinheiro. Então o reitor lá no Rio recebeu a carta e a entregou a um seminarista, para que ele perguntasse quem gostaria de ir. Alguns se interessaram em saber quanto iriam ganhar... dinheiro pra seminarista é que nem manteiga em venta de gato, viu? Porém, quando souberam do tema, desistiram. Ninguém queria ir, nem os que já estavam no terceiro ou quarto ano. Aí eu disse: “Eu vou”. Nessa hora, um colega meu falou: “Apolônio, você está doido? Você vai enfrentar um debate desses, rapaz”? Eu estava ainda no segundo ano, mas fui assim mesmo. Peguei o trem e toquei para Bauru. Quando cheguei à estação, fui recebido pela secretária da igreja, que me deu as boas-vindas. O pastor de lá era chamado Eber de Vasconcelos, considerado uma sumidade em teologia. Ele então me perguntou: “Você está em que ano no seminário, Apolônio”? E eu disse: “No segundo”. E ele ficou surpreso. “No segundo ano”? Depois de muita conversa, acho que ele percebeu que eu não estava tão preparado assim, mas gostou de mim e quis me ajudar. Aí ele me levou até a biblioteca dele e falou: “Pode consultar os livros que você quiser. Prepare-se porque os jovens da minha igreja são universitários e o debate pode ser difícil”. Bom, quando chegou à noite e se aproximava a hora da minha fala, o pastor me disse: “Apolônio, não se preocupe com nada. Você faz a parte inicial e passa a palavra pra mim, para que eu responda às perguntas”. E assim eu fiz. Dei uma palavra inicial e avisei ao

público que o Reverendo Eber de Vasconcelos conduziria a parte dos debates. No final das contas, não falei nada sobre o invisível, fiquei amigo do pastor, recebi o dinheiro e voltei ao Rio pra contar vantagem aos colegas de seminário.

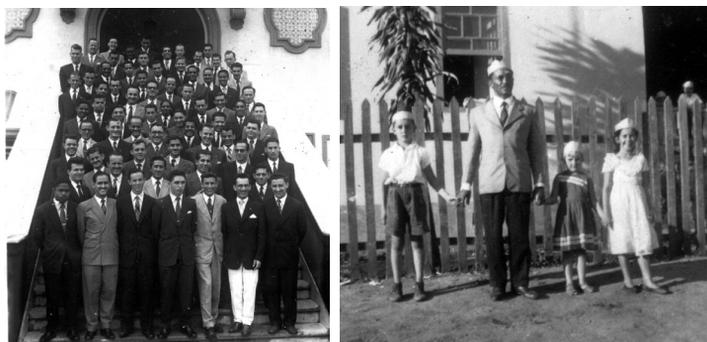


Figura 17 – À esquerda, seminaristas do Seminário Batista do Sul do Brasil, década de 1950.

Figura 18 - À direita, Apolônio em atividades da Escola Bíblica de Férias, Rio, anos de 1950.

Namoro à distância

O internato feminino era vizinho, ficava no outro quarteirão, na Rua Conde Bonfim. Eu via Isabel uma vez por semana, na sexta-feira. Sexta era o dia de sair... isso quando meu trabalho dava chance. Às vezes, chegava sexta-feira e eu não podia largar o trabalho para sair. Nesses dias, ela ficava no internato ou saía com alguma colega. Mas se a colega fosse sair com algum namorado, ela não ia, ficava. Na verdade, os casais saíam separados. Depois da es-

quina é que pegavam na mão, abraçavam. No retorno, era a mesma coisa: chegando perto da esquina, separavam logo, faziam de conta que não estavam juntos. Nas imediações do instituto das moças, chegavam homem com homem, mulher com mulher, era assim. E era tudo com hora marcada. Não se podia atrasar um minuto sequer, senão perdia o direito de sair na semana seguinte, o castigo era esse. E ficava tudo escrito lá no livro do sensor: “Fulana de tal saiu tantas horas, chegou tantas horas”. Um dia teve uma confusão porque uma moça chegou à noite e isso não era permitido. Era pra chegar ainda de dia, no máximo antes do por do sol. Tinha moça lá que estava com observação para chegar ao meio dia, nem um minuto a mais.

Uma vez eu e Isabel saímos com um grupo de moças e rapazes. Depois que dobramos a esquina, cada um deu o braço, pegou na mão, mas Belinha não deixou que eu a abraçasse, não. Na hora que eu passei o braço pela cintura dela, ela falou logo: “está cedo, Apolônio”. Belinha era uma mulher difícil. Tive que ter muita paciência com ela. Ela foi criada em Minas Gerais e mineiro é muito desconfiado de tudo, muito sério, muito conservador. Além disso, ela conviveu muito com Dona Elizabeth, que também era séria. Acho que por isso ela era daquele jeito. Em todo caso, o convívio dela com os americanos foi bom porque no Rio ela não pagava nada. Isabel

era interna e não pagava um centavo porque tinha sido mandada pro seminário pelo Dr. Johnson. Visto que ela era a cozinheira de Johnson em Corrente, era considerada peixinho de americano. O máximo que ela fazia no seminário era um trabalhozinho de arrumadeira e costureira. Na cozinha e na faxina, ela não entrou. Era uma espécie de empregada de honra. Era tanto que, nas férias, ela ia de avião pra Corrente. O Dr. Johnson mandava o avião ir buscá-la no Rio de Janeiro. E eu ficava lá trabalhando direto. Comigo não tinha esse negócio de férias, não. Era trabalho o tempo todo. Uma vez até eu mandei uma carta com uma fotografia para o endereço lá do instituto em Corrente. A foto foi tirada por um americano. Americano gosta muito de fotografia. Lá no Rio, os missionários só andavam com a máquina, tirando foto de tudo. Na época, eu ficava sem entender pra que tanta foto. Depois me falaram que era para os relatórios que eles mandavam para a Missão, nos Estados Unidos. As fotos eram pra documentar os relatórios.

Taquara e casamento

Isabel terminou o curso e retornou à Corrente, para ajudar Dr. Johnson e D. Elizabeth e dar aulas no IBI. Ficou lá uns dois anos me esperando pra casar, preparando o enxoval. Por isso é que, nas minhas férias, eu queria ir pra Corrente, ficar perto

dela, mas não tinha dinheiro pra isso e nem podia deixar o trabalho no Rio. Mesmo assim, cheguei a comprar um gadozinho no Piauí. Naquela época, gado era barato, ainda mais no sertão do Piauí. Meu plano era me formar, casar com Isabel e ir morar no Piauí mesmo, em Corrente.

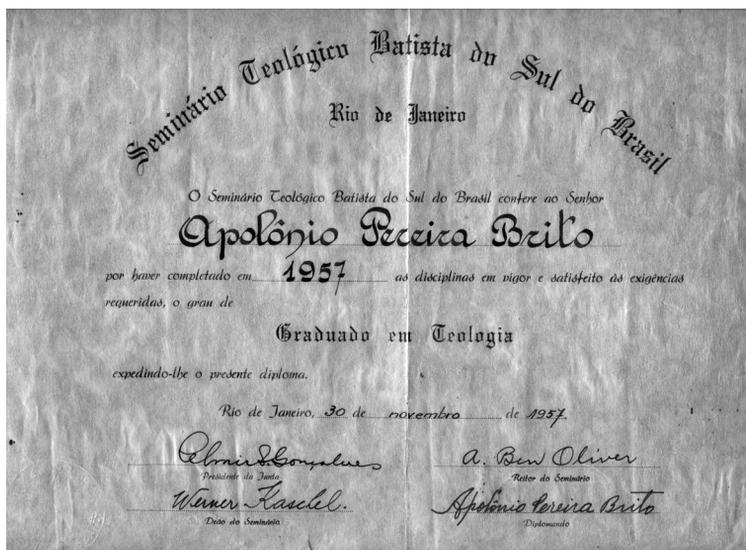


Figura 19 – Diploma de Graduação em Teologia, 1957, escrito em papiro.

Quando eu estava pra terminar o curso, o pessoal já me chamava de pastor. Nesse último ano, Isabel escreveu uma carta me convidando pra trabalhar com ela no IBI, quando eu me formasse. Mas depois o Dr. Johnson falou que ele queria que eu fosse pastorear uma igreja no Sul da Bahia, na cidade de

Itabuna. Foi assim que meus planos mudaram.

Terminei meu curso, Isabel veio para o Rio de Janeiro e nos casamos na Igreja Batista de Pechincha, pro lado de Jacarepaguá. Fomos acolhidos por um diácono de nome Albano e uma senhora de nome Sandarena. Eles gostaram muito de mim e de Isabel e arcaram com toda a nossa despesa de casamento e enxoval. Ainda compraram nossas passagens de ônibus para São Paulo, onde passamos a lua de mel. Fomos na empresa Cometa e ficamos lá por uma semana, com tudo pago. Antes da viagem, eu já havia deixado nossa bagagem pronta para a Bahia. Já estava tudo lá nas docas. O Dr. Johnson é que comprou as passagens de navio do Rio para Ilhéus, na Bahia. Se não fosse minha obediência ao Dr. Johnson em aceitar essa indicação, eu poderia ter ficado no Rio mesmo porque eu e Isabel éramos muito queridos por lá. Eu me lembro até de um trabalho pioneiro que iniciamos no bairro da Taquara. Começamos a congregação com uns vinte membros e hoje eu soube que é uma das maiores igrejas batistas do Rio de Janeiro... ao todo, fiquei cinco anos no Rio e saí de lá para Itabuna no final do ano de 1957.

Quadro 8 - Cronologia comparativa – 1957

É lançada a Perua DKW, o primeiro automóvel fabricado no Brasil.	União Soviética lança a nave espacial Sputnik, tripulada pelo primeiro ser vivo a sair do planeta, a cadela Laika.
------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.



Figura 20 – Casamento de Apolônio e Isabel em dezembro de 1957.
Igreja Batista de Pechincha, Rio de Janeiro.

Ilhéus, Itabuna e Igreja Batista Teosópolis

A viagem durou uns cinco dias. Fomos de segunda classe num navio chamado Comandante Capela, que era da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro. Nessa época, havia ainda a chamada navegação de cabotagem, que ia pingando de porto em porto. Belinha sofreu muito nessa viagem. Sentiu náuseas, vomitou demais, quase não saía do quarto. Eu é que não tive nada. Nunca tive problema em viagem. Nunca enjoei em avião, navio, nada. O povo do navio comemorava o final do ano e o início de 1958.

Quando chegamos ao Porto de Ilhéus, algumas irmãs da Igreja Batista Teosópolis já nos esperavam. Havia até uma caminhonete para nos levar a Itabuna, com a bagagem em cima. No caminho, vi logo a paisagem bonita do Sul da Bahia, muito verde, plantações de cacau, vi que a terra era boa. O Dr. Johnson já tinha me falado que Itabuna iria crescer muito e seria uma cidade universitária. Ele já estava lá quando chegamos. Nossa primeira casa foi no Conceição, na Rua Silveira Moura, onde nasceu nosso primeiro filho, Adel, em 1958 mesmo.

A Igreja Batista Teosópolis, que eu iria pastorear, já tinha sido organizada em 1956 por um pastor de nome Abílio Pereira Gomes, mas ainda não havia o templo. Era um grupo pequeno. No rol de membros havia vinte e seis nomes, mas na prática tinha uns de-

zesseis ou dezessete. Os primeiros foram Dona Marieta Borges da Costa, que veio de Jaguaquara e montou a Loja Vitória (na Avenida do Cinquentenário), Dona Mariá e Dona Miralva (filhas), Almir e Aída Rocha, Argemiro Marinho, Salvador Góes, Raquel e Eunice Brandão (irmãs de Josué Brandão, fundador do Colégio CISO¹⁹), Dona Maria Silva (mãe de Odilon e Daniel), D. Clotildes Campos, D. Edite Misael, Eduardo Lopes Medeiros, Valdemar Souza Brandão e José Cordeiro de Amorim. Que eu me lembre, eram esses. De americano, só tinha o Dr. Johnson e Dona Elizabeth, que moraram um tempo em Itabuna, bem fora da cidade... perto de onde hoje é o Condomínio Jardim das Acácias. Depois é que chegaram outros americanos de nome Eugene e Leona Troop, que permaneceram na cidade por muitos anos. Inclusive, pra não haver ciúme, cada um ia para uma igreja diferente. A Leona frequentava a Teosópolis e o marido, Troop, frequentava a Primeira Igreja Batista.

Embora eu estivesse recém chegado a Itabuna, deixei Belinha lá e fui logo para Salvador, para a Convenção Batista. Fiquei uma semana na capital e depois voltei. Inclusive, teve uma irmã da igreja que não gostou de eu ter ido à convenção. Falou que não estava certo um pastor mal chegar para pastorear a Igreja

19 Centro de Integração Social, um dos maiores colégios públicos da cidade de Itabuna.

Batista Teosópolis e já viajar para Salvador às custas dos congregados: “Irmãos, vamos abrir nossos olhos. Esse pastor mal chegou e já foi para a convenção na Bahia. O trabalho dele é aqui, em Itabuna. Ele veio para isso”. Esse fato foi o início de uma série de problemas que eu teria na igreja. Inclusive, o Dr. Johnson já me tinha alertado acerca do perfil dos batistas em Itabuna e particularmente de alguns mais ricos, que estavam acostumados a dar ordens.

Quadro 9 - Cronologia comparativa – 1958

É iniciada a produção do Volkswagen Fusca no Brasil.	É inaugurada a Agência Espacial Norte Americana – NASA.
------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

Nessa época, corria muito dinheiro na cidade por causa do cacau, que era a grande fonte de renda. Itabuna era uma espécie de capital do cacau. A produção era muito grande, de abarrotar. O que faltava de dinheiro em Corrente sobrava em Itabuna. Era tanto que a cidade tinha o maior comércio do Sul Baiano e sediava órgãos ligados à produção de cacau, que era o principal produto de exportação da Bahia. Os mais importantes eram o Instituto de Cacau da Bahia (ICB), que existia desde 1936, e a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), criada em 1957, menos de um ano antes da minha chegada. Esses órgãos arrecadavam dos produtores de cacau e investiam na moderni-

zação da região toda, principalmente abrindo estradas, construindo pontes... muita coisa em Itabuna, Ilhéus e outras cidades. Até a Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC foi construída com dinheiro da CEPLAC. E, por causa do dinheiro muito, os ricos de Itabuna mandavam os filhos estudar nas capitais e até no exterior. Havia também muita arrogância, muita presunção por causa do cacau. Muita gente se achava superior... depois, já nos anos de 1980, é que veio uma crise muito grande na agricultura por causa da vassoura-de-bruxa²⁰ e a produção diminuiu bastante. Muitos daqueles ricos perderam tudo, ficaram sem nada, acabou-se a pose.

Apesar da riqueza do cacau, Itabuna era uma cidade pobre, carente de muita coisa, inclusive de escolas. Então, para atender ao povo que vivia no próprio bairro onde funcionava a igreja, Isabel e eu criamos o Instituto Teosópolis, que depois foi vinculado à Rede Municipal de Ensino. Inclusive, a partir desse trabalho inicial, a igreja cresceu muito. O pastor seguinte, que ainda hoje é pastor de lá, Hélio Lourenço, criou o Colégio Batista, a Escola de Música Sacra de Itabuna e o Seminário Batista Grapiúna, que é de nível superior. Gosto muito dele porque me valoriza, reconhece o trabalho que eu fiz no início da Igreja.

20 Doença causada pelo fungo *Moniliophthora perniciosa*, que atingiu as plantações de cacau do Sul da Bahia na década de 1980.

Construção e incompatibilidades, início

O primeiro local onde seria a Igreja Teosópolis foi escolhido pelo Dr. Johnson. Era na Rua Silveira Moura, no Conceição, perto de onde eu morava. Depois é que compramos o terreno da Rua Félix Mendonça, que se chamava Rua da Palmeira. Era um brejo que fazia medo, mas foi ali que iniciamos a igreja e ali está até hoje.

Eu também me lembro que quando comprei o terreno fui muito criticado por causa da lama e do esgoto que ali havia. Naquele local, funcionava uma fábrica de atum, aquele doce feito de banana. Corria esgoto a céu aberto, era uma imundície. Para passar de um lado a outro, tive que colocar umas tábuas, fazendo uma ponte. Eu via ali uma construção no futuro e não aquele esgoto horrível do momento. Porém, essa não foi a visão da Igreja... teve até um irmão rico, que era distribuidor de máquina de costura, que falou assim: “O Pr. Apolônio comprou um terreno cheio de bosta”. Esse homem falou muito mal de mim, mas o Dr. Johnson pediu que eu tivesse paciência com ele porque era dizimista forte. Eu me lembro que ele costumava comprar não sei quantos exemplares do Jornal Batista e distribuía tudo com os irmãos da igreja. Mesmo com as críticas, comecei a construção do templo. A obra toda durou uns cinco anos, a custa de muito trabalho. Eu, às vezes, não entendia a postura de alguns membros da igreja que queriam a construção do tem-

plo, mas não queriam que eu fosse visto trabalhando com os pedreiros. Teve uma senhora que um dia falou: “Mas, Pastor, se o senhor pelo menos trabalhasse entre muros, vá lá. Mas assim, tudo aberto, o povo da rua passando e vendo o nosso pastor com os pedreiros... não fica bem”. Teve um outro irmão que me falou: “Pastor, o senhor é um homem formado e está aqui fazendo massa de cimento”?



Figura 21 – Mutirão da construção do templo da Igreja Batista Teosópolis. Apolônio no canto superior direito.

Além disso, alguns não gostavam de mim porque eu sou preto. Demorei muito a entender essa questão, mas hoje não tenho dúvidas. Acho que era por isso que o Dr. Johnson me apresentava às pessoas dizendo: “Este

aqui é o Pastor Apolônio e ele é o meu pastor, viu”? Na época eu não entendia, mas agora sei que essa postura dele era para que a pessoa me respeitasse, visto que o Dr. Johnson e Dona Elizabeth eram muito valorizados pelos batistas em Itabuna. Em suma, eu era um pastor preto, de origem pobre, que não se vestia bem, que fazia trabalho braçal, que não tinha carro e isso contrariava os que preferiam que eu fosse branco, que me vestisse bem, que falasse em programa de rádio, escrevesse para jornal e desse àquelas pessoas o *status* que acreditavam merecer. Eu até me lembro do dia em que retornei da Convenção Batista e perguntaram se eu tinha sido eleito para algum cargo importante. E eu disse que não. Aí uma senhora falou de lá: “É, pastor, o senhor nunca tem cargo de nada, só presta mesmo para pregar e orar”.

Outra diferença considerável entre mim e a igreja era na visão do próprio evangelho. Meu espírito missionário me fazia viajar em atendimento a convites das congregações batistas de diversos lugares. Eu pregava em Jussari, Trinta e Seis (que hoje é Santa Cruz da Vitória), Itororó, São José das Pratas, Itamaraju, Eunápolis, várias cidades. Em paralelo à ajuda na organização dessas igrejas, fundei também escolas. Onde tinha igreja, eu abria escola e informava à Junta Batista para que mandasse uma missionária professora. Embora eu tivesse sido enviado para trabalhar na Igreja Teosópolis, minha visão era disseminar o evangelho e a educação no Sul da Bahia todo e em diversos bairros

de Itabuna, principalmente os mais carentes. Enquanto eu pensava e agia assim, os membros da igreja queriam que eu me dedicasse integral e exclusivamente à Teosópolis. E apesar de minhas despesas de viagem serem bancadas pelos grupos que me convidavam, os membros mais ricos em Itabuna começaram a reclamar que eu viajava muito, que não dava atenção à Igreja, etc. Por outro lado, não pretendo ser ingrato com ninguém. Reconheço que muitos deles me ajudavam. Uma determinada comerciante, por exemplo, fornecia calçados e roupas pra toda a minha família. Todavia, com isso, ela queria mandar em mim, mas não conseguiu. Acho que ela e outros da igreja queriam implantar aquele ditado “Quem dá o pirão, dá o cinturão”, mas comigo isso não funcionou.



Figura 22 – Batismo na cidade de Taboquinhas-BA, onde Apolônio organizou uma igreja Batista.

Pastores e padres

“Como é que pode, irmãos, nosso pastor ser amigo de padre”? Essa era uma reclamação de algumas pessoas da minha igreja. Reclamaram da amizade que eu tinha com um frei xará meu. Ele era da Igreja Nossa Senhora da Conceição, que fica na Praça dos Capuchinhos. Nossa amizade começou com essa coincidência do nome dele ser Apolônio. Ele estava fazendo lá a construção da igreja e eu, também, cá na Teosópolis. Então, conversávamos, trocávamos experiências, trocávamos areia e cimento. Éramos amigos. Aliás, sempre tive amigos padres. Muitos me convidavam para palestrar em suas paróquias e eu ia. Além do Frei Apolônio, fiz amizade com o Frei Justo, Frei Raimundo, da Igreja Santa Rita, Padre Auxêncio Costa, Padre Aurino e vários outros. Nunca vi problema nisso. Católicos e protestantes estão certos dentro do seu ponto de vista. A Bíblia é um livro comum aos dois grupos e o Deus é o mesmo. O católico não se satisfaz sem ver, sem a visão de um elemento material. Por isso, cria para si uma imagem de cimento, gesso, mármore para representar a divindade que ele admira ou adora. Já o protestante, o evangélico, aceita a divindade pela razão, sem a necessidade de materializá-la. Para mim, esta é a diferença básica. No resto, são iguais. Eu até me lembro que uma vez fui convidado para participar de uma solenidade de formatura do Colégio Comercial, que aconteceu lá na Catedral de São José. Esse colé-

gio pertencia a um professor de nome Nestor Passos. A igreja estava repleta e a solenidade estava atrasada porque o paraninfo ainda não havia chegado. Quando viram que o orador não chegava mesmo, então o Padre Aurino me pediu para dar uma palavra de improviso aos formandos. Eu até me lembro que ele falou assim: “Pr. Apolônio, eu sei que assim como não falta barata em casa velha, não falta mensagem na boca de pastor”. Então eu disse sim, que falaria. Pedi uma Bíblia ao padre e li o Salmo 116, versículo 12: “Que darei eu ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito”? E com essa pergunta, que direcionei aos formandos, fiz minha mensagem. Ao final, todo mundo aplaudiu. Saí de lá mais amigo ainda do Padre Aurino e também das freiras, que me convidaram a dar uma outra palavra num evento delas. Essa experiência e outras semelhantes fizeram-me entender que devemos enfatizar os valores humanos universais, a paz, o amor, e devemos conviver com todos, independentemente do credo da pessoa, do nome da agremiação religiosa de que faz parte ou do nome que se dá a Deus, se Jeová, Tupã ou qualquer outro. Se o indivíduo acredita num ser supremo, isso basta. E esse ser supremo é só um. Não há outro.

Bicicleta e evangelização

Para facilitar minhas visitas de evangelização, comprei uma bicicleta. Sobre duas rodas, eu rodava

a cidade toda. Uma vez cheguei até a ir a Ferradas. Como meu filho Adel já estava grandinho, eu o levava na garupa e ele gostava muito de andar comigo. Foi assim que iniciei um trabalho que resultou em várias pequenas congregações da Teosópolis em bairros populares de Itabuna, a exemplo da Califórnia, Bananeira (que fica perto do Aeroporto Tertuliano Guedes de Pinho) e Zizo. Eu saía de porta em porta para conversar com as pessoas, cantar hinos, ler a Bíblia e saber de suas necessidades, de seus problemas. Na época, esses bairros não tinham energia elétrica e então eu levava um candeeiro que havia ganhado dos americanos. Funcionava a querosene e era da marca Petromax. Era fabricado por uma empresa russa e esse nome se referia ao conquistador Pedro, o grande, visto que em latim Pedro é “pedra”, *petro*. Então com o Petromax, eu levava iluminação a qualquer lugar e assim era possível ler a Bíblia e fazer o culto nesses bairros. Uma vez, de manhã bem cedo, ainda madrugada, cheguei numa casa lá no Zizo e um senhor me falou: “Pastor, foi Deus que mandou o senhor aqui porque minha mulher está sentindo dor de ganhar nenê e eu não sei o que fazer”. Então eu fui até a Praça Adami chamar um taxi. Em Itabuna, só havia dois carros de praça naquela época: um preto e um amarelo. Os motoristas usavam gravata e tudo. O ponto era ali na Praça Adami. Porém, não achei nenhum lá. Tive que ir à casa de um deles, que eu já

conhecia. Então saímos nesse táxi atrás de uma parteira chamada Otaciana Pinto. Pegamos a parteira e levamos lá no bairro do Zizo. Aí, com ajuda da parteira, a mulher pariu e, graças a Deus, ficaram bem, tanto ela quanto o bebê. Aquela família ficou muito minha amiga e terminou aceitando o evangelho. Depois eu criei uma congregação batista na casa deles e nos meses seguintes arranjei um salão lá perto para fazermos os cultos. Aquela congregação chegou a ter cinquenta membros.

Mais adiante, eu aposentei a bicicleta e comprei uma Vespa, com ajuda do Dr. Johnson. Era uma espécie de motocicleta parecida com a Lambretta. Foi o Pr. Albérico, primo de Elson Melo, quem me ensinou a guiar aquele veículo. Ele me deu duas ou três aulas e aprendi. Com a Vespa, ampliei meus deslocamentos, que geralmente eram à noite ou de manhã cedo, e cheguei até a Coaraci, Ibicaraí, várias cidades. Porém, eu comecei a perceber que a Vespa me dava despesas, que não era fácil comprar gasolina, pneu. Eu até me lembro do Missionário Eugene Troop, quando me disse que iria passar as férias nos Estados Unidos e eu lhe pedi para deixar a Kombi da Missão comigo: “Apolônio, você não está aguentando com dois pneus, imagine com quatro”.

A partir de 1962, as congregações da Teosópolis, também chamadas pontos de pregação, já estavam grandes. Então eu quis emancipá-las para que se

tornassem igrejas independentes e com isso aumentássemos o número de igrejas batistas em Itabuna. Porém, a maioria dos membros da igreja-mãe não gostou da ideia. Queriam que as congregações continuassem dependentes da Teosópolis. E no final das contas, boa parte daqueles trabalhos que iniciei não foram adiante depois que saí de lá em 1971.



Figura 23 – Congregação (filial) da Igreja Batista Teosópolis em Itabuna-BA. Adel, o primeiro filho, é o segundo, da direita para a esquerda, à frente.

Batismo

Na doutrina batista, que, como o nome diz, enfatiza o batismo (“mergulho”, em grego), as pesso-

as somente são batizadas a partir do décimo segundo ano de vida. Antes de doze anos, não se batiza. Isso se baseia no fato histórico de que Jesus tinha doze anos quando foi ao templo e discutiu com os doutores da lei. Há também a praxe de não batizar pessoa que viva maritalmente com outra sem casamento civil. Porém, sou contra essa convenção porque não há fundamento bíblico para isso, nem para a idade, nem para o estado civil. Na Bíblia, em Marcos, capítulo 16, lemos: “quem crer e for batizado...”. Portanto, basta crer e desejar ser batizado. Se o indivíduo professa que aceita e deseja, então que seja batizado. Não importando se é casado, solteiro, separado, divorciado, amasiado, gordo, magro. A única pergunta a ser feita deve ser: “Aceita?” E basta isso. Pois bem, meu filho Adel, com cinco anos de idade, um dia, me indagou: “Meu pai, por que o senhor não me batiza? Eu quero me batizar”. Porém, sabendo das convenções da Igreja Teosópolis, tive que batizá-lo na Igreja Batista Lindinópolis, em Ilhéus. Levei o Adel e um grupo de adolescentes pra lá, fiz o batismo, e pronto.

Isa Brito (1959 – 1964)

Minha segunda filha, Isa, tinha cinco anos de idade. Era muito inteligente e saudável. Gostava de cantar, era um raio. Um dia, estávamos na Primeira Igreja Batista, na Rua São Vicente de Paula,

participando de um evento festivo, não me lembro bem o que era. Defronte à Igreja havia uma casa de saúde e, enquanto eu e Isabel cumprimentávamos as pessoas à porta do templo, Isa de repente se soltou da mãe e atravessou a rua. Nessa hora, vinha um Jeep em alta velocidade e a atropelou. O carro vinha de Ilhéus e o motorista estava embriagado. Foi tanto que parece que ele nem sentiu o impacto. Depois que gritaram, chamaram a atenção dele, é que ele parou o carro lá na esquina. Ele ficou meio aturdido sem saber o que fazer e correu. Depois apareceu um guarda de trânsito que pegou o carro e foi atrás dele. Eu e Isabel apanhamos o que restou da nossa filha e nessa hora eu disse: “Deus nos deu e Deus a levou para si”. Aí foi aquela confusão na rua. Muita gente me aconselhou a ir atrás do motorista... mas para mim isso não faria sentido. Nada iria trazer a vida de minha filha de volta. Isabel estava grávida de Isis quando isso aconteceu. Tempos depois eu soube quem era aquele motorista e também onde ele morava. Então comprei uma Bíblia, fiz uma dedicatória para ele, coloquei a fotografia de Isa dentro e lhe enviei o livro de presente. Nos anos seguintes, através de um amigo, soube que aquele homem sempre perguntava por nós, queira saber se estávamos bem.

Apolônio, o multiplicador



Figura 24 – Apolônio, Isabel, Adel, Isa e Iris (bebê).

Quadro 10 - Cronologia comparativa – 1964

Presidente João Goulart é deposto e os militares assumem o poder no evento que se chamou Golpe Militar de 64.	É criada a Organização de Libertação da Palestina – OLP.
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

Filosofia

Diante dos problemas que eu tinha com a Teosópolis, meu futuro estava incerto. Então resolvi fazer uma faculdade, o que contrariou muito a diretoria da Igreja. A Faculdade de Filosofia de Itabuna foi uma das três faculdades que mais tarde originaram a UESC. Eram a Faculdade de Direito de Ilhéus, Faculdade de Filosofia de Itabuna e Faculdade de Ciências Econômicas, em Itabuna também. Eu precisava fazer uma faculdade porque meu bacharelado lá do Rio, em teologia, não era reconhecido pelo Ministério da Educação. Os americanos que dirigiam os seminários teológicos batistas não admitiam que o seminarista estudasse fora, que fizesse curso secular. Eles queriam formar pastores batistas para igrejas batistas, e só isso. Para o seminarista fazer um curso paralelo ao de teologia, tinha que ser escondido.

Entrei sem vestibular porque eu tinha feito uma convalidação do meu diploma de teologia em Salvador. Lá um pastor de nome Alfredo Mignac criou um instituto de nível superior chamado Seminário Teológico Batista da Bahia, que era reconhecido pelo MEC. Então ele convalidava as disciplinas dos seminários teológicos batistas do Rio e de Recife, de modo que o bacharel era aceito em qualquer universidade no Brasil. Assim, obtive meu documento de convalidação em 1968, registrado pelo Bacharel Luciano de Carvalho Marback, no Tabelionato do Quarto Ofício.

O curso de Filosofia, para mim, foi fácil porque lá no

Rio eu tinha estudado com grandes mestres, grandes professores. Tinha estudado Grego, Hebraico, Latim, Português, Hermenêutica, tanta coisa... era tanto que meus colegas de faculdade em Itabuna falavam assim: “Como é que Apolônio só tira nota dez e não estuda nada”? Mas assim mesmo aprendi muita coisa e tive bons professores nessa faculdade. Eu me lembro da Professora Helena Targino, de Português, Prof. Flávio Simões, de Sociologia, Prof.^a Valdelice Pinheiro, de Filosofia... tinha muita gente boa. Tem até um texto de Valdelice que diz assim: “Educação é descobrir e desenvolver no homem, ao nível de consciência, aquilo que, em fase de inconsciência, o faz ingênuo e puro, feliz e bom”.

SEMINÁRIO TEOLÓGICO
BAPTISTA DA BAHIA

ATA DE EXAME
DE APOLOÔNIO FERREIRA BRITO
Realizado em Teologia em 1972

1961	Português Histórico	100	1965	Literatura Brasileira	75
	Literatura Inglesa	75		Prévia Prática	75
	Latim	75		Latim	75
	Viagem de Dir. Civil	75		Literatura Social	75
	Arquitetura	75		Prática de Ensino	75
	Química Geral	75		Psicologia Prática	75
	Ingles Prático	75		Psicologia	75
	Química Prática	75		Psicologia Experimental	75
	Geog. (Hist.)	75		Psicologia Prática	75
	Tecnologia (Química)	75		Arquitetura	75
1966	Literatura Lusitana	75	1967	Comunicação	75
	Latim	75		História de Filosofia	75
	Ingles Prático	75		Teologia Prática	75
	Prática	75		Prática	75
	História (Geral)	75		Direito (Cível)	75
	Química (Orgânica)	75		Ciência Prática	75
	Geog. de Socioecon.	75		Exercício (Org. Pr.)	75
	Teologia Geral	75		Psicologia Geral	75
	Arquitetura	75		Hermenêutica	75
	Prática de Dir. Civil	75			

Alfredo Diniz
Dir. Acad. e Dir. Geral



Figura 25 (Esquerda) - Histórico escolar de Apolônio Brito, emitido pelo Seminário Teológico da Bahia como fruto da convalidação das disciplinas cursadas no Rio de Janeiro.

Figura 26 (Direita) – Certificado de participação em curso de extensão, emitido pela Faculdade de Filosofia de Itabuna.

Enquanto eu estudava na faculdade, uns irmãos lá da Igreja me criticavam. Diziam que não estava certo um pastor estudar filosofia, que aquilo era um conhecimento secular, que eu estava no caminho errado, mas foi essa faculdade que me abriu portas para outras coisas, principalmente para dar aulas. De igual modo, Isabel teve que estudar magistério no Colégio Estadual de Itabuna porque o diploma dela lá do seminário do Rio também não tinha validade junto ao MEC. Então ela fez o curso de magistério, que no futuro possibilitou que lecionasse, a começar pela escolinha dos Kaufman, que funcionava no Banco Raso.

Rede Municipal de Ensino

Eu ainda não havia terminado o curso de Filosofia, mas, visto que era bacharel em teologia, comecei a lecionar em escolas conveniadas à Prefeitura de Itabuna. Eu precisava de renda extra para custear as despesas da família porque, somente com o salário pago pela Teosópolis, não dava. Ministrava aula na Sementeira, onde havia a usina de energia da cidade, e num colégio que ficava entre a Primeira Igreja Batista e o Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau – CCPC. Nesse mesmo prédio, hoje, funciona a Casa do Educador, onde os professores fazem cursos de capacitação. Ali eu lecionava Educação Moral e Cívica, Estudos Sociais, que englobava Geografia e História, e Técnica de Comércio. Tinha gente lá da Igreja que não gostava do

fato de eu lecionar e sempre enfatizava que eu deveria me dedicar somente às atividades eclesiais.

É fácil falar de Apolônio, apelidado de Popó. Convivi com ele nessa fase do curso de filosofia. Eu lhe dava carona de ida e volta, coisa que eu fazia com o maior prazer, sem nenhuma obrigação. Ele era um companheiro, uma pessoa humilde, simples, que conseguiu conquistar minha simpatia e admiração por parte dos outros alunos e também dos professores. Apolônio é uma pessoa inteligente, de uma simplicidade extraordinária e isso cativou muito a todos nós. Ele é um autodidata, que tem muita leitura também. Fazendo filosofia, ele demonstrava, num linguajar popular, que tinha muito conhecimento e experiência. Do jeito dele, tinha uma habilidade verbal impressionante e desenvolvia bem os assuntos de modo a satisfazer os professores. Assim, obtive boas notas e mostrou ser um aluno brilhante. Ele ficou como uma espécie de líder da turma. Todo mundo lhe tinha o maior respeito, principalmente pela forma de tratar os colegas, amigos. Lembro-me dele sempre eufórico, sempre alegre. Nunca deixava transparecer qualquer problema que tivesse trazido de casa. Era de uma personalidade notória que de fato marcou minha época de faculdade. Era um grande colega, um dos meus melhores amigos no curso de filosofia. Apolônio sempre recebeu a gente com educação e muito entusiasmo, com uma maneira gentil e toda especial de abraçar, de conversar com a gente. No retorno da faculdade, às vezes eu o trazia para minha casa e tomávamos café, jantávamos e conversávamos sobre vários assuntos, sobretudo família. Para mim, ele é um chefe de família extraordinário também. Apesar das dificuldades, conseguiu criar seus filhos e lhes transmitir valores importantes. Lembro de uma história emocionante que ele me contou sobre o aniversário da filha, que ocorreu numa época em que a família atravessava uma fase difícil. A filha lhe pediu para fazer uma festinha e comprar um presente. Então ele falou pra ela que não era possível, que ele não tinha dinheiro, mas lhe disse: “Não se preocupe, minha filha, porque Deus proverá”. E naquele mesmo dia, à tarde, sem ninguém sabe como, chegou lá uma cesta imensa

com gêneros alimentícios e um presente para a criança aniversariante. Quando ele me contou isso, ficou muito emocionado, chorou... e eu chorei também.

Apolônio e eu também tínhamos muita afinidade quanto à religião, apesar de eu ser católico e ele protestante. A gente se identificava bem, sem nenhum problema. Vejo nele um homem amadurecido, e certamente muito sofrido, contudo sem perder a ternura. Ele é uma pessoa austera, de personalidade forte, diz o que quer de forma muito franca, muito sincera, mas sempre meigo, amável. E para ele, gostaria de deixar a seguinte mensagem: as verdadeiras amizades são como as estrelas. Nem sempre as vemos, mas sabemos que elas existem.

Heitor Abijaude, advogado. Itabuna, julho de 2010.

Administração financeira e dízimo

Naquela época, a moeda era o Cruzeiro. Meu salário na Igreja era de C\$400,00, mas eu só recebia C\$360,00 porque o dízimo já vinha descontado. Essa era uma praxe em muitas igrejas batistas, de modo que o dízimo já era retido na fonte, como se fosse imposto de renda. Acho que foi o Dr. Johnson quem implantou isso. Ele pagava os funcionários lá no Piauí já descontando o dízimo... isso se o indivíduo fosse crente. Se não fosse, não descontava. Eu pessoalmente não concordo com isso porque o dízimo deve ser uma deliberação do indivíduo, deve partir de uma vontade, de uma livre manifestação. Dízimo significa a décima parte de algo, ofertada voluntariamente. Geralmente esse dinheiro serve para ajudar as igrejas cristãs. Apesar de atualmente dízimo ser uma espécie de palavrão

porque há muita corrupção nas igrejas evangélicas, a doutrina do dízimo é muito importante. No tempo dos povos bíblicos, principalmente no regime teocrático, as pessoas doavam aos sacerdotes a décima parte da sua renda. Então o dízimo, que foi instituído pela lei mosaica, servia para manter os sacerdotes, que trabalhavam a princípio no tabernáculo e depois no templo, e uma outra parte era para a diaconia, voltada para a assistência aos pobres, aos órfãos e às viúvas. Do ponto de vista do doador, do dizimista, o dízimo é uma forma de ao mesmo tempo agradecer a Deus pela saúde, pelo trabalho, etc. e depositar nele a confiança de que nada lhe faltará. Existe até um versículo bíblico do livro de Malaquias, capítulo 10, que diz assim: “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro para que haja mantimento na minha casa, e depois fizeti prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, para ver se eu não vos abrirei as janelas do céu e não derramarei sobre vós tal bênção, que dela vos advenha a fartura. Também por amor de vós reprovarei o devorador e ele não destruirá os frutos da vossa terra, nem a vossa vide no campo lançará o seu fruto antes do tempo, diz o Senhor dos Exércitos”. Portanto, deve haver o caráter de voluntariedade no dízimo. É uma coisa que deve partir do próprio indivíduo. Contudo eu sei que americano é um caso sério pra dinheiro... os missionários eram muito organizados com dinheiro, controlavam tudo e a ideia maior era fazer a igreja prosperar. Um

dia, o Johnson me falou: “Apolônio, vamos sentar e fazer o orçamento da Igreja”. Eu achava que não precisava fazer aquelas contas todas, calcular despesas, receitas, eu nunca me interessei por isso... Aí ele calculava quanto seria pago à zeladoria, materiais, salários e incluía até verba para os imprevistos. Eu ficava encabulado com aquilo... dinheiro até para os imprevistos? Embora eu fosse o pastor da Igreja, o Johnson é que era meu mentor. O Pastor Troop também era muito organizado com dinheiro. Eu me lembro que, uma vez, depois que o Johnson já havia ido embora, acolhi em minha casa uma senhora doente que viera de Itaju do Colônia. Ela estava muito mal, não tinha dinheiro pra remédio e nem onde ficar. Então procurei o Troop em busca de ajuda para comprar os remédios pra ela:

- Pastor Apolônio, o senhor colocou uma mulher doente na sua casa? Por que ela não foi para o hospital?

Expliquei pra ele que a mulher era muito pobre e precisava de dinheiro para comprar os remédios receitados pelo Dr. Simão Fiterman. Mostrei a receita para ele e ele disse que não tinha verba. Aí eu não entendi como é que não tinha verba:

- Pastor Troop, o senhor não tem dinheiro pra ajudar a mulher?

- Dinheiro tem, mas não tem verba.

- Mas a Junta não tem dinheiro?

- Dinheiro tem, mas não tem verba.

- Mas a mulher vai morrer, sem esses remédios.

- Que pena, Apolônio, que pena.

Inicialmente eu fiquei indignado pelo fato de o missionário americano não ter ajudado. Só muito depois é que eu entendi o que significava verba. Entendi que o missionário tinha dinheiro, da Missão, mas não para aquela finalidade. Todo gasto era planejado e os missionários tinham que prestar contas. Portanto, os recursos só poderiam ser gastos na rubrica específica. Por isso é que ele disse que tinha dinheiro, mas não tinha verba. Contudo, acho que, mesmo sem verba, ele poderia ajudar com o dinheiro dele mesmo, mas não ajudou, só lamentou o fato.

Negociação e saída

Em 1971, minha situação na Igreja Teosópolis já estava muito complicada. Eu percebia que realmente a diretoria me queria fora de lá. Então, a partir de um determinado momento, a tesouraria começou a atrasar meu salário. Na época, o tesoureiro era um comerciante, que não gostava de mim. Talvez o atraso não fosse culpa dele porque sei que tesoureiro é apenas um funcionário graduado e está a serviço de um grupo diretor. Um dia, ele até falou lá numa reunião: “O pastorzinho está comendo na corda bamba”. Teve um outro tesoureiro que também me criou problemas... acho que a igreja, como um todo, não tinha nada contra a minha moral nem contra minha pregação. Entendo que

a questão era mesmo de *status*. Eu era um pastor simples, preto, do povo, que não dava *status* à Igreja. Eu também não rezava pela cartilha dos ricos de lá. Acho que o problema foi esse... Eu me lembro até que o pastor da Primeira Igreja Batista de Ilhéus se meteu no caso e disse: “Tira esse neguinho daí. Bota um pastor de nível na Teosópolis”. Eu soube disso através de uma pessoa que estava lá na reunião que eles fizeram. A coisa chegou ao ponto de o próprio tesoureiro um dia me falar: “Pastor, o senhor não tem mais condições de ser pastor da Igreja Teosópolis, não adianta insistir”.



Figura 27 – Diploma de conclusão do curso de Filosofia, emitido pela Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna (FESPI), criada a partir das faculdades de Filosofia, Direito e Economia.

A Junta Batista interferiu, a favor da igreja, e mandou um pastor de nome Samuel Santos me propor uma remoção para Nazaré das Farinhas. Prometeram até uma Kombi se eu fosse pra lá. Meu filho Adel ficou entusiasmado com essa história da Kombi, que ele queria dirigir, mas eu lhe falei: “Meu filho, em Nazaré nem Jesus fez milagres. Vamos ficar em Itabuna”. Além dessa proposta, recebi outras duas: ir para Salvador ou ir para João Pessoa, na Paraíba. Acho que a Junta não queria que eu ficasse em Itabuna porque temia que eu organizasse outra igreja e esta retirasse membros da Teosópolis. Foi justamente por isso que eu, antes de sair, pedi encarecidamente aos irmãos: “Por favor, não quero que ninguém daqui me acompanhe”.

No final das contas, a Igreja pagou umas dívidas que eu tinha no comércio (que eram pequenas), permitiu que eu ficasse com a casa onde eu morava, que pertencia à igreja, e me pagou o equivalente a quatro meses de salário. Foi aí que entendi que os atrasos no meu salário mensal não tinham sido por falta de recursos, mas sim por outro motivo.

Após minha saída, ao contrário do que muitos queriam, permaneci um tempo em Itabuna e continuei a fazer meu trabalho missionário: visitava gente e ajudava outras congregações. Apesar de entender que fui injustiçado, que não fui respeitado como eu acho que merecia, não tenho raiva

de ninguém de lá. Além de saber que guardar rancor faz mal à saúde, Jesus ensinou a perdoar e isso está na narrativa de Mateus, capítulo 18, que fala da pergunta que Pedro fez a Jesus: “Senhor, quantas vezes devo perdoar a meu irmão, quando ele pecar contra mim? Até sete vezes”? Respondeu Jesus: “Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete”. Na verdade, tenho pena daqueles que me perseguiram porque estão todos velhos, doentes ou já morreram. Quanto a mim, graças a Deus, estou vivo e saudável.

Quadro 11 - Cronologia comparativa – 1971

Após criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o Presidente Emílio Garrastazu Médici sanciona projeto de reforma ortográfica.	Na França, é lançado o avião supersônico Concorde
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

Escassez e fé

Minha família estava grande e as dificuldades financeiras aumentavam. Eu tinha nove pessoas dentro de casa: eu, Isabel, Adel, Iris, Isis, Adiel, Aziel e Isabela, e ainda a missionária Alzira Sá, que morava conosco e conosco morou por quase trinta anos. Depois eu até soube que, embora morando na minha casa, ela era aliada ao grupo que queria me afastar da Igreja. Anos mais tarde, ela me confessou que gostava de mim, mas que fora obrigada a tomar aquela postura para que o seu salário não

fosse cortado pela Junta Batista.

Nunca fui bom administrador de dinheiro, reconheço, mas também nunca dei muita importância a isso. Graças a Deus, sempre tive o necessário, nunca me havia faltado nada, mas desta vez, quase faltou. O dinheiro começou a acabar e eu não tinha mais como dar de comer à família. Foi então que, no dia 05 de maio de 1972, que era o aniversário de Isis, chegou lá em casa um rapaz trazendo uma caixa enorme. Perguntou se ali era a casa do Pr. Apolônio e deixou a caixa lá. Eu quis perguntar a ele o que era aquilo e quem havia mandado, mas ele desconversou e foi logo saindo. Naquela caixa, havia feijão, arroz, carne, leite, pão, doce, biscoito, tudo. Era uma feira para um mês. No meio das coisas, havia até um presente para Isis. Aí meu filho Adel perguntou: “quem mandou isso, Painho”? E eu disse a ele: “foram os anjos, meu filho, foram os anjos”. Somente uns dez anos, depois eu soube que aquela caixa tinha sido mandada por uma irmã da Primeira Igreja Batista. Ela organizou uma campanha com as amigas e juntas compraram os alimentos e o presente para Isis. Esse episódio me fez lembrar de uma coisa que eu aprendi de alguém que não me lembro: “riqueza é o que resta quando o dinheiro acaba”. Lembro-me também que, nas horas difíceis, eu e Isabel cantávamos um hino de nome Vitória nas Lutas, que diz assim:

Temos por lutas passado, umas temíveis, cruéis;
Mas o Senhor tem livrado delas seus servos fiéis.
Força e poder nos tem dado; Ele nos tem sustentado,
Dando-nos sua mão, vida de paz, perdão, salvação!
Sim, Deus é por nós! Quem nos vencerá?
Dar-nos-á poder real; Deus nos guardará.
Defender-nos-á, livrará do mal;
Vamos, irmãos, cantar, nosso Senhor louvar, exaltar!
Sim, Deus nos tem prometido uma vitória cabal;
Não se tem ele esquecido que na palavra real
Ele nos tem protegido. Tudo nos tem garantido,
Graça e favor sem-par, sim, todo o bem-estar quer nos dar!
Sim, Deus é por nós! Quem nos vencerá?
Dar-nos-á poder real; Deus nos guardará.
Defender-nos-á, livrará do mal;
Vamos, irmãos, cantar, nosso Senhor louvar, exaltar!

(Manuel Avelino de Souza/Samuel W. Beazley)

Una e roça

Com as dificuldades passadas em Itabuna, transferei a família para o sítio que eu havia comprado em Una. Quase ninguém sabia disso, mas comprei aquela terra bem barato, com incentivo do Governo e com ajuda de um cidadão chamado Edézio, que é pai de um surfista famoso: Jójó de Olivença. Essa compra se deu em 1967. Na época, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA queria que a gente ocupasse aquela região, plantasse cacau, mamão, seringa. Então levei minha esposa e os filhos menores pra lá. Deixei em Itabuna somente os dois mais velhos, Adel e Iris, porque, além dos estudos regulares,

eles tomavam aulas de piano com a Prof.^a Célia Vita, que por sinal não nos cobrava nada por isso e ainda hoje continua a nos presentear através das aulas ao meu neto, Emyr Apolônio, filho de Isabela.

De quinze em quinze, Isabel e Isis levavam a feira para Adel e Iris, em Itabuna. Iam de ônibus, por Aratata. Às vezes que elas não podiam ir, eu mandava a caixa pelo ônibus e esta era apanhada lá na estação rodoviária. Mandávamos frutas, verduras, farinha, milho, feijão e outras coisas para abastecer a casa. Esses dois filhos ficaram aos cuidados da Missionária Alzira Sá e de uma senhora de nome Maria, que era sobrinha de Isabel e viera de Minas Gerais.

Quanto a nós, passávamos a semana na roça e no sábado à tarde seguíamos para a Colônia Japonesa de Una, onde tínhamos uma casa adquirida através do INCRA. Era chamada casa de colono. Havia muitos colonos em Una. Os japoneses logo se tornaram os mais ricos da colônia e investiram em lojas, vendas e supermercados. Esse deslocamento da roça para a Colônia era por causa do culto de domingo. Todo domingo estávamos lá na Igreja Batista da Colônia de Una, fundada por meu intermédio. Dormíamos na nossa casa e, na segunda-feira, cedo, voltávamos para a roça. Eu me lembro que meus filhos menores, Aziel (Kida) e Isabela, eram carregados dentro dos caçúas, levados por uma jumenta. Era cada um dentro de um caçúa, pra equilibrar a carga.

Na roça, eu trabalhava o dia todo limpando a mata, fazendo cabruca para plantar cacau. O cacau precisa de árvores grandes, para dar sombra, mas a gente tem que extrair a vegetação miúda pra dar lugar aos cacauais. Enquanto eu trabalhava na roça, Isabel lecionava lá na nossa casa mesmo. A casa era de taipa, rebocada de sopapo, e a escola era lá dentro. Numa parte, ficavam nossos filhos e na outra era a sala de aula. Não tínhamos cama... Isabel forrava o chão para os meninos dormirem. Isis, Adiel, Aziel e Isabela estudavam conosco, lá mesmo. Assim, ensinávamos aos nossos filhos e alfabetizávamos os invasores de terra, que formavam a nossa clientela. De dia, Isabel dava aulas para as crianças e, à noite, eu lecionava para os adultos, que chegavam de toda parte, carregando candeeiros para iluminar o caminho. Aquilo era bonito... um bocado de gente caminhando e de longe, a gente via as luzes dos candeeiros. Em casa, tínhamos o Petromax, que iluminava bastante. Esse trabalho meu e de Isabel era vinculado à Prefeitura Municipal de Una, que tinha interesse em alfabetizar os invasores de terra. Fiz a proposta ao prefeito, recomendado pelo Dr. Dorta Montargil, que era gerente do INCRA, e, em função disso, eu ganhava um salariozinho, Isabel outro salariozinho e assim íamos vivendo, criando os filhos.

UNA **POLÍTICA LOCAL**
KIDA UM “SENHOR” SECRETÁRIO
“Quando Deus quer é assim”



Kida ao lado de seu pai, Pastor Apolônio Pereira Brito
foto: Prudêncio

O presidente da COOPERUNA (Cooperativa dos Produtores Rurais de Una), militante do PCdoB, e aliado de Beto Careca o Vice-Prefeito do Município de Una, Aziel Silva o “KIDA”, foi escolhido para Secretário de Agricultura. Kida hoje no meio rural, é uma das pessoas mais conhecidas deste município, inteligente, capaz, homem de família e de boa índole, tudo que o nosso Município precisa para alavancar sua economia, o Prefeito Dejair Birschner também conhecido por sua honestidade e trabalho à frente da Prefeitura, reconheceu em Kida, o Secretário perfeito para a pasta da Agricultura, visto ele ser hoje o presidente do maior segmento representante do pequeno agricultor. Kida nos adiantou, que vai procurar trabalhar com os representantes das associações rurais, e chegar mais perto do pequeno agricultor que é o que mais sofre, por não ter estradas para escoamento de suas mercadorias, na maioria das vezes não tem carro para retirá-las, e amarga o pesadelo de ver sua produção apodrecendo sem poder levar para cidade. Segundo Kida, ele vai direcionar suas forças e concentrar o foco prioritário neste segmento, que é o escoamento da mercadoria, “a Cooperuna já faz este trabalho” disse Kida, mas, ainda não é o suficiente para cobrir todo o Município, queremos mais, queremos todo o agricultor coberto pelo Município e escoando sua produção, disse o Sr. Secretário. Além disso, Kida vai buscar através da iniciativa privada, a viabilização das parcerias, visto ser muito importante a participação ativa de todo o segmento da sociedade neste empreendimento. Kida quer junto aos Governos Federal e Estadual, apresentar projetos que viabilizem melhorias para o setor, como o Crédito Rural, Crédito Fundiário e outros incentivos que tanto podem melhorar a vida do homem do campo. A Fruticultura e a Psicultura, também fazem parte dos projetos deste empreendedor, que vai colocar todos os seus conhecimentos em prol de um povo tão sofrido, como é o agricultor familiar. Todos nós sabemos, que a máfia viária da Agricultura, é deficiente há muitos anos, e que por conta disso é que este problema persiste. Nós reconhecemos que não vai ser fácil, porque a muito tempo não há investimentos no setor, mas, não será por conta disso que vamos cruzar os braços, muito pelo contrário, vamos arregaçar as mangas e trabalhar, convocando o povo para chegar mais perto, cobrando mais para que façamos mais, este tem que ser o direito do povo e o nosso dever, pois quando o povo cobra, o político fica na obrigação de realizar aquilo que lhe foi cobrado, e nós não seremos diferente, iremos trabalhar junto com o povo, as comunidades agrícolas, o segmento rural, vamos colocar os “vagões no trilho” e caminhar para um futuro promissor em nossa cidade, é preciso acreditar que isto é possível, quando todos dão as mãos, é bem mais fácil realizar os projetos em uma cidade. Chegou a hora da participação coletiva do setor

Figura 28 – Jornal da Prefeitura Municipal de Una-BA. Apolônio e Aziel Silva Brito, Secretário da Agricultura, 2010.

Retorno a Itabuna

Eu sentia, em meu coração, que Deus me havia mandado para Itabuna e, portanto, eu deveria voltar para Itabuna. Eu apenas passava uma chuva em Una. Então, após um ano na roça, voltei à cidade com a família toda. Eu tinha vontade de iniciar um trabalho novo e procurava um local para organizar a igreja. Eu procurava nos bairros onde não houvesse igreja evangélica e, naquela época, o Banco Raso era um matagal tremendo. A Rua Francisco Briliglia só tinha barraco feito de papelão, coberto com plástico, era uma morada muito simples. Então senti que deveria organizar a igreja ali. A princípio, Isabel e eu pedimos autorização à família Kaufman para usarmos uma escolinha que funcionava numa casa deles. Então ali começamos a fazer o culto de domingo. A escola funcionava durante a semana e, aos domingos, virava igreja, que reunia algumas pessoas do Banco Raso mesmo.

Por necessidade, vendi a casa lá do Conceição, que me fora dada pela Igreja Teosópolis. O comprador foi um pastor de nome Elson Melo, que também era delegado de polícia. Acho que ele comprou a casa só para me ajudar porque viu a minha situação. Assim nos mudamos para uma casa alugada no Banco Raso, na Rua Getúlio Vargas, e de lá para a Rua Francisco Briglia, onde temos uma casa até hoje.

Quadro 12 - Cronologia comparativa – 1973

Brasil alcança excepcional crescimento, período que depois seria chamado de “milagre econômico”.	Organização dos Países Exportadores de Petróleo – OPEP majora preços, gerando grande recessão nos EEUU e Europa.
--------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

Igreja Batista Missionária

Com o dinheirinho que eu tinha, comprei um barraco lá na Francisco Briglia e iniciei a igreja. Depois, pouco a pouco, fui comprando outros barracos vizinhos, de modo que, ao todo, o terreno ficou com vinte e dois metros. No início ali era tudo terreno baldio... tinha uns barracões de uns agua-deiros e mais umas casinhas de sopapo. Inclusive, fui comprando tudo em nome da Igreja, embora fosse com meu dinheiro. Chamava-se Igreja Batista Missionária. Um dia, um membro de lá chamado Carlos Rodrigues me alertou: “Mas, pastor, como é que o senhor comprou tudo em nome da igreja? E se um dia o senhor ficar sem nada? Isso pode dar problema no futuro... vamos dividir este terreno de modo que o senhor fique com a metade e oficialize a sua casa”. Então ele propôs isso à igreja, na sessão ordinária, e o terreno foi dividido. Assim ficamos com a metade, onde foi construída nossa casa, e a igreja ficou com a outra metade, onde foi construído o templo que ali existe até hoje.

Os primeiros membros eram poucos: Carlinhos, Paulo, Verônica, Gilda, Nicolau, Enedina, Alzira... os outros, eu não me lembro. Alzira, por sinal, continuava em nossa casa, mas colaborava principalmente com a Teosópolis. Enedina foi a única da Teosópolis que me acompanhou. Mais adiante, chegaram Belinha, Lione, Damares e Valentin. O povo todo era pobre... as que tinham uma coisinha eram Damares e Lione, que colaboravam bastante.

Diante dos problemas que eu tivera no passado, a Igreja Missionária foi vinculada à Convenção Batista Nacional, que era distinta da Convenção Batista Brasileira e também da Convenção Batista Baiana, à qual se vinculava a maioria das igrejas batistas em Itabuna e região. A Nacional havia surgido como uma forma de agregação das igrejas batistas renovadas. Era um movimento chamado de renovação espiritual, que rompeu com as formalidades batistas implantadas pelos americanos. Inclusive, esse novo movimento crescia muito no Brasil e chegamos a trazer para Itabuna seus expoentes: Eneas Tognine, Rosivaldo Araújo, Rego Nascimento Filho e outros. Esses eram os líderes do movimento de renovação da igreja batista no Brasil. Nossos eventos eram realizados no Teatrinho ABC, que funcionava na Praça Otávio Mangabeira, chamada Praça Camacã.



Figura 29 - Apolônio, esposa, filhos e membros da Igreja Batista Missionária em Itabuna-BA, década de 1970.

Esse trabalho novo que eu conduzia não teve a interferência dos batistas tradicionais, mas muitos membros da Primeira Igreja Batista e da Igreja Batista Teosópolis eram aconselhados a não visitar minha igreja. Diziam que, na Missionária, o povo gritava, que era uma espécie de baixo espiritismo... e eu não sei de onde saíram essas ideias porque nunca houve isso em minha igreja. Inclusive uma senhora que era da Primeira, que tinha duas filhas pianistas, passou a congregar conosco e por isso foi chamada atenção pelo pastor de lá. Ele a visitou para exortá-la e disse que se ela continuasse a frequentar a Igreja Missio-

nária seria eliminada do rol de membros da Primeira. Então ela disse que continuaria a cooperar com o Pastor Apolônio e não se importava em ser eliminada da Primeira Igreja. Sabendo disso, escrevi um bilhete para esse pastor, dizendo o seguinte: “Senhor fulano, soube que você visitou indebitamente ovelha aos meus cuidados. Se não conhece ética pastoral, volte ao seminário e faça o curso. Se estudou e se esqueceu, posso emprestar livros, para lhe ajudar. Se veio para edificar o Reino de Deus em Itabuna, seja bem-vindo. Se veio causar polêmica e divisão, alto lá, seu pastor”. Então ele ficou aborrecido e para prejudicar minha imagem, leu esse bilhete lá no culto de domingo. Porém, um membro daquela igreja, de nome Genário, que me conhecia muito, pediu a palavra e disse: “Pastor fulano, eu conheço bem o Pastor Apolônio e ele não é o que o senhor disse. O senhor está enganado a respeito dele”. Aí foi argumentação de lá, argumentação de cá e, como resultado, uns dois meses depois, recebi uma carta desse pastor através da qual ele se desculpava pelo que havia dito de mim. Hoje somos amigos. Isso tudo já passou. Eu até me lembro que o marido dessa senhora, que migrou da Primeira para a Missionária, era um excelente médico, mas quando bebia ficava violento... era um problema sério. Eu soube que uma vez ele chegou em casa embriagado, com o revólver na cintura e falou: “Qualquer pastorzinho que vier aqui, eu passo fogo... seja Isaías, De-

raldo, Apolônio, seja quem for”. Muitas vezes, fui lá conversar com ele quando ninguém tinha coragem de chegar perto. Apesar da embriaguês, ele me ouvia e eu lhe dava conselhos. Esse médico até me salvou a vida uma vez. Por intuição, não comprei o medicamento prescrito por um outro médico. Em vez disso, fui ao consultório dele, o esposo daquela senhora que frequentava minha igreja, e perguntei se aquele remédio estava certo para o meu problema. A resposta dele foi a seguinte: “Pastor Apolônio, se o senhor tivesse tomado esse medicamento, prescrito pelo meu colega, o senhor não estaria mais vivo”.

Quando conheci o Pastor Apolônio, ele ainda estava na Igreja Teosópolis. Eu vivia um período difícil porque meu marido bebia muito e ficava nervoso, violento. Com os filhos pequenos, eu não tinha apoio de ninguém. De repente, me apareceu lá o Pastor Apolônio. Não sei como ele tomou conhecimento do problema, mas ele chegou na hora certa. Ele conversou com meu marido, deu conselhos e o acalmou. A partir desse dia, sempre que havia uma nova crise, eu chamada o Pastor Apolônio e ele sempre comparecia. Três a quatro pastores em Itabuna sabiam do meu problema, mas Apolônio era o único que não tinha medo do meu marido e passou a ser por ele respeitado. Nessas ocasiões, o Pastor Apolônio orava conosco, dava conforto à família e cantava corinhos com meus filhos.

Depois dos problemas que ele teve lá com a Igreja Teosópolis e do tempo que passou em Una, retornou a Itabuna e criou outra igreja no bairro do Banco Raso. Então decidi cooperar lá. Eu e meus três filhos participávamos dos cultos e das atividades para os jovens. Minha mãe passou um tempo conosco e também con-

gregava lá. Aquela igreja começou com pessoas muito simples, que não tinham dinheiro algum. A cada culto, recolhíamos as doações para compra de tijolos, areia, cimento. Fazíamos muitas campanhas para a construção do templo. Pela identificação que tive com aquele trabalho pioneiro e pela dedicação do pastor Apolônio às pessoas, tirei minha carta da Primeira Igreja Batista para tornar-me membro efetivo da Igreja Missionária, que crescia muito, principalmente no número de jovens, grupo com que eu trabalhava mais. Eu me lembro que nosso coral era tão bom que frequentemente recebíamos convites para apresentações em eventos na cidade. Éramos convidados para cantar em casamentos, acontecimentos cívicos, religiosos, em diversos lugares. Aquele era um trabalho que nos motivava muito e reunia jovens em torno de valores cristãos.

Olhando para o passado, entendo que, para meus filhos, aquela igreja e o convívio com o Pastor Apolônio e sua família foram extremamente importantes na formação que tiveram. E o que norteava tudo era a característica maior do Pastor: o amor. É impressionante o jeito que ele tem para confortar as pessoas, levar esperança aos desesperançados, valorizar os pequenos e humildes. Nunca conheci outro pastor tão amoroso e tão desprendido de interesses próprios.

Damares Maria de Oliveira Mattos, professora.
Ilhéus, junho de 2010.

A Igreja Missionária hoje é pastoreada pelo meu filho Adiel, que é também advogado e professor. Além dos cultos dominicais e outras atividades eclesiais, o templo serve de auditório para o Educandário Isa Brito e também abriga eventos de interesse comunitário do Banco Raso. Dessa forma, tanto a igreja quanto a escola prestam serviço à comunidade e atualmente

nosso maior desafio é fazer do evangelho e da educação uma arma contra as drogas, particularmente o *crack*, que ali tem destruído muitas vidas.



Figura 30 (Esquerda) – Culto na Igreja Batista Missionária, 1975. Da esquerda para a direita: José Oduque Teixeira (então prefeito de Itabuna), Adel Brito, Apolônio e Albérico Borges.

Figura 31 (Direita) – Igreja Batista Missionária, 1985. Apolônio e políticos da cidade de Itabuna, com destaque para Ubaldo Dantas (então prefeito), na extremidade direita.



Figura 32 – Consagração do filho Adiel, Pastor da Igreja Batista Missionária, 1997.

Educandário Isa Brito

A nossa escolinha que funcionava a princípio em casa e depois nas dependências da Igreja, começou em 1973 e tem crescido bastante. Não tinha um nome específico porque a referência era sempre Francisco Briglia, por causa do endereço. Então resolvemos propor convênio com a Rede Municipal de Ensino e batizamos a escola com o nome de Educandário Isa Brito, em referência à minha filha falecida. Nesse acordo com a Secretaria de Educação de Itabuna, contamos com o apoio da esposa do Pastor Roque Moreira, Prof.^a Cleonice, que era funcionária lá. Ela agilizou o convênio e assim passamos a ter mais professores na escola, enviados pela Prefeitura. Eu até me lembro que o prefeito havia mandado derrubar a antiga escola dos Kaufman e então as carteiras e mesas de lá nos foram doadas.

Apesar de ser uma escola simples em termos de infraestrutura, sempre primamos pela qualidade da educação e pela formação integral dos alunos. Ali ensinamos a ler, escrever, a obedecer aos pais e aos mais velhos, a respeitar os colegas, a saber ouvir, a reverenciar os símbolos da pátria e a temer a Deus. Nesse sentido, Isabel se dedicava ao máximo. Eu creio que ela foi a espinha dorsal daquela escola. Sem ela, aquele trabalho não teria ido pra frente.

Sempre vimos a educação como uma forma de minimizar problemas sociais e preparar as pessoas

para o futuro. Nossa Escola tem dois lemas. Um é o que diz o livro de Provérbios, no capítulo 22: “Instruí o menino no caminho em que deve andar e até quando envelhecer não se desviará dele”. O outro é um pensamento anônimo que diz assim: “Instruir para ser livre e educar para vencer”.



Figura 33 – Desfile do Educandário Isa Brito no bairro do Banco Raso, Itabuna, em alusão ao Dia do Meio Ambiente, 2008. Da esquerda para a direita: Wynne, Eliel (netos), Apolônio, Aécio (neto) e Isis, filha.

Em paralelo às atividades pedagógicas normais, desenvolvemos várias outras, fora do bairro, para que nossos alunos vislumbrem outras possibilidades e outras realidades. Nesse sentido, organizamos visitas à Universidade Estadual de Santa Cruz, à CE-

PLAC, ao Centro Recreativo da NESTLÉ, Centro de Cultura Adonias Filho e a outros lugares. Na UESC, visitamos a biblioteca, o Auditório Governador Paulo Souto, o hospital veterinário, o laboratório de anatomia humana, os laboratórios de fotografia, rádio e TV, planta do biodiesel... visitamos tudo por lá. Às vezes, ficamos impressionados em perceber que muitos dos nossos alunos nunca haviam saído do Banco Raso... É por isso que queremos que eles aprendam logo cedo o versículo “tudo é possível ao que crê”, conforme nos diz a Bíblia, em Marcos, capítulo 9.

Além dessas atividades externas, para dentro da nossa escola também levamos palestrantes que possam contribuir para melhoria da autoestima e da formação ética, moral e profissional dos alunos. Já temos até alguns que sempre atendem aos nossos convites: o psicanalista Pedro Chagas, de Ilhéus, os professores Josanne Moraes, do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, e Josué Brandão Junior, do Departamento de Ciências da Saúde da UESC, Prof.^a Telma Viana Soares Brito, da Faculdade de Teologia de Itabuna, Hermes Faustino, do Seminário Teológico Batista Grapiunense, Prof.^a Polliana Ramos, do Colégio Batista de Itabuna, e vários outros. Recentemente tivemos alunas de enfermagem ligadas a um projeto da UESC, chamado Jovem Bom de Vida, que orienta adolescentes contra as drogas.



Figura 34 – Certificado de Apolônio Brito por participação em programa de formação de professores, 2004.

Além de investir diretamente nos alunos e professores, também realizamos trabalhos com os pais, principalmente com as mães, porque os pais mesmos não comparecem. Então, procuramos orientá-las para que melhor orientem os filhos e tentamos desenvolver comunhão e fraternidade através de almoços, festinhas, tudo. Em nossos eventos, sempre tem muita comida, porque se sabe que esse povo não se alimenta bem em casa. Inclusive, além da merenda escolar que nos é fornecida pela prefeitura, meu filho Aziel (Kida), que mora lá no sítio em Una e preside uma cooperativa agrícola, manda frutas, verduras, muita coisa, de modo que nossos

alunos e suas famílias sempre têm comida à farta, graças a Deus.

Eu fico contente em saber que vários dos nossos alunos, mesmo sem recurso financeiro, tomaram rumo na vida e alcançaram posições de destaque. Em todo lugar por onde ando, há sempre um ex-aluno que me cumprimenta e se mostra grato pela formação obtida. Fico ainda mais realizado por perceber que, ao longo desses quase quarenta anos, o Educandário Isa Brito foi, pouco a pouco, galgando posições dentre as escolas de Itabuna e hoje tem seu trabalho reconhecido pela própria Secretaria da Educação e por instâncias do Governo Federal. Segundo o Prof. Gustavo Lisboa, Secretário de Educação, o Isa Brito e o Colégio CISO (Centro de Integração Social) detêm os melhores índices da educação na cidade. Fico muito contente com isso, porque realmente sempre fizemos o melhor para nossos alunos, mesmo sem a infra-estrutura ideal. Também me alegro com trabalho do CISO, porque foi fundado por um grande amigo meu, o Prof. Josué Brandão, colega de lutas, dificuldades e ideais.

A partir do ano 2000, o Educandário passou a ser dirigido pela minha filha Isis, que continua o trabalho iniciado por mim e por Isabel.

Apolônio, o multiplicador



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Figura 35 – Demonstrativo de desempenho do Educandário Isa Brito no período 2007/2009 mostra superação de metas, de 3.5 para 4.1 e 3.8 para 4,3.

Investimos em educação porque eu mesmo sou um exemplo do que o conhecimento pode fazer na vida de uma pessoa. Sem escola e sem os valores do evangelho, minha vida seria muito pobre e pequena. Tive minha visão de mundo ampliada e o mesmo eu desejo aos nossos alunos.

Falar do Pastor Apolônio Brito é me reportar ao meu pai, Prof. Josué Brandão. Amigos, conselheiros, não mediam esforços pelo social e educacional. Adoravam construir. Pensavam grande e não paravam de agir. Homens de fé. Homens de ação.

Prof. Josué Brandão Júnior (Departamento de Ciências da Saúde - UESC).
Dezembro de 2008.

Preocupado em construir um trabalho educativo que tivesse um diferencial, o Pastor Apolônio desenvolve como missão a valorização do saber ser, do saber fazer e do saber dizer, pautados em valores que corroboram para o crescimento humano, como, por exemplo, a fé, o diálogo, a justiça, a caridade e a compreensão.

Prof.^a Josanne Moraes (Departamento de Filosofia e Ciências Humanas
– UESC). Dezembro de 2008.

Sobe até em pau

Lá por volta de 1977, comprei um Jeep. Jeep para mim era um carro especial porque foi o primeiro automóvel que conheci na vida, lá em Corrente. Foi uma realização importante também porque era o tipo de carro que o Dr. Johnson usava. Além disso, eu queria um carro que servisse para levar a família para o nosso sítio em Una. Era um modelo de 1951, com três marchas para frente e uma para trás; com tração nas quatro rodas, subia até em pau. Eu não sabia dirigir, mas tomei umas aulas com Carlinhos, membro da minha igreja: “Olhe, pastor, se for subir ou descer ladeira, bote na primeira. Para andar no plano, é na segunda. Não use a terceira para não se atrapalhar. No dia seguinte a essa aula, peguei esse carro e fui para Una, pela BR-101, através de Arataca, sem carteira de motorista e na segunda marcha o tempo todo. Eu estava confiante porque sabia que, num veículo de quatro rodas, eu não tinha como cair. Porém, quando passei perto de Buerarema, havia uma barreira da polícia federal e o guarda apitou para que eu parasse. Aí, eu, em vez de encostar o carro e parar, parei lá mesmo na

pista. Do jeito que eu vinha, parei instantaneamente. Aí o guarda mandou eu ir para o acostamento:

- Pra onde o senhor pensa que vai?
- Estou indo pra Una, se Deus quiser.
- O senhor faz o quê?
- Eu sou pastor.
- Deixe eu ver o documento da máquina.

Aí eu entreguei a ele o documento do carro e ele disse que estava tudo em dia.

- Agora deixe eu ver sua habilitação.
- Que habilitação?
- Carteira de dirigir.
- Não tenho, não senhor.

- Eu sei que o senhor não tem carteira, assim como sei que o senhor não sabe dirigir.

- Olhe, seu guarda, eu comprei este carro ontem e preciso ir a Una e vou, se Deus quiser... e o senhor permitir.

- Se eu for lhe multar, o senhor vai pagar caro porque está andando sem carteira e ainda vai ter que conseguir um motorista para vir buscar o carro aqui. Serão umas quatro multas...

Aí eu entendi que ele estava conversando muito e certamente queria dinheiro para me liberar:

- O que é que eu faço com o senhor, meu pastor?
- Deixe-me ir embora.
- O senhor não tem cinquentinha aí, não?

Eu só tinha cinquenta cruzeiros no bolso e o jeito foi dar o dinheiro ao guarda. Aí então ele me liberou.

- Vou liberar o senhor, viu? Mas não volte por aqui, não. Vá em paz.

A estrada para a Colônia de Una, a partir de Arataca, tinha umas quarenta curvas com despenhadeiro. Nessas horas eu me lembrava da outra instrução que Carlinhos me tinha dado: “Olhe, pastor, em lugar de despenhadeiro, ande pelo lado do barranco porque, se derrapar, o senhor tem espaço para controlar o carro novamente”. Eu sei que, pouco a pouco, cheguei lá no sítio.

Na volta, com o carro cheio de banana e farinha, passei pela mesma estrada, mas graças a Deus ninguém me parou.

Uns dois anos depois, vendi o Jeep e comprei uma Rural, que era fabricada pela Willys do Brasil. A Rural já era um carro mais moderno, para a família. Rural naquela época era como se fosse uma Blazer de hoje. Meus filhos Adiel e Aziel aprenderam a dirigir nesse carro, que também servia à igreja, aos vizinhos, todo mundo. Eu me lembro que, para encher o tanque da Rural, era preciso muito dinheiro. Era um tanque enorme. Só ficava cheio mesmo quando meu filho Adel, o aviador, aparecia lá em casa. Uma vez, o carro parou por falta de combustível e então uma senhora da igreja, que pegava carona comigo, falou: “Mas pastor, esse carro seu só anda sem gasolina, não é?” E eu disse a ela que era o contrário, que o carro só andava com gasolina. É por isso que parou. Sem gasolina, não anda.

Apolônio, o multiplicador



Figura 36 – Apolônio e Isabel na sua Rural em 1982.



Figuras 37 e 38 – Apolônio recebe título de Cidadão Itabunense na Câmara de Vereadores de Itabuna, 1989.

Quadro 13 - Cronologia comparativa – 1988

É promulgada a Constituição de 1988, a mais progressista e abrangente na história do Brasil.

Tem início a formação do Mercosul, integrando Brasil, Argentina e Uruguai.

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.



Figura 39 – Aos 77 anos, Apolônio participa de curso de capacitação para docentes em Itabuna.

O bom filho à casa torna, pela terceira vez

Comemorei meus 82 anos em Mangabeira, Maranhão. Voltei à minha terra para rever os parentes, mas não achei quase ninguém... muitos já haviam morrido. Encontrei Sebastião, meu irmão, Margarida, minha irmã, por causa de quem eu fui escravo por um ano, Virgilino, irmão da minha mãe, sobrinhos, alguns primos-irmãos e uma prima de nome Lusía Passarinho, que é poetisa e gosta de escrever sobre nossas origens. Percebi que, da parte de meu pai, houve algum progresso, mas da parte de minha mãe... ficaram na mesma situação de atraso.

Estive lá em Pé da Ladeira, onde eu nasci, e visitei

o engenho de moer cana onde eu trabalhava na minha infância. Visitei também a casa de farinha. Ainda estava tudo lá. A maioria dos meus parentes viveu a vida toda ali e ali mesmo morreu. Além de mim, só dois irmãos foram embora do Maranhão: Raimundo e João Macedônio, que foram para Rio das Ostras, no Rio de Janeiro. O resto ficou lá mesmo, em Pé da Ladeira e em Mangabeira. Alguns saíram por aí, mas voltaram.

Minha prima Lusia ficou tão alegre com a minha presença, depois de 56 anos de distância e depois de já quase não haver mais ninguém da família, que escreveu uns versos pra mim.



Figura 40 – Apolônio e familiares: Da esquerda para a direita: Sebastião (irmão), Lusia Passarinho (prima-irmã), Apolônio e Margarida, irmã por quem trabalhou como escravo por um ano. São Raimundo das Mangabeiras, 2001.



Figura 41 – Apolônio e familiares. Da esquerda para a direita, destaque para Virgilino, tio (sentado), Apolônio e Sebastião (irmão). São Raimundo das Mangabeiras, 2001.



Figura 42 – Em Pé da Ladeira, Apolônio mostra o minadouro de onde, na infância, retirava água para abastecer a casa, 2001.

Impacto

No dia 20 de novembro de 2001, senti o desejo de ir a Ilhéus levar uma oferta para uma família que passava necessidade. Tomei o ônibus da empresa ROTA e fui-me embora. No trajeto, quando me levantei para pegar o dinheiro de pagar a passagem, houve um acidente horrível. O ônibus se chocou com uma caminhonete que vinha no sentido contrário. Eu confesso que não vi nada. Quando acordei, eu estava sobre as ferragens da caminhonete, coberto de estilhaços de vidro e o povo todo ao redor de mim. Uns diziam: “O velho morreu”. Outros falavam: “Ele está vivo”. De repente, chegou a televisão filmando tudo... aí um falou de lá: “Esse é o Pastor Apolônio”. Eu ouvia essas vozes como se estivesse num sono profundo. Foi nessa hora que me levantei e perguntei: “O que foi que aconteceu”? E o povo todo saiu de perto de mim, pois pensavam que o velho tinha morrido. Aí falaram: “O homem ta vivo, ta vivo”.

Só no hospital, vários dias depois, é que soube que eu havia sido projetado para fora do ônibus e caído sobre os destroços da caminhonete, onde havia dois rapazes mortos pelo impacto. Levaram o dinheiro que eu carregava, mas fiquei vivo. Pela graça de Deus, tive apenas fratura em seis costelas. Uma delas havia atingido o pulmão e por isso tive que ser operado às pressas. Nessa hora, fui assistido por muitos médicos conhecidos: Dr. Edson Dantas, Dr. Emanuel Conra-

do, entre outros. Durante a minha internação, recebi centenas de visitas. Era gente que vinha de todo lugar para me visitar. Era gente das igrejas batistas, gente da Assembleia de Deus, gente da Igreja Universal, vizinhos, gente pobre dos bairros de Itabuna, gente que eu nem me lembrava mais. Houve até um médico, que não me conhecia, que falou assim: “Quem é esse homem que recebe tanta visita? Nunca vi tanta gente assim na porta do hospital. Quem é esse”? Nesse período em que fiquei hospitalizado, percebi que muita gente gostava de mim e que meu trabalho em Itabuna não era em vão.

Uma técnica de enfermagem que cuidava do meu pai me chamou num canto e disse: “Minha filha, não se preocupe com nada porque seu pai está entre amigos e será muito bem cuidado. Quando me saparei do marido, eu não tinha como pagar a matrícula da minha filha na faculdade e foi o Pastor Apolônio quem me deu o dinheiro. Enquanto minha situação não melhorou, ele nos levou alimentos de quinze em quinze dias”. Fico impressionada como painho ajuda as pessoas, apesar do seu pouco dinheiro. O dinheiro dele se multiplica e beneficia a muitos. E o mais importante é que ele faz isso pelos bastidores, em silêncio, sem ninguém saber de nada. Ele renuncia à própria humanidade para voltar-se aos necessitados. Entendo isso como cumprimento do texto bíblico, que por sinal foi parafraseado por Gilberto Gil na canção Drão: “Se o grão de trigo caindo na terra não morrer, fica ele só, mas se morrer, dá muito fruto” (João 12:24). Meu pai é realmente uma pessoa iluminada, digna, humilde, um exemplo a ser seguido. Sinto-me privilegiada em estar ao seu lado.

Isis Silva Brito, junho de 2010.

Quadro 14 - Cronologia comparativa – 2001

Brasil oficializa o Ano Internacional do Voluntário.	EEUU sofrem ataque que destruiu as Torres Gêmeas (World Trade Center), um dos símbolos do capitalismo americano.
------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

Câncer e cura

Em 2003, os exames mostravam que eu tinha câncer de próstata, mas não me rendi à doença. Submeti-me ao tratamento à base de radioterapia. Era um procedimento doloroso e cansativo. Eu ficava isolado numa sala do Hospital Manoel Novaes. Porém, a medicação me gerava dores nas mamas. Incomodava bastante. Então, depois de seis meses, e por conta própria, parei de tomar os remédios e não mais quis ir ao hospital. Os médicos diziam que eu tinha que continuar com a medicação senão eu iria morrer, mas eu disse que não ia tomar mais. Disse que se Deus me quisesse levar, que levasse.

Uns três meses depois, aceitei fazer novos exames e o resultado me foi um presente de Deus: eu estava curado. Não acreditaram e repetiram os exames. Novamente, deu a mesma coisa. Fiquei curado, pela graça de Deus. Hoje não sinto nada, não tenho problema nenhum. Caminho a cidade toda, visito pessoas, subo em ônibus, ando de motocicleta com meu filho Adel, faço tudo. Os médicos ficam impressionados comigo porque eu não tenho nada. Acho que eles queriam que eu tivesse alguma coisa.

Retorno à Corrente

Em outubro de 2006, juntamente com meu filho mais velho e um dos meus genros, esposo de Isis, retornei a Corrente para rever alguns amigos do tempo do IBI. Saímos de Itabuna, passamos por Vitória da Conquista e fomos parar em Barreiras, após mil quilômetros de estrada. De Barreiras, eu fiz de carro um pedaço do trecho que fizera a pé em 1944, a caminho do colégio americano. Passamos por Formosa do Rio Preto, vimos o lugar chamado Pedra da Baliza e chegamos a Corrente. Fiquei emocionado porque lembrei do dia em que cheguei lá com saco nas costas.



Figura 43 (Esquerda) – Apolônio à porta da Primeira Igreja Batista de Corrente, 2006.

Figura 44 (Direita) – Apolônio e o genro, Samuel, na Faculdade do Cerrado Piauiense, antigo Instituto Batista Industrial de Corrente - PI, 2006.

Visitei a Primeira Igreja Batista e o instituto onde eu havia estudado, que agora deu lugar à Faculdade do Cerrado Piauiense. Por lá, tudo ainda estava parecido, até a secretária da Faculdade era a mesma senhora que trabalhava no tempo do IBI. Ela fazia trabalho de secretaria e também tocava a campanha na hora do intervalo. O nome dela é Mercedes Nogueira. Revi Josué Nogueira, que hoje é advogado, e outros ex-colegas que são gente importante na cidade. Revi também a professora que fora trabalhar na escola que fundei no Jalapão, Amazília, e visitei um senhor chamado Juvêncio, que me deu muito trabalho lá no internato masculino. Ele agora é piloto de avião, tem seu próprio avião e a pista de pouso fica defronte à casa dele. Revi também o prédio velho onde funcionava a pensão. Ali trabalhei muito, carregando água do rio... eu sei que caminhei pela cidade toda, cumprimentei muita gente e o povo me reconheceu. Tomei café na casa de um, almocei na casa de outro... todo mundo ficou alegre, mas achei o povo meio velho, acabado:

- E Filemon, ainda vive?

- Vive, é aqui nessa casa.

- E Afonso?

- Afonso morreu.

- E Luma?

- Morreu também, mas Emerson está vivo. Mora ali naquela casa azul.

- E Jairo?
- Mora ali, onde tem aquela grade.
- E a casa de Gedida, é perto?
- Gedida é ali, mas está muito doente.
- E Jônatas?
- Morreu.
- E Juracy?
- Morreu também.

Conheci Apolônio quando eu era ainda aluna do Instituto. Hoje tenho 72 anos e digo com certeza que grande parte do que sou hoje devo a ele. Apolônio foi uma pessoa que me orientou muito. O trabalho que ele iniciou no Jalapão, e que foi continuado por mim, cresceu bastante. Tanto cresceu a congregação quanto cresceu a escola, lá em Mumbuca. Ao final do curso aqui no IBI, ele também me encorajou a continuar meus estudos no Rio de Janeiro. Eu achava que não daria certo porque eu não tinha dinheiro pra estudar fora, mas Apolônio me estimulou tanto que terminei indo morar no Rio. Do Rio ele me escreveu uma carta dizendo que estava tudo certo pra eu estudar lá, que já tinha arranjado um lugar no internato e que eu teria uma bolsa de estudos. 1953, eu já era aluna do Colégio de Educadoras Cristãs no Rio de Janeiro. Quando retornei a Corrente, já foi para ministrar aulas no IBI, onde trabalhei e me aposentei, graças a Deus e ao Apolônio.

Amazília Mendes de Carvalho Reis, professora. Corrente, outubro de 2006.



Figura 45 – Apolônio e ex-colegas do IBI. Corrente-PI, 2006.

Isabel Teodoro Brito (1927 - 2007)

Isabel era uma mulher extraordinária. Teve uma formação muito boa dos seus pais, em Minas, que foi complementada pelo Dr. Johnson e Dona Elizabeth. Era uma pessoa discreta, sensata, dedicada aos filhos e ao trabalho. Nunca ouvi de Isabel uma reclamação sequer ou algo que não fosse para edificar, para construir. Sem o apoio dela, eu não teria feito nada do que fiz até agora. Era uma missionária de verdade, uma pessoa que já me chegou pronta para realizar comigo a obra que nos norteou a vida toda. Graças a Deus, tive essa mulher virtuosa ao meu lado por cinquenta anos, uma mulher extraordinária.

Quadro 15 - Cronologia comparativa – 2007

Novo Código Penal Brasileiro torna punível discriminação com base na raça ou etnia.	França e Suíça anunciam descoberta de um novo planeta, o Gliese 581c.
-------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.

CEIFAS

Meu pai comprou um lote no bairro chamado Gogó da Ema e construiu ali um espaço para cultos e para funcionar como escola. A construção inclui salão, banheiro e um pequeno escritório. As pessoas diziam que o lugar era perigoso, frequentado por criminosos, mas ele não se importou com isso. Pelo fato de o nome do bairro ser pejorativo, ele só se refere ao lugar pelo nome CEIFAS, que significa Centro Evangélico de Integração Fraternal e Assistência Social. Ali inclusive funcionou um programa de alfabetização da Prefeitura de Itabuna, em parceria com o Banco do Brasil. Quando eu o levo ao local, percebo que ele é muito querido pela comunidade, as crianças correm para abraçá-lo.

Isis Silva Brito. Itabuna, maio de 2010.

AMBEC

AMBEC significa Associação Missionária de Beneficência e Cultura. Trata-se de uma associação civil, de direito privado, de caráter sociocultural, ambiental, educativo, de saúde e beneficência. É a entidade que pretendo criar. Quero implantar isso em Una, lá no nosso sítio. Percebo que a população rural hoje está incorporando as coisas ruins da cidade. Os jovens estão sem rumo, sem futuro e usando drogas. Através da AMBEC, quero desenvolver atividades culturais, palestras sobre o meio ambiente e agricultura sustentável. Com fé em Deus, te-

remos ali uma escola para os filhos dos trabalhadores rurais, uma ambulância para levar os doentes para o hospital de Una e assim pregaremos o evangelho de Cristo para aquele povo.

Apolônio, há pessoas aqui que desejam contribuir. Queremos fazer uma reunião para determinar como poderíamos ajudar. Seria bom que você viesse pra cá e falasse sobre os seus projetos. Ouvindo a fala do próprio fundador, é melhor. Além do mais, recebê-lo aqui seria um grande prazer.

Goetz Ottmann, sociólogo. LaTrobe University, Melbourne,
julho de 2007.

Aposentadoria compulsória

Pouco depois do meu aniversário de 91 anos, tive uma notícia que me deixou muito triste. Recebi uma carta do Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura de Itabuna falando de minha aposentadoria compulsória. O documento mencionava o princípio da legalidade, da moralidade, da impessoalidade e, em suma, dizia que, de acordo com a Lei Orgânica do Município, eu teria que ser aposentado por causa da idade. No final da carta, há até um agradecimento pelos serviços que prestei ao município. Na verdade, a prefeitura já deveria me ter aposentado há muito tempo, porque parece que essa Lei se refere à idade de 70 anos. Considerando que isso me chegou quando eu já estava com 91, logo a coisa estava atrasada. Mesmo sabendo disso, fiquei muito triste e me senti jogado fora, como se fosse uma coisa velha que não presta mais. Fiquei ainda

mais chateado porque o dinheiro que a prefeitura me pagava, eu gastava todo na própria escola. Meu salário era pra comprar cimento, areia, para pagar os pedreiros, pra ajudar aluno carente. Para mim mesmo, eu não tirava nada. Além disso, sempre trabalhei o tempo todo. Eu recebo os pais dos alunos, faço palestras para os professores, capino a frente da escola, faço de tudo. Porém, a prefeitura me disse que eu não sirvo mais para o trabalho porque estou velho. Conheço muita gente jovem que não faz nada por pura preguiça, gente que não tem ânimo pra nada. Também conheço pessoas que são jovens na idade, mas velhas na mentalidade. É por isso que sempre soube que, para ser velho, não precisa ser idoso. Em todo caso, não posso mudar a lei dos homens, tenho que aceitar essa aposentadoria. Contudo, mesmo sem salário, continuo trabalhando no Educandário Isa Brito e no meu sítio em Una. Quero chegar ao céu cansado, para o descanso eterno.



Figura 46 (Esquerda) – Apolônio em seu sítio, Una-Ba.

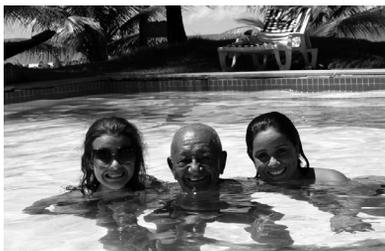


Figura 47 (Direita) – Apolônio e Kiri (neta, à esquerda) e Isis (filha, à direita).

Quadro 16 - Cronologia comparativa – 2009

Petrobras anuncia prospecção de petróleo, em grande quantidade, da camada pré-sal. A descoberta projeta o Brasil entre os maiores produtores do mundo.	Barack Obama é o primeiro presidente negro dos Estados Unidos da América.
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------

Fonte: Enciclopédia Britânica, versão eb.com / Enciclopédia Barsa Saber, *online*.



Figura 48 - Apolônio faz palestra na UESC e conta sua trajetória do Maranhão ao Piauí. 2009.



Figura 49 – No Museu da Gastronomia Baiana, do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Apolônio vê demonstrativo do modelo de produção de farinha no sertão, idêntico ao que conheceu na infância. Salvador, 2009.

Teologia, filosofia e vida

Acho que já fui muito convencional quanto à vida eclesiástica e fiz muita coisa que para mim, hoje, não faz sentido. Às vezes, me questiono sobre o que é mesmo a religiosidade. Cheguei à conclusão que para o homem inculto, a religião é uma espécie de amparo, um porto seguro, uma realização importante. Para o homem culto, é mais um objeto de estudo, é somente curiosidade. Em todo caso, é preciso entender que religião é uma necessidade humana e não divina. Deus não precisa de religião nenhuma. O homem é que necessita da religião, criada por ele mesmo. Nesse sentido, a teologia é uma matéria que se prende às necessidades espirituais do homem. Trazendo isso para o campo da metodologia, o objeto de estudo da religião é Deus. Porém não é possível colher dados primários desse objeto, que é Deus. Não é possível fotografá-lo, medi-lo ou entrevistá-lo. É preciso se limitar ao que foi escrito sobre ele. Nesse sentido, a Bíblia é uma fonte de dados secundários sobre Deus. E a própria Bíblia, no livro de Jó, capítulo 36, versículo 26, classifica Deus como “incompreensível” ao homem. Portanto, vale mais a percepção e a experiência de cada um com Deus do que aquilo que pregam acerca dele.

Por sua vez, a filosofia é uma forma do homem questionar a vida, o sentido da vida. Inclusive, acho que a vida humana, em si, não faz sentido. O homem é que precisa dar sentido à vida. Cada um abraça uma

causa, uma coisa, pra dar sentido à sua vida. E a religião também é uma maneira de fazê-lo. Porém, com certeza, a realização *in totum* não é possível. Toda vez que uma necessidade humana é satisfeita, surge uma outra, em seguida, e o ser humano deseja mais. Portanto, só é possível realizar-se parcialmente. Só no campo espiritual é que a realização pode ser integral, plena, para aquele que crê. Quando, pela fé, o indivíduo aceita o absoluto, ele se acha realizado, porém isso só serve e só funciona para o portador dessa fé. Para os outros, não serve. Nisso percebe-se a grande importância da religião para o homem. A religião lhe dá conforto e segurança, mesmo acerca do inatingível, do incompreensível, daquilo que o homem de fato jamais entenderá. Enquanto a filosofia questiona, indaga (sem querer dar resposta alguma), a religião explica de forma simples até o inexplicável. E por isso o homem religioso se sente bem e apega-se a isso como sendo uma verdade absoluta. Todavia, para ser crente (ou seja, aquele que crê), não precisa ir a igreja nenhuma. Onde ele estiver, Deus ali estará. O papel da liturgia religiosa é o de agregar pessoas e isso tem cunho social e fraterno. Não é necessariamente para suprir necessidades espirituais. Igreja é apenas lugar de encontro social, de irmandade, de fraternidade. Inclusive, na antiguidade, os hebreus acreditavam que Deus estaria circunscrito a um lugar. Acreditavam que Ele

só estaria onde a Arca da Aliança²¹ estivesse, ou só estaria em Jerusalém, no templo. Daí essa ideia de que Deus está na igreja e que o fiel, para ser abençoado, deve ir lá. Contudo, o próprio Jesus Cristo derrubou isso, para escândalo dos religiosos do seu tempo. O texto que está no livro de João, capítulo 4, versículos de 21 a 24, trata do diálogo que Jesus teve com uma mulher: “Mulher, crê-me, a hora vem em que nem neste monte (Gerizim), nem em Jerusalém adorais o Pai... Deus é espírito e seus adoradores devem adorá-lo em espírito e em verdade”. Com isso, Jesus está dizendo que Deus não se limita a lugar nenhum. O livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 7, versículo 48, ainda ratifica isso quando diz: “O Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens...”. Segundo os ensinamentos de Jesus, Deus está em nós e, onde estivermos, Ele conosco estará. Contudo, visto que a crença está na mente, na memória, posso acreditar no que eu quiser, e isso se torna uma verdade para mim. É uma opção minha. A fé é minha.

Ainda quanto à realização, além da crença num ser supremo, vejo o casamento como algo de suma importância para a realização do homem. A vida de quem vive só é muito pequena. O homem tem necessidade de uma parceria com alguém, necessidade de companheirismo, de ter um par. Porém, é preciso deixar claro

21 Arca feita de ouro em que eram transportadas as tábuas da lei mosaica, os Dez Mandamentos.

que casamento é a junção de duas coisas semelhantes, que se irmanam, que se casam, que se assemelham. E isso é feito exclusivamente pelos nubentes, sem a necessidade de nenhuma formalidade civil ou religiosa. Pastor e padre não casam ninguém. Os nubentes é que se encontram e se casam. O casamento se dá somente entre eles dois. Ademais, segundo a Bíblia, no livro do Gênesis, Deus fez a mulher para o homem, para que fosse sua companheira, para que se comunicasse com ele, e pronto. O texto só fala disso. A cerimônia de casamento que os homens criaram depois é uma questão meramente cultural. Deus não tem nada a ver com isso. Igualmente, Deus não é culpado por escolhas erradas, baseadas em critérios errados. Tampouco o indivíduo precisa passar a vida ao lado de quem não vale a pena. Diante do desrespeito, da incompreensão, da ofensa, dos males de um jugo²² desigual, a separação é o melhor caminho. Se o amor ao próximo deve ser na medida do amor próprio, logo a pessoa que gosta de si tem que se separar da outra que lhe faz mal. Além disso, para amar, não precisa gostar. São dois verbos diferentes. Posso amar tanto alguém que lhe desejo bem, oro por ele, desejo-lhe sucesso, mas não quero chegar perto dele porque ele me é uma ameaça. Então, se uma pessoa se separa de outra por amor próprio,

²² Peça de madeira usada para unir dois bois, pelo pescoço, de modo que trabalhem juntos e dividam a carga; canga. Para que um boi não quebre o pescoço do outro, é preciso que sejam do mesmo porte.

não creio que deva ser eternamente punida com a solidão por ter feito uma escolha errada no passado. A pessoa tem o direito de casar-se novamente e ser mais feliz ao lado de outro. Inclusive muitos líderes religiosos gostam de usar aquele texto do livro de Mateus, capítulo 19, em que Jesus fala: “o que Deus ajuntou, não o separe o homem”, no intuito de dizer que o divórcio é inaceitável. Contudo, essa frase, analisada no contexto bíblico, pode ter outro sentido. Para mim, no que entendo do texto, o que Deus juntou (e o homem não deve separar) foi o homem e a mulher, o macho da fêmea, visto que um foi feito para o outro. A escolha de José ou João, ou qualquer outro, como esposo, é da alçada humana. É fruto do livre arbítrio²³. Em nenhuma hipótese, a escolha do casamento seria feita por Deus. Deus não casa ninguém. Aliás, se o casamento fosse feito por Deus, a união seria perfeita, porque Deus é perfeito e não se admitiria erro nos Seus atos. Outra parte do texto que é muito usada, mas não no sentido mais sensato, é aquela, no verso 5, que diz: “deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne”. Ora, como serão uma só carne se cada um é cada um? Não existe como transformar o marido e a esposa numa coisa só porque individualmente são diferentes. Cada um vem de uma cepa diferente e jamais serão um só, mesmo que se entendam. Na minha compreensão, o único que pode ser uma só

23 Doutrina que afirma o direito e o poder que o indivíduo tem de escolher e, conseqüentemente, deve arcar com o ônus das suas escolhas.

carne é o filho, oriundo dessa união. O filho, sim, tem parte do pai e parte da mãe. Assim, dois formam um só. Inclusive isso hoje em dia pode ser comprovado através de exame do DNA²⁴. Portanto, em suma, acho que ninguém deve ser infeliz por causa de casamento errado, nem infeliz na solidão por achar que não pode se casar de novo. A vida é muito curta para ser vivida de maneira infeliz. Simplesmente, não vale a pena.

Sinceramente, se eu fosse organizar uma igreja hoje, seria muito diferente de qualquer doutrina que conheço. Essa igreja não se enquadraria em convenção nenhuma, e nem teria nome nenhum. Seria, sim, uma escola onde se aprende o amor e a justiça do Reino de Deus. Seria um lugar de aprendizado sobre como ser amoroso e justo, e mais nada.

Sobre minha longevidade, com saúde física e mental, e com disposição para o trabalho, acho que é o cumprimento da palavra que está na Bíblia, conforme o livro de Êxodo, capítulo 20, versículo 12, que diz assim: “Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá”. Outro texto que passei a entender depois de idoso, e que talvez esteja no mesmo contexto, é o seguinte: “os que esperam no Senhor renovarão suas forças, subirão com asas como águias, correrão e não se cansarão, caminharão e não se fatigarão” (Isaías 40:31). E de fato, sempre tive fé e sempre honrei

24 Sigla para ácido desoxirribonucléico, composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que orientam o desenvolvimento dos seres vivos, servindo, assim, para identificar parentesco entre as pessoas.

e respeitei minha mãe. Acho realmente que Deus me tem dado uma vida longa como recompensa. Em todo caso, entendo isso como uma oportunidade para eu continuar meu trabalho e fazer mais coisas. Enquanto me preparo para a velhice, continuo a trabalhar e todos os dias agradeço a Deus pelo fato de ter em mim os bens mais valiosos da vida: saúde, paz e alegria. Acho que é só isso.



Figura 50 – Escola Batista da Califórnia, Itabuna-BA, fundada por Apolônio nos anos de 1960.

Apolônio, o multiplicador



Figura 51 – Samuel Mattos e Apolônio Brito. Salvador, 2009.



Figura 52 – Apolônio Brito. Ilhéus, 2009.

Curiosidades sobre Apolônio Brito

Voz e canto	Aos 92 anos, sua voz ainda soa como se ele fora jovem. Acredita-se que o fato de sempre ter cantado, desde a infância, tenha desenvolvido extraordinariamente a musculatura das suas cordas vocais.
Acidente e músculos	Apolônio tinha 82 anos quando foi arremessado, pelo pára-brisa, e por cerca de dez metros, para fora do ônibus no qual seguia, caindo sobre os destroços da caminhonete envolvida no acidente. Certamente foi protegido pela sua musculatura, desenvolvida pelo trabalho braçal que nunca deixou de fazer.
Imunidade	Apolônio nunca tomou vacina. Acredita que vacinação seja uma forma de adoecer as pessoas.
Dinheiro	Apolônio nunca se preocupou em usar o dinheiro em seu próprio benefício. Usa seu salário para ajudar os outros, principalmente no que se refere à educação e alimentação. Em contrapartida, sempre foi presenteado com sapatos e roupas, incluindo ternos.
Vale	Quando sem dinheiro, mas desejoso de atender a um pedinte, Apolônio faz um vale destinado a um estabelecimento onde tem crédito: "Senhor Fulano, favor entregar ao portador um quilo de arroz. Grato, Apolônio".
Calendário	Apolônio nunca atentou para dias festivos, feriados, férias, datas de aniversário, nem mesmo a sua. Indiferente ao calendário, faz o que pretende e prioriza seus próprios planos, a qualquer tempo.
Segurança	Apolônio nunca diz para onde vai e nunca retorna pelo mesmo caminho. Ao sair, apenas fala: "Vou agir. Até logo".
Despedida à esposa	À hora do sepultamento da sua esposa, falou: "Adeus, Belinha, adeus... mas eu não vou por agora, não, viu? Vou ficar aqui ainda uns dez anos porque tenho muita coisa a fazer".
Escolas	Quando perguntado sobre quantas escolas já fundou, sempre responde: "Quem faz as contas é Deus. Meu trabalho é só abrir escola e botar o povo pra estudar".

Depoimentos dos filhos

“Meu interesse por avião vem desde que me entendendo por gente. Quando criança eu ia a Ilhéus com meus pais para a casa de veraneio do Dr. Johnson, no bairro do Pontal, perto do aeroporto. Lá eu ficava o tempo todo olhando pro céu para ver aviões. Depois que cresci um pouco, em vez de ficar na praia, eu pedia a meu pai para ir comigo à beira da pista para ver os aviões pousarem. Depois eu já ia sozinho para observar pousos e decolagens. Em paralelo a isso, meu pai me contava as histórias lá de Corrente, que incluíam o avião do Instituto Batista Industrial. Minha mãe também me contava que havia voado com o Comandante Fildren, que era americano, e com o Comandante Carlos Pinto, que era da Força Aérea Brasileira e que passara um tempo em Corrente, a serviço do Instituto. Lembro-me também que através dos americanos Leona e Eugene Troop, conheci um casal de missionários que periodicamente vinha de Jaguaquara, do Colégio Taylor Egídio, para Itabuna em avião próprio. E foi nesse avião que voei pela primeira vez. Era o ano de 1968 e eu tinha 10 anos de idade. Depois disso, minha paixão por avião aumentou bastante. Porém, não havia em minha família ninguém que lidasse com avião. Meu pai era pastor, minha mãe era professora e a nossa situação financeira não nos permitia pagar um curso de piloto. Apesar disso, meu pai dizia: “Meu filho, se você quer

ser aviador, você vai ser aviador. Lembre-se que somos filhos do Deus poderoso e irmãos de Jesus Cristo. Na hora certa, Deus vai abrir as portas”. Alguns dias depois, meu pai me apresentou a um empresário chamado Giovani Conrado, que tinha avião. Então, vendo meu interesse, Giovani permitiu que eu voasse com ele. Através desse contato, passei a freqüentar semanalmente o aeroporto de Itabuna. Todo sábado à tarde eu lá estava no meio dos aviões. Na época, havia muitos fazendeiros de cacau que tinham aviões. Então existiam aviões particulares e um avião do Aeroclube de Itabuna. O advogado e aviador Dr. Carlos Eduardo Pitanga na época reformava um avião modelo AERONCA – CHIEF e me adotou como aprendiz. Durante dois anos e meio, pude ajudá-lo na reforma dessa aeronave, o que muito me auxiliou no embasamento da cultura aeronáutica. Quando completei 15 anos de idade, tempo em que já fazia o 1º Científico, comecei a tomar aulas de pilotagem. Aos 17 voei sozinho pela primeira vez e tirei minha carteira de piloto. Isso só foi possível porque muita gente me ajudou a pagar o curso: meu pai tomou dinheiro emprestado num banco e pagou vinte horas de vôo (metade do curso), Damares Mattos me deu outras cinco horas, Giovane me deu cinco horas e eu comprei as dez horas restantes com o dinheiro que eu ganhava tocando piano numa escola de balé. O dinheiro do piano, equivalente a um salário mínimo,

dava para comprar uma hora por mês. Assim obtive minha carteira em 1975 e a partir de 1977 comecei a trabalhar de piloto em Vitória da Conquista, depois Rio de Janeiro e Salvador, onde fui piloto da Bahia Taxi Aéreo - BATA. Da BATA fui para a Nordeste Linhas Aéreas e depois para a Viação Aérea São Paulo – VASP, empresa onde trabalhei por dezesseis anos, chegando a ser comandante do MD-11 em linha aérea internacional. Da VASP fui para a TAM (Transportes Aéreos Marília) e de lá para a GOL, seguida da empresa Avianca Brasil. Hoje, aos cinquenta anos de idade, resolvi sair de linha aérea e trabalhar na aviação executiva. Gosto muito do que faço e devo minha realização ao estímulo que recebi de meu pai”.

Adel Silva Brito

Piloto executivo. Itabuna, junho de 2012.

“Apolônio não é meramente o meu genitor. Ele traduz, em vida, o que para mim é o verdadeiro significado de ser pai. É para mim um amigo, tutor, mentor, conselheiro, líder, guerreiro. Ele é uma inspiração!

Apolônio, meu pai, é capaz de amar incondicionalmente. Ele se doa por completo. Ama, mas não domina. Ouve, mas não julga. Ele apóia, mas não pede retribuição. Guia, mas deixa a pessoa experimentar o leme. Ele

tem visão, mas ensina a sonhar e sonhar alto.

O Apolônio, meu pai, também é um ser humano, e como tal, está sujeito a falhas. Não é perfeito, mas sabe reconhecer erros e está sempre pronto a aprender com a vida e reconsiderar posições. Com ele, aprendi que a vida é permeada de áreas que não são pretas nem brancas, tudo é relativo...

Apolônio sabe que não sabe e esta é uma das suas virtudes: ele tem sede de saber, continua aprendendo. Com ele, aprendi também a apreciar a reflexão e o questionamento intelectual, amar as letras e entender o poder da palavra. Foi ele quem também me ensinou a importância da fé. Ele me lembra sempre que “sem fé é impossível agradar a Deus” e esta fé é bem palpável quando canta. Meu pai canta com a alma: “... mas eu sei em quem tenho crido, e estou bem certo que é poderoso, para guardar o meu tesouro até o dia final!”

À medida que escrevo, dou conta do seu altruísmo e da paixão que o motiva na sua caminhada aqui na terra: a completa dedicação de vida à vocação para a qual foi chamado, o sacerdócio e a educação do homem. Sua dedicação ao ministério o levou a abraçar a justiça social. Ele consegue, com seus atos, traduzir o conceito de apoio ao homem na sua totalidade física, mental, intelectual, social e espiritual.

Apolônio é pai não só dos sete filhos que gerou, mas de outros muitos aos quais dedica amor. Ainda

hoje, após toda uma vida vivida, está pronto a amar, auxiliar, direcionar, apoiar e educar pessoas.

Apolônio, meu pai, acredita piamente no valor e no potencial dos seres criados à imagem e semelhança de Deus. Ele realmente acredita que somos capazes de fazer diferença na vida de outrem.

Apolônio, meu pai, é homem de determinação invejável, de um entusiasmo contagiante, de um humor fascinante, de uma empatia cativante... é uma dádiva dos céus”.

Iris Silva Brito

Executiva. Melbourne, Austrália, maio de 2012.

“Uma das grandes virtudes de meu pai e de minha mãe é a sabedoria em filtrar informações, saber quando e como passar informações aos filhos. Em relação à saída da Teosópolis, que lhes gerou profundos traumas, eles não nos externaram nada. Dentro de casa, nunca se ouviu falar nada sobre o assunto, nunca se falou do problema, nunca foram mencionados nomes de pessoas envolvidas. Meu pai nunca falou das pessoas que tentavam encontrar nele limitações para o desenvolvimento do trabalho, nunca falou de pessoas que o discriminavam e o ofendiam

Quanto à nossa estada na roça, em Una, vivendo em condições muito precárias, meu pai falava que vi-

víamos um novo momento, que aquele era um período transitório, que depois as coisas iriam melhorar. Ele nos fazia olhar para frente, nunca para trás. Mesmo depois de termos retornado a Itabuna, em nenhum momento ele se reportava ao passado. Só falava do presente, dos planos de abertura de um novo trabalho, de uma nova igreja, de uma nova escola. Ele e mainha não relacionavam nada ao momento de dor porque passavam. E de fato as caminhadas do Conceição para o Banco Raso, onde ele iniciou a Igreja Missionária, eram para nós uma novidade. Víamos aquilo com alegria, como quem lida com algo novo.

Somente na fase adulta, quando todos os filhos já estavam estabilizados profissionalmente, é que ele começou a esporadicamente nos fornecer algumas informações sobre o que de fato o levara a sair da Teosópolis. Somente nessa fase é que soubemos das coisas e dos nomes das pessoas envolvidas. Algumas vezes eu o questionava “por que o senhor trata bem fulano de tal e ainda vai visitá-lo, se ele foi um dos que lhe perseguiu”? Então ele citava versículos bíblicos se referindo ao exemplo de Jesus Cristo. É impressionante como ele tem o dom de perdoar, visitar e confortar pessoas, mesmo aqueles que lhe fazem mal”.

Isis Silva Brito

Pedagoga. Itabuna, maio de 2012.

“Falar sobre meus pais, Pastor Apolônio e Dona Isabel Brito, é falar sobre minha formação, pois independente das razões do determinismo ou possibilismo, os filhos, na sua formação, são produto daquilo que aprendem com os pais. E o que aprendi com eles, pelo exemplo e modo de vida, moldou fortemente minha personalidade.

Ao acompanhar meus pais nas visitas que faziam, percebi que embora cercados de afazeres pessoais, dedicavam tempo às pessoas necessitadas de carinho e atenção. Através da sua simplicidade, pude aprender que caráter e determinação são mais importantes do que bens materiais. Uma frase que aprendi deles foi esta: “vão-se os anéis, ficam-se os dedos”. De certa forma, isso parafraseia o que disse o Mestre Jesus: “A prosperidade de um homem não se mede pela quantidade de bens que possui”. De fato, dos meus pais não herdei recursos financeiros e nem bens materiais. No entanto, herdei o maior tesouro, que foi uma boa formação espiritual e educacional, que me abriram muitas portas. Ao conhecer culturas diferentes na Ásia, África e Oceania, pude, por comparação, perceber que o que aprendi dos meus pais me serve em qualquer lugar onde eu esteja. A lição por eles deixada me faz hoje continuar o trabalho espiritual e social que iniciaram”.

Adiel Silva Brito

Pastor, professor, advogado. Itabuna, março de 2012.

“Do meu pai, acho que herdei a determinação para fazer as coisas e a visão que norteia minhas ações, além do apego à agricultura. Herdei também o bom humor, que por sinal me faz bem e me ajuda a lidar com os problemas. Uma das coisas mais importantes que aprendi com meus pais foi não ver dificuldade em nada. “Tudo é possível ao que crê”, foi o que me ensinaram. Quando eu era pequeno, eles me diziam que a criança sabe o que quer, mas não sabe o que precisa. Em paralelo a isso, eu ouvia: “você quer? Você vai conseguir, meu filho. Tenha fé em Deus e no tempo e na hora certa isso vai acontecer”. Assim, aprendi que nós podemos tudo, desde que nosso querer seja acompanhado pela atitude de fazer. Somos, dessa forma, resultado do que pensamos e agimos. Ao final, seremos eficazes se formos eficientes na realização de cada desejo, alimentado pela fé. Portanto, apesar das limitações financeiras da família, estudei em duas das melhores escolas, dentro da área que eu queria: a Escola Média de Agropecuária Regional da CEPLAC – EMARC, no curso de Agropecuária, e Universidade Federal de Viçosa, em Minas, no curso de Engenharia Florestal. A base familiar e o conhecimento formal adquirido me ajudam muito hoje em dia, tanto na presidência da Cooperativa de Produtores Rurais de Una – COOPERUNA, quanto no meu trabalho de secretário de agricultura do município de Una. Através da co-

operativa, trabalho no atendimento às necessidades do agricultor, incluindo a busca de melhores preços para os seus produtos, estabelecimento de parcerias estratégicas e, em síntese, pela qualidade de vida do produtor rural. Inclusive, estamos desenvolvendo três projetos importantes: um voltado para a melhoria na habitação, outro para distribuição de alimentos e outro na área de educação, todos em parceria com o Governo Federal. Nossa cooperativa começou com vinte cooperados em 1999. Quando eu assumi a presidência, em 2004, esse número aumentou para cinqüenta. Hoje são três mil. Quanto ao meu trabalho na Secretaria de Agricultura, tento basicamente desenvolver a agricultura familiar junto a mil e duzentas famílias na região de Una. Nosso desafio maior é dotar os agricultores de recursos tecnológicos para que produzam mais e melhor. Através dos valores do evangelho, que assimilei dos meus pais, tento também formar pessoas de modo que sejam melhores para si e para os outros. Creio que assim teremos melhores cidadãos e uma melhor sociedade no futuro”.

Aziel Silva Brito

Agricultor. Una, julho de 2012.

“Como referencial masculino, Apolônio Brito é para mim um modelo a ser observado, tanto na essência do caráter, quanto na mentalidade. Trata-se de um homem que verdadeiramente ama o próximo ao ponto de ser deixar gastar "por amor". Sua vida é pautada pelo servir ao Reino e pela filosofia cristã. Embora em sua trajetória tenha experimentado duras provas e decepções, nunca se deixou vencer e nem se deu por vencido. Ao contrário, tudo supera e muito espontaneamente enriquece a vida das pessoas que o cercam. Dotado de uma fé inabalável e pura, é altruísta, iluminado, amigo de todas as horas e circunstâncias. É um homem de opinião sensata e conselhos sábios, aos quais ouço sempre, mas só escuto de vez em quando. Apesar disso, aprendo com ele que sempre é possível melhorar o caráter, dia após dia. Pelo que é, sou-lhe eternamente grata, pois como pai, ele me é uma dádiva do Altíssimo. Ele me sente, acolhe, cuida, orienta, compreende, mostra o caminho e quando se faz necessário caminha junto. Nem sempre concorda comigo, mas escuta, entende e ama profundamente. Devo confessar que me sinto agraciada com o privilégio de ser parte do seu sangue. Como Pastor, é um tipo raro, aquele que exemplarmente cuida das ovelhas, dentre as quais talvez eu seja a mais trabalhosa. Observo também que ele vive o que prega e somente prega sobre o que acredita e conhece como verdade. Um dos muitos comportamentos que

admiro nele é que, quando ofendido, não se vinga, mas sempre entrega o caso para o Justo Juiz e assim nos mostra o caminho do perdão. Ele também não se preocupa em ser compreendido, mas empenha-se na arte de compreender. Como filósofo nato, independente da formação que teve em Filosofia, também o admiro muito. Na gana pela vida, é amante do saber, tem um extraordinário senso de humor e é íntegro e leal ao seu Deus. Costuma pautar suas ações o mais próximo possível do bem, do amor e da justiça”

Isabela Silva Brito

Musicóloga. Itabuna, abril 2012.

Dados biográficos do autor

Samuel Leandro Oliveira de Mattos nasceu em Juazeiro-Bahia em 1964, onde a família (mãe professora e pai médico) residia temporariamente. Cresceu na terra dos seus pais, respectivamente Ilhéus e Itabuna, na chamada Região Cacaueira da Bahia. É graduado em Turismo pela Faculdade de Turismo da Bahia (FACTUR), especialista em Administração Hoteleira pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e Mestre em Cultura & Turismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) / Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Nesta última, é docente lotado no Departamento de Letras e Artes – DLA, leciona no curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais – LEA/UESC e desenvolve projetos na área de turismo, cultura e entretenimento. Residiu por três anos nos Estados Unidos, onde frequentou um centro de estudos afro-americanos ligado a *First African Methodist Episcopal Church* e estudou ficção literária na Universidade da Califórnia - Los Angeles (UCLA).

No campo da literatura, compõe versos desde os dezesseis anos. Teve suas primeiras publicações feitas no *Jornal Diário de Itabuna* (1987) e poemas seus foram encenados pelos grupos “Poetas na Praça” e Aliança Bíblica Universitária, em Salvador (1988). Um dos seus poemas, “Ato Legal”, foi publicado na

coletânea anual de poetas grapiúnas (Poetas Ocultos), em 1998. Em 2008, publicou o livro antológico *Música na Rua e outros poemas*, pela Editora da UESC, EDITUS. *Apolônio, o multiplicador* é sua primeira obra em prosa.

*N*asceu em 1919 num remanescente de quilombo. Em pleno século XX, foi escravo por um ano em troca do enxoval de casamento de sua irmã. A pé, percorreu Maranhão, Pará, Tocantins (então Goiás), Bahia e chegou ao sul do Piauí para estudar no Instituto Batista Industrial da cidade de Corrente. Sujo, vestido em trapos e com um matolão nas costas, disse ao Dr. Blonnye Holmes Foreman, diretor do instituto: “Eu vim estudar aqui”.

Este livro conta a história de um homem que tinha tudo para ser mais um, mas conseguiu ser único.



ISBN 978-85-7455-225-5



9 788574 552255